

# ESCRAVIDÃO I

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

If Silva Carvalho's books are considered obscure from the start, this might be because they conveyed a form of obscurity inherent to their texts, to the author's language (peopled, as it is, by the frequent use of unknown vocabulary, elliptical or diffused syntax, philosophical semantics, etc.). Since he was writing in Portuguese, it would seem that Silva Carvalho might need to be translated – into Portuguese – even for the Portuguese.

But, then again, what is the Portuguese language? What is the language which properly belongs to an author? From where does its uncanniness, its obscurity come for all others? Even, maybe, for himself? For all others, or only for those who might be unfit to understand it? Is it possible that the author had clear thoughts, intuitions, perceptions, feelings which he, intentionally or not, obscured when transmitting them? And what is the "clarity" of a text? And why, that's the most important question, is there this *will* to clarity rather than to obscurity? Those questions, unfortunately, were never asked.

The truth is, the contemporary reader, too hurried, will necessarily find his books fraught with obscurity. Why? Because he does not know how to take time, the time to "assimilate" Silva Carvalho's text, to transform it in order to allow its meaning and clarity to occur, and to transfigure himself: after having been secretly wounded, to let himself be enraptured, delighted.

**Diane Yard**

# ESCRAVIDÃO I

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Autor: Silva Carvalho

Título: *ESCRAVIDÃO I*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: Edições Aquário

edicoes\_aquario@hotmail.com

Autor: silvacarvalho@hotmail.com

Site: <http://www.silvacarvalho.com>

## OBRAS PUBLICADAS

### Poesia

(em português)

**SUOR DO TÉDIO** (1969) Edição do Autor  
**MEMÓRIA DO PRESENTE** (1977) Brasília Editora  
**CANÇÕES** (1978) Edição do Autor  
**ASSIM** (1979) Brasília Editora  
**ESSAS VOZES** (1983) Quatro Elementos Editores  
**ANTES O PARAÍSO** (1985) Black Sun Editores  
**75 SONETOS** (1985) Solcris Editora  
**AO ACASO** (1986) Brasília Editora  
**SETEMBRO** (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

**DA ESTUPIDEZ** (1988) Brasília Editora  
**ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA** (1989) Brasília Editora  
**NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA** (1990) Brasília Editora  
**EM QUESTÃO** (1991) Brasília Editora  
**O PRESENTE, A PRESENÇA** (1992) Brasília Editora

**A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO** (2003) Edições Aquário  
**CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL** (2004) Edições Aquário  
**CYPRESS WALK** (2007) Edições Aquário  
**SONETOS PORTUGUESES** (2012 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**4328** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**ISLA VISTA** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))  
**A DOENÇA** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**ESCRAVIDÃO II** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**ESCRAVIDÃO I** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário

(em francês)

**LES TROIS AGES** (1973) La Pensée Universelle

### Porética

TRILOGIA PORÉTICA:

**O PRINCÍPIO DO ECO** (1993) Brasília Editora  
**TEORIA DA DISPONIBILIDADE** (1994) Brasília Editora  
**CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES** (1995) Brasília Editora

**MAIS OU MENOS** (1998) Black Sun Editores  
**NEW ENGLAND** (2002) Edições Aquário  
**MEDIOCRIDADE** (2003) Edições Aquário  
**AS ESTAÇÕES** (2004) Edições Aquário  
**TETRALOGIA FÁTICA** (2005) Edições Aquário  
**DÍPTICO MUSICAL** (2005) Edições Aquário  
**ELAÇÕES DO PEJORATIVO** (2012 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**LOGO** (2013 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**TALVEZ** (2014 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**MUITOS ANOS DEPOIS** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário

### **Romance**

**PALINGENESIA** (1999) Fenda Edições  
**O ROMANCE CONTEMPORÂNEO** (2000) Tertúlia Editora  
**QUE ESTUPIDEZ!** (2003) Edições Aquário  
**O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO** (2004) Edições Aquário

### **Ensaio**

**A LINGUAGEM PORÉTICA** (1996) Brasília Editora

*AO VASCO*  
*À FERNANDA*

LIVRO I

# ALIENAÇÃO



“...It became clear to me that alienation was a state approaching to sanity, a way of being human in a monstrously in-human world, and that feeling human was a useful form of political subversion.”

ROBERT HASS

## CONTRAPATIDA: O TERCEIRO ESTADO

I could not find in words anywhere the counterpart of what I felt within myself that lay unspoken and building in intensity.”

“There are many third states besides revolt and dissipation, they too must be recognized and named and understood and allowed to shift, change and live.”

MICHAEL MCCLURE

“...a poet against my will, no other life-alternative, nothing else possible, poetry the only self-solution, the last and only resort...”

LAWRENCE FERLINGHETTI

“Be patient that I address you in a poem,  
There is no other  
Fit medium.”

WILLIAM CARLOS WILLIAMS

## AQUI ESTOU

Não me aborreças mais: aqui estou.  
Não me importo de te dizer os erros suaves,  
as auroras de nada, os mundos doídos: aqui estou.  
Disparado pelo silêncio que a casa faz,  
sitiado pela tentacular luz da manhã,  
incapaz já de aguentar a fímbria da respiração,  
digo-te para que te contentes: aqui estou.  
Só tu sabes quanto derrotado, todos estes anos  
pedindo com fervor para que desapareças,  
da minha vida como do meu tédio,  
para sempre.  
Mas sempre vens, chegas, exiges: aqui estou.  
Homem seduzido pelo mecanismo fértil da loucura,  
peço-te: abrevia o encanto, deturpa o enigma.  
Desfaz-me de encontro ao rotineiro destino,  
se possível dilui-me no marasmo do vaivém.  
Que mais queres de mim?  
Uma vida de forçado, um escravo de palavras,  
das palavras que não amo nem mereço?  
Mas estou aqui, descansa.  
De lágrima no olho, patético esqueleto  
da irónica abundância dita fatalidade:  
escrever, já sei, já sei, tem que ser,  
como um castigo, uma amorfa revelação: aqui estou.  
Mas não me chateies: escreverei todos os dias  
os dias, assinalarei a presença, o espasmo, a doença  
que é simultaneamente estar e ser,  
com toda a alma que me resta, com um coração tredo,  
debaixo da mais impura emoção, sentindo, sentindo.  
Aqui estou.  
Aquele que pretendeu fugir,  
aquele que decidiu partir para não mais voltar,  
aquele que sofre não ser mais no menos que vive,  
sim, perplexo e aridamente aflito,  
como quem não aguenta a sorte, aqui estou.

6/10/82

## SEM SUBSTÂNCIA

Há dias que nascem sem substância:  
a própria natureza repercute sinais visíveis  
como o sol, o vento, as diásporas nuvens num céu  
sem história. Homens carregam a vida, neutro fardo,  
como um possível, desejado fado. Surdem então  
as palavras, os dispersos arados, as forças  
que derivam num hipotético mar sem sargaços.  
Morte? Duvido. Algo está, paira, delimita o sonho  
de quem existindo sente: não é a luz da manhã  
neste frio outono, nem possivelmente um traço,  
puro declive do temperamento: dar-lhe um nome.  
Há uma insuspeita alegria. Um olhar velho  
como ter sofrido todos os reveses, todas as faltas,  
alguns cataclismos traumatizantes. Estou bem.  
Não é de mim que quero falar. Nem da natureza,  
que não compreendo. Mas quero exprimir o nada  
como um rodopio de fogo, uma aluvião salvadora  
capaz de fertilizar os inóspitos dias de hoje.  
Nunca saberei viver. Nunca alcançarei a paz.  
Terra de estéreis guerras, o quotidiano social,  
ganhar o pão, trabalhar, fingir que se é homem.  
Tantas vezes me perguntei: quem sou? Acho-me agora,  
diante da janela que dá para a rua (Belo truísmo!),  
a responder à pergunta: onde estou? Claro,  
não me refiro ao país, nem à região. Onde estou?  
Em que parte de mim vivo eu? Haverá partes?  
Há eu? Sinto-me ainda corpo, este peso milenar,  
penso. Penso? Passam por mim milhares de ideias,  
todos os dias, a todas as horas, sobre tudo, sobre nada.  
Onde estarei? Quando disse: "Há dias que nascem  
sem substância", que pretendia dizer? Compreendo-me?  
E no entanto não mentia. Sim, há dias e noites,  
desfeitos num vazio que me faz medo, horas hirtas  
do novelo que encerra a tragédia: morrer, morrer!  
Todos os dias um pouco, assim, sem garras nem olhar,  
numa cegueira que quer, exige, procura ver. Para lá  
de tudo, do perto como do infinito, há este sentimento:

tristeza não sabê-lo para possui-lo, para merecê-lo.  
Mas há dias que nascem sem substância.

7/10/82

## UM VÉU

Devo amar muito e tudo para sentir-me tão bem!  
Não há mistério, mesmo se houvesse não saberia falar dele,  
não há alcance. Tudo se situa num perímetro de acção,  
como se eu fosse um silêncio revelado, uma música  
onde os instrumentos estão ausentes. A natureza,  
a terra, rodeiam-me de subtis cantos, ouço rumorejar  
fúlvidos regatos sem memória, vejo labaredas onde o fogo  
arde sem queimar, sinto a nudez da vida, seu hálito  
carícia de mãos que nasceram para amar a perda.  
A perda?! De quem? Nada me indifere: vou na rua,  
caminho sem pressa, presa sem sonhos, animal quotidiano  
dando voz ao fulgor da existência, aqui uma flor,  
ali uma casa de hábitos humanos. Vejo as mulheres  
que passam como barcos peludos de imagens fáceis,  
sinto sempre amor. Tudo está bem. Nem as guerras  
que grassam inumanas pelo planeta me impedem de sentir:  
aqui vou, homem de meia idade à procura do que encontro,  
sabendo perfeitamente que nada dura, e, por isso mesmo,  
gozando como um achado a queda no deslumbramento.  
A queda? Com as palavras invento-me. Não que não exista:  
quero dizer que este poema traduz a traição: cobrir  
uma emoção desfere um golpe terrível à linguagem:  
fá-la percorrer todas as dúvidas, todos os recantos  
que alguém procura esconder. Mas como dizia, a vida  
perpassa como um zelo, um véu, um apelo que sinto vir  
das mais ínfimas coisas, dos gestos estagnados, íntimos  
estremecimentos do corpo: a carne tem o seu alfabeto,  
diz com carinho ou com raiva a história imperfeita  
dum arroubo, de um deslize que galvaniza a hora.  
Estou bem. Tão bem que por vezes sinto a ausência.  
A ausência? Tudo fervilha, enxameia, rodopia dança  
de luz e sombras num vórtice sem tempo nem espaço,

mas onde, se a paz banha como uma claridade invisível,  
se o encanto dorme seus longos braços de ternura?  
Deve ser amor, ou o outro lado, o ritmo sem epopeia  
de um coração que bate as sanguíneas asas da loucura.

7/10/82

## O DIA DE HOJE

É em dias como hoje, quando algo me dói, fundo,  
que começo a perguntar à luz e ao silêncio do redor  
quem humanamente tenho sido. Não recebo resposta,  
nem me sinto preparado para inventar outro mundo.

Aquele que sou respira um animal, louco desejo,  
paralelo ao desgosto que o real transmite:  
deserto cataclismo, todos os dias pensar a vida  
como a matéria mais propícia para o sonho.

Mas não quero sonhar quanto sofro, quero saber  
na descoberta possível de mim o que faço aqui,  
tão longe do ardor que me vive no pleno sexo,  
tão perto do inviolável vazio que arfa medos.

Saber não de onde venho nem para onde vou,  
mas onde estou, em que terra, em que pátria,  
em que rodela do espírito, que a fome é tanta,  
tanto o desperdício que percorre meus anos.

Sinto-me ora perdido ora achado, caído em mim  
como quem sofre uma insuportável doença,  
alçado ao máximo do ser como quem voa veloz  
o espaço que medeia entre a dor e o êxtase.

Se soubesse sentir mais do que a existência!  
Se ao menos pudesse reflectir a trágica odisséia  
que meus passos impregnam nas areias míticas,  
rodeado de todos os reflexos que espelham ausência!

Se parecer não fosse um contínuo perecer!  
Que mais quero, que mais quero? A vida desfaz  
a ilusão, todos os gestos sábios que não fiz,  
feliz ou infeliz sempre me dói o dia de hoje.

11/10/82

## AURORA

Raro momento, uma calma de palavras edifica  
a pacacidade onde exulto livre da fome e do medo,  
apetece-me simplesmente escorrer, deslizar  
sem como nem porquê através dos meandros anímicos.

É isto a morte? Morrer, quero-o, assim escorregando  
tal a criança que não pude ser, no parque da vila  
onde padei o nascimento como quem sabia de sempre  
a dor que viria povoar as fibras do meu tormento.

Morrer lavado em lágrimas, um sorriso enternecedor  
como aquele que vi na mulher quando me amou jovem,  
longe do leito, da língua que recebi como um castigo,  
do peito que me alimentou de falsas esperanças.

Já não possuo palavras. Nem a inteligência capaz  
de se fingir sensibilidade em minutos de perda:  
êxtase é um sopro que não me visita (por que minto?)  
desde que perdi a vontade em ser mais um homem.

Não sou desta terra. Tenho muita pena. Nem pretendo  
ferir a família que me quer no apogeu do engano:  
não chamem ingratidão à minha indiferença:  
aquele que ama desprende-se das raízes, da terra.

Erra como um olhar sobre a superfície da aparência,  
não encontra uma casa, um casulo, um ventre: desce  
ao fundo do desejo e arfa, arqueja, morre:  
a mais bela morte passa pelo estertor do prazer.

Nunca ultrapassei o animal: daí meu mal, pertencer ao primevo dia como uma aurora que teima em ficar, o sangue palpitando quando vê uma fêmea. Selvagem, estiolo num mundo de ficções, de leis castradoras.

Só vejo com os meus olhos. Nunca aprendi a lição: de menino a adulto tenho sofrido as regras do jogo: fingir que compreendo o absurdo da sociedade deixou-me exangue: venha a morte, sibilino encanto.

11/10/82

### EXPECTATIVA

A chuva apodrece o dia: outubro de mais um ano, de cada vez a expectativa: virá a luminosidade como a vivi em saudoso mês da memória, quando a idade coincidiu misteriosamente com a natureza? Ousava então sentir a pureza da luz como uma voz capaz de hinos, de afagos melífluos: a minha estadia na terra cobria-se de significados caros ao amor que sempre desperdicei: como se vivesse outro pela primeira vez, como se o destino do homem traduzisse apenas a mais louca das mentiras: lembro-me, na vila de Sintra, presépio para turistas, gozei como um criminoso as tardes de revelação: homens e mulheres ajaezados à estrangeira moda percorriam os perímetros fixos das suas existências, sem saberem nem suspeitarem que ali respirava um ser intruso, mais estranho que as fronteiras, vindo do sem onde, indo para a morte fictícia, estando, sendo: senti um fulgor impossível, arfava ritmos desconhecidos, lembro-me, as próprias palavras adquiriram uma essência sem testemunho de origem, diziam-me o que presenciava como se a história nunca tivesse sido humana ou simplesmente cruel. Agora, todos os anos, por esta época, singelamente espero. Olho o céu azul coalhado de nuvens brancas, desespero por não receber sinal que me anuncie:



a luz não é a mesma, a atmosfera não ganha apogeu,  
a temperatura não denuncia essa autêntica paragem  
que foi outrora o seio onde compreendi a ausência.  
Houve então talvez uma terrível e ávida correspondência:  
o tempo do mundo pulsou no meu tempo de vida:  
a experiência concretizou-se pelo afluxo de sentidos  
que expressaram pelo silêncio o acontecimento maior:  
que algo me transformava num elo da natureza,  
súbito ser sofrendo na carapaça do homem a metamorfose  
que me abriu ao real como se o espírito doesse,  
fosse uma página branca da terra: corpo e matéria  
eu sei que aprendi a renascer na imaginação da ideia:  
este sofrível poema, esta esperança, este revérbero.

11/10/82

## DAS COISAS

Nunca desejei tanto falar das coisas,  
dos objectos que pontuam a visão dos dias,  
da natureza que nos proporciona a ilusão  
duma eternidade da matéria.

Mas falar de dentro. Como se fosse possível sentir  
o fluir das águas num rio, o esvoaçar das asas  
num pássaro, o crepitar do fogo na lareira antiga.  
Como se fosse possível deixar de ser.

Para viver o universo estendido como um arrepio,  
a violência do coito, a tremulina da manhã,  
o amor que se tem pelo corpo da mulher,  
o ódio que nasce do escaninho da memória trânsfuga.

Há-os que tentam sem nunca enlouquecerem.  
Passam do puro sentir para o mecanismo da razão,  
invejo-os, ninguém suspeita quanto!  
Porque neles o fingimento não é sinónimo de perda.

Invejo-os quando descrevem com olhos de invenção,  
tanta quanta a aprendida na escola do saber,  
os mínimos pormenores da maçã,  
os máximos deslizos da consciência.

Não sou capaz. Limitado ao acaso que me dita  
as peripécias do ser, evoluo no limite frágil  
que instaura a loucura,  
procurando a todo o custo não cair nem soçobrar.

Confesso: tenho medo. Algumas vezes as palavras  
desprendem-se de mim, traíçoeiras armas do declínio,  
ousando tecer uma rede que não me protege:  
asfixio como quem foi longe de mais.

Entre mim e as coisas eu respiro, vivo, desconheço:  
cada rosto humano único, cada forma um outro apelo.  
Onde serei mais eu? Em que percalço verbal,  
ou em que mimetismo de sentimento integrarei

a materialidade incontestada do sonho?  
E para quê?

11/10/82

## FANTÁSTICA MELODIA

Haverá sempre músicas que me darão o estímulo  
para desesperar da essência como impossível alcance.

Sei. Do absoluto, mesmo quando me rio,  
uma lágrima mais verdadeira que a vida  
descobre a fraqueza da estadia cruel.

Daí que em dias de apego ao nada como membrana real  
eu sucumba em ritmos de loucura nunca outrora amada.

Tenho que dizer o que sinto. Esta raiva  
que arde desde os testículos até ao olhar  
que vislumbra no fora uma armadilha cega.

E quando pego no aflito papel, temendo a genialidade,  
deixo de ouvir a voz que canta as canções dos outros.

Só silêncio: vazio: nada. Pouco a pouco  
surge o escondido apelo: ódio, de ti fujo,  
em ti tropeço, peço-te: poupa-me o fardo.  
Muito calcorreei corroído pelo teu efémero brilho,  
neguei até as metamorfoses da carne até ao amor.  
Em ti cometi os crimes mais nefandos,  
insultei a paz, a música, a beleza: disse  
em altos berros o fascínio da mediocridade.  
Mas basta! Não te quero sentir como força motriz,  
desprezo os teus meios alicerçados no sem fim:  
já sofri bastante. Só pretendo agora  
captar a melodia que paira neste dia  
como um acervo de vozes desencontradas.  
Sim, é uma fantástica melodia, não obedece às regras  
dos homens, não testemunha nenhuma realidade viável:  
existe como um fascínio da vontade  
que exige do momento a sua revelação,  
o prémio desejado por quem renasce.  
Ei-la, este súbito desaparego é a sua escrita humana,  
este impoder como culminar das mais árduas batalhas.  
Vivo-a no sublime fingimento, ouço-a  
como uma comparação entre afagos gastos  
e ofegantes estremecimentos da pacacidade.  
Canção onde há muito gozo o pouco que nos foi dado  
viver, alcanço nela a dimensão só possível do acaso.

13/10/82

## AS IRRECONHECÍVEIS ÁREAS DO SER

“Individuals may have to step hitherto unrecognizable areas of awareness, which means, for practical purposes, unrecognizable or undiscovered areas of BEING.”

ALLEN GINSBERG

“So my sense of the mystery is: awe-like, something unknown but more importantly, cognizant, a crest, by which our common histories are made human again, and trilling, for *no* other motive than they are ours.”

EDWARD DORN

“Limits/are what any of us/are inside of.”

CHARLES OLSON

## ENTRE

Entre um chá de jasmim e a janela do entardecer,  
ouvindo o som da frente, respiro, respiro lentamente,  
e um choro tão estúpido como profundo arrefece-me  
o rosto, como se fosse agora morrer.  
Alguns miúdos nas casas em frente,  
a luz desaparece como quem amortalha um sonho,  
aqui este amargo pensamento: que tenho feito?  
Que tenho vivido para poder estar aqui,  
assim tão manso animal ferido, dos dias,  
eclosões de nada, senão da diáfana dor?  
Estou como quem não sabe. Transponho no olhar  
que lanço a minha falta, não saber, mas o fora  
não me responde. Se estivesse a morrer seria mais feliz?  
Repito: seria? Como ser, pergunto-me, como viver  
mais homem que esta sofrível rotina do ocidente?  
Há em mim uma ruína, ou um lugar sem prazo nem lei,  
um espaço cercado do medíocre como do cansaço,  
uma verdadeira, oh única! música : sê-la, agora,  
ouvindo-te, cantor do momento, a minha imagem  
rasgada no vidro como uma nódoa de sangue,  
daquele que não verti na hora da revolução,  
quando a vida poderia ser possível, talvez!  
Não sou deste mundo. Não me reconheço nas regras  
ditadas pela sociedade, não concordo com as molas,  
os ditames da consciência humana. Nem sequer sou outro!  
De onde vim esqueci. Para onde vou ignoro. Estou  
encalhado neste planeta, estrangeiro sem exílio,  
e sofro. Cada passo que dou. Cada fala que debito.  
Oh! ter que aprender línguas para não ser!  
Para fingir quanto se ama a vida, a mulher,  
alguns corpos mais reais que a ideia absoluta.  
A língua! Nela tropeço por demasiado exigir dela,  
há algo que quer ser dito, um espasmo aflito,  
uma força selvagem, esta energia do apagamento.  
Mas eu sou outra coisa. Aqui virado para a já noite,  
magico no insucesso dos trinta e tal anos,  
lembro a minha filha, e escrevo.

Não há perdão. Nem possivelmente castigo.  
Que chegue a maldição, ou um aviso do destino.

7/1/83

## NADA

Que me aflige para não saber quem sou?  
A casa é esta, a vida é esta, a rua é esta.  
Que me preocupa para não querer ser?  
Nada mais há, a não ser isto.  
Que é viver sem gosto os trabalhos do pão,  
a fome do país, a inclemência dos povos.  
Não me fales da mulher. Sei que existe.  
Nela me perdi com todo o sangue da ilusão,  
nela venho até mim, súbito descoberto.  
Não somos tão humanos como o pretendemos.  
Nem mais os animais que nos precederam.  
Estamos no meio. Aflitos gritos da solidão,  
quando estendemos a mão a carícia é uma faca,  
um golpe, uma queda no outro. Quando odiamos  
nasce em nós um inóspito amor: a vingança.  
Desfeitos entre últimos limites, cegos pelo fogo,  
logo nos precipitamos para o começo: balbuciamos,  
com outras razões, proferindo outras palavras, mãe.  
É um apelo tão brutal que a vida despe-se,  
os sinais da educação desaparecem, as ideias  
que fazemos do mundo evaporam-se: nada resta.  
Só este corpo diante de um plausível espelho,  
a cena, a fraqueza milenária, o choro, o espanto.  
Longínqua memória surge: o calor da ausência.  
Onde estás? – gritas. Onde estás? – suplicas.  
Ninguém te ouve, ninguém te responde.  
A criança não volta mais, e não morreu.  
Não percebes, barafustas, exiges um milagre:  
nada. Aprende a viver com esta palavra: nada.  
Repete-a mil vezes, se possível saboreia-a:  
nada. Assim, nada. Na-da. Nada mais há, a não ser isso.  
O resto é tudo. Este presente. Algumas lembranças

do bom velho tempo, mas sobretudo este presente.  
Triste presente, ó deuses da vossa impossibilidade.  
Quanto nos odiais para nos ver tanto sofrer,  
sem um gesto, sem uma ajuda, sem uma mão amiga!  
O mesmo é dizer: quanto nos odiamos, nós, os homens  
deste impávido planeta, desta imperturbável terra:  
a ti desceremos, descansa, sem nunca termos sabido  
o gozo do humano, a fímbria do verdadeiro prazer.

7/1/83

### A PEDRA

A noite traz-me sons de longe,  
como se o silêncio fosse o melhor propagador  
da escassa memória que me coube. Fixo o tecto,  
deitado sobre esta cama fictícia, e recordo.  
Recordo. Aqueles que passaram por mim, aqueles  
que souberam, por acaso ou por forçado brilho,  
permanecer em mim. São os mesmos. Pessoas, coisas,  
situações: lembro-me com a fixidez com que olho,  
um grande vazio no tecto, um grande vazio na alma.  
O que resta de mim: esta pedra.  
O que a vida fez de mim: esta pedra.  
Lembro-me muito bem dos primeiros versos,  
berrava com a insanidade própria da juventude:  
faz-me pedra! Não me deixes sentir! Anula-me!  
Não queria, nunca quis sofrer.  
Eis-me: insensível a mim próprio,  
incapaz de reviver o passado, de prever o futuro.  
Se nunca fui um homem por que deixei de ser homem?  
Sabendo que percorri já tantos anos,  
por que não sei dizê-los?  
Que ironia do destino me traga a experiência?  
Em tudo, até mesmo na memória, terei que ter fome?  
Sim, os astros disseram a privação, já sei.  
Os astros... Pensá-los, distantes, distantes e longe,  
minúsculos apelos da ignorância.  
Como estes sons, vozes do inolvidável

assegurando a acesa contradição do meu ser.  
Da minha condição. Estas vozes impossíveis  
hoje de uma história, de uma estadia real,  
estas vozes inventadas para preencher o tal vazio  
da memória. Que dizem? Sempre a mesma coisa:  
que tens feito da tua vida, que tens feito da tua vida?  
Mas tinha que fazer algo da minha vida?  
Porquê? Porquê eu? Viver não basta?  
Que fazem os outros das suas vidas? Que sei eu?!  
Vivem, ricos e pobres, nascem e vivem e morrem.  
É sempre presente. É sempre aqui, mesmo quando é ali.  
E aqui está vazio. De alegria, de mim.  
Que fazer? Engraçado, não escrevi: que ser?  
Estará aí a solução?

7/1/83

## SUSPENSO

Cansado das tribulações diárias, vazio  
pela aridez que impera nas nossas rotinas,  
amarro-me à máquina de escrever, abro o rádio,  
desligo-me do universo como uma folha branca  
que procura a todo o custo outros signos. Isto  
não é arte. Nem a duvidosa terapia. Estar assim,  
gozando a palavra como um vagabundo que desconhece  
o mundo, estar assim, significa que o regresso é possível,  
sem contudo saber do que estou a falar ou o que estou  
a medir. Entro nesta esfera de música, subo e desço,  
sem meditadas simbologias. Esqueço a mediocridade.  
Elevo-me para o calor do inefável, aí permaneço  
longos minutos, perplexo e bruxo, sorrindo da luz  
que lava a memória da podridão há muito sedimentada.  
E espero. Não a salvação, o momento de felicidade,  
a queda no absoluto. Espero chegar ao cimo de mim,  
ao fundo da minha permanência, como se nada fosse.  
Espero que a fala humana surja. Que o amor estarecido  
pela odisseia do homem na terra diga o seu nome.  
Dói esperar. Aguentar o tempo, suspenso em mim,



sem estruturas, já sem raízes, longe dos alicerces.  
E quando a lágrima rebenta, todo o calor do corpo  
reverbera nas mínimas células do ser: apaga-se o brilho  
e fica esta sedenta luz: ser: inexpugnável tentação,  
se agora morrer dissesse quanto se ama a vida.  
A vida do aborrecimento que nos traga a mocidade,  
da sociedade que macaqueia a estupidez e o crime,  
do trabalho que nos expõe à nudez da pobreza,  
da família que nos obrigam a ser quando bastava o homem.  
Não há contradição que se vença. Só nesses momentos,  
ligado pelas vísceras à música que se faz hoje,  
rodeado de sinais que súbito deixam de dizer,  
me sei eu, este nada onde evoluem as forças ignotas  
do malogrado destino. Quem vivo? Quem sou? Acaso atinjo  
sem saber um outro estádio do humano? Ou transgrido,  
feroz descontente, as raias da loucura? Não saber ler  
o cerco das coisas que mais significa para além de ser?  
Que há ao fundo da rua um fim? Um começo? A viagem,  
diziam os antigos, prospera. Nunca compreendi. Homem  
da aparição transponho para o real o mito: mudo espanto  
gaguejo o fulgor da hora, e não sei em que nada desfaleço.

14/1/83

### APETECE-ME

Apetece-me tanto ser eu. Eu mesmo, aquele que sonho  
quando vou e levo comigo todos os desgostos da vida,  
aquele que possivelmente nunca serei, aquele que me acena  
os mais ritualizados fulgores da existência depauperada.

Apetece-me tanto respirar a minha ausência,  
a outra possibilidade entrevista no espelho manso,  
apetece-me sentir que sou um estranho ser devoluto,  
aberto aos sofrimentos como aos gozos do perecível.

Apetece-me tanto alcançar a fímbria do único amor,  
ver o mundo como uma luz, uma claridade, as cinzas  
dos reinos desfigurados pelos terremotos interiores

palpitando ao sabor alcióneo das brisas anímicas.

Apetece-me tanto a música, o envolvimento sensual dos sons que vivem do puro espanto, do máximo estertor, apetece-me tanto deixar-me vagar pela inclemência que paira nos escaninhos libertos do medo ablutor.

Apetece-me tanto viver. Não as ardilosas manifestações do logro social, nem as carícias icorosas da ideologia, nem as falsas modernidades do grito que escandaliza: apetece-me tanto poder dizer, sentindo, que me apetece.

Apetece-me tanto. Como nunca, há esta dolorosa apetência, sentir que algo falta, que um vazio precisa de alma, como um corpo necessita da loucura capaz de transformar a aparência no feliz discurso que atinge a essência.

Apetece-me tanto ler quanto escrevo para ver quem sou: as palavras contêm-me, fecham-me e abrem-me, expõem-me: sou aquele que apetece quando esqueço o alarme da vida, aquele que aparece envolto na natureza do homem aflito.

Apetece-me tanto voltar a mim. Deixar de fingir. Que tudo vai bem, mesmo quando o mal salta aos olhos. Apetece-me tanto dizer os disparates que fulgem no ser, nódoas da existência que predizem a distância até mim.

14/1/83

## A IMPRESSÃO

A impressão terrível de que deixei de estar em mim, de que há muito me perdi nas encruzilhadas da terra, do humano. A impressão acutilante, cruel, de que não sou aquele que nasceu de mim, aquele que viveu comigo tantos anos e tantas luas e tantos sóis.

E não me lembro de ter morrido! Que se passou? Todos os dias são dias, não há etapas, nem escalas. Que aconteceu? A memória dura e divaga. Lampejos

de ontens crepitam, falsos alarmes. Nada aconteceu.  
Como num romance chato sucedem-se os passos,  
as mudanças, os delírios de que é feito o homem.  
Eu. Com esta impressão telúrica, de não me pertencer,  
de viver um destino sem consciência nem alma.  
Porque as palavras calam-se. Desfiguram-se. Falham.  
Forjam através dos meandros verbais a mentira:  
estar aqui. Aqui neste pobre poema, quando quem está  
não sou eu, mas quem me iludo, me invento, me faço.  
Homem de limites, homem da perdição, homem do alvo.  
Esgar de quem não compreende o mecanismo, a matéria,  
a fugacidade, a fulgência: esgar e horror, oh! o horror,  
a vibração sem voz do voo até ao cimo da escada.  
A porta fechada. Quem viverá do outro lado? Eu?  
Este que sou pensa-se o centro do universo,  
não pode por isso ser eu. Estou sempre no outro lado.  
Para lá da porta, para lá da inexistência do quarto,  
para lá: eu, ínfimo brilho, o escape da presença eu.  
Em que mins morri? Ou estarei apenas escondido?  
À espera de que sinal? Do futuro, esse feliz furo  
no desespero quotidiano? Mas a impressão pervaga.  
Não diz nem suspira, sugere, como se o nada fosse,  
até que ponto eu estou a mais. A mais... A ironia  
de quem habita o indesculpável menos que vigora  
no cuspe da sociedade. A pobreza. A miséria. Estar  
perdido no aceso clima do falhanço, os olhos abertos  
como um espasmo de terror, e ciciar: não sou eu, não sou.  
Esta não pode ser a minha vida. Há um engano. Sim,  
alguém se enganou de caminho, não pode ser. Mas é.  
Como um mar metafórico, como um medo medular, está.  
Palavra sem perda, palavra sem sexo, palavra: Vida!,  
mas o grito não alcança, Vida!, e o choro estala.

14/1/83

## DA CONDIÇÃO HUMANA

E quando a noite avança para o fim do dia,  
aquece-me o ardente desejo de repetir mil vezes:

Estou aqui. A noite lá fora fere. À janela,  
como outrora, medito na fereza dos sinais  
que acendem os sentidos, lembro outras cidades  
onde não sabia a vida, e não choro.  
Estou muito calmo. O silêncio da terra vibra  
como uma bofetada contra a música. Luzes  
palpitam nos edifícios em frente, a humidade  
agarra-se aos vidros, pede um desenho infantil.  
Com um dedo súbito sábio explico ao espaço  
quanto tenho estupidamente sofrido por não saber.  
É uma silhueta monstruosa, o tempo desfila,  
o corpo envelhece a normal odisseia da idade,  
o duvidoso espírito não se reconhece alma,  
a inteligência esvai-se, a sensibilidade nula.  
Se ao menos fosse verdade. Se esta calma exigisse  
de mim um acerto, uma aposta, um hipotético lar.  
Estou aqui, não sussurro. Diante do mundo,  
minúsculo olhar da desesperança, arfo a alegria,  
estar, estar de pé, e esqueço as tropelias  
do convívio social, o trabalho que me deturpa,  
as torpezas e misérias da condição humana.  
A canção desloca-se, desaparece a voz: silêncio,  
em ti ganhei uma ousadia, uma paz sem tamanho,  
uma dimensão capaz de mussitar: quero-te.  
Assim, calmo e de pé, olhando através da janela,  
gotas de água escorrendo do desenho amolecido.  
Querendo sentir a noite como uma abstracção.  
Para que o sentimento não nasça, irrompa acesa  
lava de um extinto vulcão. A miséria da vida!  
A pobreza da vida! Nova canção. Reconheço-a,  
vesti-me dos seus sons quando o frio estrangeiro  
invadia a mansarda. Quantas vezes me disse:  
Estou aqui. Estaria? Sempre fui eu? Lanço  
ao redor um lento, mumificado, absorto olhar.  
A casa é outra, é esta. O quarto do exílio alado  
multiplicou-se. Tem uma cozinha, deixa dizê-lo,  
deixa-me despossuir o soturno sortilégio, quero  
ganhar o amor dos objectos, o ardor da matéria.  
Até quando? Calmo e sem resposta ainda respiro.

## A VIDA É SEMPRE CRUEL

Como se o corpo corresse perigo, uma forma distante  
faz-me espírito, sussurra: alegra-te, abre um sorriso.  
Mas é possível? A vida não cede. Quer-me bem perto  
da chatice, do social desaire, da fome desnecessária.  
A vida! Escondida nos parcos edifícios do trabalho,  
um corte de luz, uma mão decepada, uma vil carreira.  
Mas o pão, o apartamento, a família, exigem: suportar  
é preciso quanta raiva nos nasce, o fogo e a ardência  
onde a visão cresce como um cogumelo pouco justiceiro.  
Perceber a escravidão, a verdadeira: ter sempre alguém  
que manda, que deseja o absoluto, quantas vezes o nó  
da estupidez com a mediocridade no rosto nefando.  
E é preciso aguentar, todos o dizem. Os pais, a mulher,  
os amigos casuais em fins de semana para esquecer.  
Porque é a vida. Aflições, obrigações, deveres, medos.  
Que vai ser de mim? a pergunta que se faz. Quanto  
tempo ainda sujeito ao mundo, às suas leis, aos abusos  
dos que sabem viver, um riso esperto, um esgar boçal?  
Durarei tanto? Dia após dia peço-me: dá-me alegria.  
Faz-me imbecil, ou santo. Mas muda-me, transforma-me  
no icoroso olhar da demência, a baba caindo no peito.  
Que importa?! Tudo resta na mesma: esta consciência  
que me acorda no meio da noite, não para acariciar  
o corpo da mulher adormecida, mas para velar velho  
ao ruído do vazio: imagens dos dias que passam, passos  
ofertos ao declínio do homem, falas que nos disseram  
quanto de morte vive no putrefacto seio da humanidade.  
A vida não me dá descanso. Exige-me desperto, maldição  
para quem sente o sono como a página do sonho quente.  
E ameaça-me com novos degredos, com quedas vulneráveis  
na casa da pobreza, com rotinas desfeitas em ocidente.  
Que fazer? Sorrir pensando no cancro, perder-me casulo  
no marulhar cibernético da época, a televisão acesa  
como uma nódoa no mais essencial da existência, a rádio  
distribuindo canções estranhas: fazer de conta a alegria  
que não explode como um facto natural, como uma fonte.  
Fingir que se é. Que tudo está bem. Que se merece o mal.

Que nada se cometeu, e por isso o crime é maior: passar despercebido, no calor da alma, alheio ao rumor, eis a falta: saber que tudo existe, homens e coisas, ideias e afectos, e não lhes dar importância. Porque a vida é sempre cruel.

18/1/83

## A MÚSICA

A música tem sido a mina capaz de encher a alma: quando nem os objectos reflectidos no olhar pobre dão a ilusão de uma plenitude, depois de provados todos os mecanismos do engano, como meditar aceso o processo do humano, a degradação do exílio terso, surge a música, energia do eterno, catapulta séria onde meu ser sacode as faúlhas dos fogos nefastos: devastado campo do real como do imaginário apareço sem espelho, sem sombra, sem suporte: arena fértil do desencanto escolho os ritmos da sorte, canções que brotam do rádio, sons altos como viver o auge. Aí, nesse rodopio, abro-me: desfaleço acordado, sinto como se pela primeira vez o vagido interior, o uivo ferido do animal acossado, o significado do estertor. Sinto e calo-me. Um calor percorre-me a carne, a voz toca como uma carícia a disponibilidade histórica, estar aqui agora, maravilhado pelo desconsolo coevo que desmembra as sociedades fundadas no eco capital. E uma voz mussita: quero ser feliz! E um grito novo sufoca de raiva: por que não sou feliz? E uma mão passa pelo vazio como uma asa transformada, o sangue jorra, as cores do arco-íris espalham-se, arde a hora. Que tempo o meu! Não sou eu que penso. Algo me chama, um rubor no rosto, o homem definitivamente perdido, em mim, a mancha monstruosa, destruindo a música suave. Caio como um vento. A paz alarga-se, de onde a onde me compreendo, onde navego se o corpo arfa silêncios? Sou humano? Nasci algures alguma vez? A terra não diz nenhuma matriz, o planeta gira sem respeito pela dor, o mundo marcha, guerreia, estoira em pontos cíclicos

como frutos podres da loucura que grassa soberana.  
A vida apaga: destrói o sonho com trabalhos execrandos,  
obriga a espinha a vergar às leis do mais forte,  
aos fantasmas que nasceram na infância, um pesadelo  
berrando toda a crueldade da estadia: estar e ser,  
no roldão da existência, no marasmo da confusão.  
E quando a música rasga a insensibilidade moderna  
das metrópoles cegas, alguém em casa ouve e chora:  
aprende o caminho da harmonia sem saber como se achar.

20/1/83

### DIANTE DO INEFÁVEL

Mas quando o vinho, a música e a dor de cabeça  
se encontram na tarde do fim de semana, quando  
o corpo quer cair sobre a terra do desespero,  
então a voz interior arde, aparece entre saltos  
de alma, cavalos reluzentes sem saída possível:  
então a vida conduz ao nada, confunde-se toda.  
Como um objecto jazo esqueleto de comparações  
desvirtuadas, é o vinho, é a música, é a alma  
que clamam festas, tarefas de absoluto alcance.  
Sim, é aí, sem saber porquê, que me encontro:  
sabes, uma ousadia, um estremecimento,  
um apelo vindo do sem fundo até ao mundo.  
Uma cabeça destroçada: um riso de criança perdido  
no homem de trinta e cinco anos, imbecil espelho  
da queda que é ser no meio da confusão e do furor.  
Lembras-te? Os livros folheados, as páginas  
abertas em vulvas apetecidas, as raparigas  
viviam no longe, na contradição e no preconceito.  
Era uma sociedade que se masturbava, oh! sofreu  
quanto, quantos dias de espanto frente ao corpo,  
e ninguém dizia nada, e ninguém falava!...  
Erecto soube esconder a minha força, a raiz  
do crime, um sexo ardente ardendo de medo,  
o que poderiam pensar, o que saberiam dizer.  
Miséria! Nem os poetas nacionais perdiam tempo

com ninharias azedas. Neles era só amor, o amor  
branco, asseptizado, dos hospitais do sentimento.

O amor do casamento como resolução da sexualidade,  
as amadas desejadas em versos de especioso brilho,  
a filosofia do mesquinho no dealbar da mediocridade.  
Tesão? Nada. Não existia, era uma fisiológica  
necessidade, um erro da carne, uma discrepância,  
um desconforto de adolescente sem mulheres.

Hoje, desfeito pelo próprio sonho, o vinho abre,  
aquece a ausência de memória, transforma a hora  
num memorável cataclismo, a guerra instala-se.  
Que fiz de mim? A alegria resiste, rir-me de tudo,  
do essencial como do supérfluo, esquecer o passado  
no copo levantado à saúde desse que deseja mais.

E dizer merda à poesia. Minha como dos outros:  
todos nos enganam, nos ferem com esconsos alvos,  
todos pretendemos mentir diante do inefável.

21/1/83

## AS LEIS DO HUMANO

Hoje era até capaz de cometer um crime.  
Um crime monstruoso, do tamanho do meu sofrimento.  
Um crime que me dissesse pela primeira vez quanto sou eu.  
Em que nível do humano me encontro. Ou se me encontro.  
Um crime exemplar. Límpido como a honestidade,  
essencial ao universo como um verso de mau poeta.  
Um crime perfeito. Como destruir a terra,  
um inteiro país, uma criatura do espaço.  
Um crime desnecessário.  
Hoje. Amanhã já seria diferente, mas hoje, agora.  
Nunca faço este agora, nunca vivo este aqui.  
Porque o medo, os preconceitos, matam. Não ferem só,  
anulam, desfazem a verticalidade do animal eu.  
Um crime suave como esta canção que ouço.  
Esta voz feminina dizendo-me quais os segredos  
da verdadeira carne, da que sente todo o espírito  
das coisas como do ser, sim, do ser alado.



Do ser vedado. Um espanto desfigura-me. Tenho vergonha.  
Exposto ao vazio do destino, insensível ao nada,  
nem sequer sinto a leveza, a fealdade do engano.  
Estou. Estou diante das coisas, rodeado de coisas,  
a casa perdendo-se no começo da noite,  
a terra girando as sucessivas estações do enfado.  
Já fui mais eu? Quando, diz-me, quando?  
Um sorriso. O vinho sobe, dizem que à cabeça,  
tenho-o nos olhos, oh! pela vez primeira na alma.  
Se isto não é a felicidade, nada é.  
Ou será uma contradição? Se isto, quero dizer,  
isto verdadeiramente, não é a plena harmonia,  
então quero morrer estúpido, para sempre desgraçado.  
Mas é. Digam o que disserem, tem que ser. Exijo-o!  
O quê? Não sei, esqueci. Mas deve haver uma razão,  
um espaço, um lar. Tem que haver. Algures algo age.  
Não sou eu. Mas algo mexe, uma folha que procura  
a única poesia, não perecer, não pactuar com hoje.  
Algo me vive, me obriga a desejar ser livre,  
desperto mesmo no sono trazido pelo vinho ablutador.  
O quê, ignoro. Mas sentir respira as leis do humano,  
não pode haver sentimento sem verdade, a nossa,  
o nosso fogo, a nossa força, o nosso orgasmo.

21/1/83

## SÓ SILÊNCIO

Que se passa comigo? Onde estou? Estou?!...  
Tudo se apaga por tudo ser tão brilhante.  
A luz larga faíscas, aparece um ser diferente,  
abre os seus braços de medo, a música cala, silêncio.  
Não suporto. Quero voar, permanecer no auge,  
assim, os olhos isentos como uma ferida do corpo,  
o mundo desdobrando-se em esquemas do apocalipse.  
E súbito, o riso, o horror! A face pobre, o espelho.  
Não compreendo, grito. Não sou eu, suspiro, raivo.  
Alguém me vive, esta força, esta cegueira, onde estou?  
Por que choro? Que são as lágrimas? Tudo bem, digo.

Tudo bem, ouço. Quem me fala? Quem está aí?  
Quem quer ser? Mais do que eu, em mim, fora de mim?  
Medo. O vinho ácido arrefeceu, deixou-me brando  
como um copo desnecessariamente vazio.  
Por que me abandonas? Que te fiz para merecer tal sorte?  
Não fiz. Sim, devia, eu sei. Todos os remorsos me nascem  
das acções por praticar, aquela mão que não pus  
no momento certo na fenda da mulher desejada,  
aquele tiro que não desferi quando a revolução o exigia.  
Quantas batalhas perdidas, tamanhos cadáveres da orgia,  
esta imaginação aplacada pelos ventos da loucura.  
Só ela me salva. Me aceita como sou. Um súbito,  
quero-o, filho, uma boca buscando a mama do exílio,  
a policresta queda no delírio dos sentidos.  
Porque a música de hoje berra. Jorra novo sangue  
nos interstícios da podre história, quer incendiar  
os homens, os povos embrutecidos pelo capital.  
Quantos a ouvem? Há-os que escrevem críticas,  
que são pagos pelo benefício da dúvida.  
As inteligências duvidosas. As que falarão de hoje  
como um climatizado passado. Mas quantos a sofrem?  
Eu aqui completo como uma mentira do século,  
escrevendo os vapores do vinho, bebendo aflito  
um crepuscular chá, e a noite caindo, caindo, caindo.  
Quando me habituarei aos dias? Às estações?  
O sol é fundamental. A lua é necessária.  
Dizem os livros, os compêndios, os horóscopos.  
Em nada está dito que sou necessário.  
Em tudo procuro o meu fundamento. Só silêncio.  
Alguma música, algum vinho, alguma chama. Mas basta?

21/1/83

### SABER BASTA

Desce então sobre mim uma paz molecular.  
Deitado na mentira de quem escreve palavras,  
sinto que a vida me sussurra os hinos possíveis,  
que o meu corpo obedece a fatais apelos da ignorância,

como ficar estendido na consciência que estala.  
Sinto a queda. O sonho da imaginação, aquele nunca vivido,  
e que por isso exige uma existência. Mesmo precária.  
Sou tão mau por ser tão bom! Tão cruel quando aceito  
a música como um silêncio de outra era, tão cego  
ao pensar que posso mudar o universo com um sentimento.  
Tão infalivelmente orgulhoso. Acreditando na morte  
como o verdadeiro fim, sem esmolas de religião,  
sem altos pensamentos da filosofia que me é cara.  
Sim, esta certeza abala. Espraia o olhar do homem  
sobre a vida como um molusco que se suicida:  
o mar e a terra, as verdades do mundo, da inocência.  
Que da ciência não falo. Basta-me sugerir as maravilhas  
dignamente atômicas, o que nos espera, esse cogumelo  
da obsessão trágico-cômica. Uma frondosa cuspidela,  
um miserável escarro. Mas tudo está bem.  
Porque a paz, a monstruosa paz, desce até ao fulcro,  
de mim que medito, de mim que mudo o ser em estar.  
Tarefa difícil, não calculam quanto suor sulca este rosto,  
permanecer assim calmo como se a vida esperasse,  
como se a morte subitamente não pudesse existir.  
A vida! Assim deitado em camas esquemáticas  
debito as anunciadas canções da perpétua primavera,  
felizmente que ninguém me ouve. Seria uma vergonha.  
Um crime. Abusar do semelhante para lhe fazer ver  
quanta diferença vai de mim ao simulacro.  
Talvez melhor o silêncio. A surdez mensageira.  
A incompreensão. Ao menos ninguém sofre haver em mim  
mais do que eu, a não ser eu que sofro.  
Ao menos ninguém sabe, ninguém suspeita.  
Tudo corre, tudo acontece como um facto consumado,  
ninguém duvidará do percalço ou da probabilidade.  
Aconteceu, dirão. Nasceu algures, viveu algures, morreu  
sem lugar. Pertencia aos homens. Falava-lhes as línguas,  
escrevia obscuros estremecimentos da loucura,  
os livros escolhiam as prateleiras da contingência.  
Calmo por saber que a ignorância diz mais  
deixo-a vida dispor dos seus trunfos. Saber basta.

## A ARTE

Acesas luzes espalham pela casa o silêncio  
da noite. O inverno esfria o corpo,  
as roupas acariciam o pouco calor liberto.

Vagueando de quarto em quarto sou  
um olhar manso caído na serenidade dos objectos.

Procuro sentir-me um homem, um pai,  
um marido, um filho de pais há muito ausentes.

Esqueço o país depauperado. A miséria  
conheceu-me nos trabalhos do medíocre mistério,  
quando a língua era outra. Do povo  
que me rodeia nada sei. Alguns lugares comuns.

A política internacional aborrece-me:  
lá como aqui a estupidez do humano mamífero.

Há solução? Dizem-me que crianças  
nascem aos milhares, aos milhares morrem. Só  
a guerra prospera. Alguém, no rádio  
longe, fala de arte, do que pensa, acha, espera.

Arte. Sim, o teatro, o cinema, os livros,  
em suma, diz, a cultura. Enigmático da tanta dor  
um sorriso desfeia-me o rosto. A arte.

Todos os pontapés no cu já recebidos, o alto não  
proferido em mansões de beleza. Pena  
que nada muda, geração após geração a história  
acontece como se não houvesse memória,  
do passado, do presente. A lição não se aprende.

Algures um homem perdido, mas sem arte,  
pensa no que escreve, pinta ou compõe. Procura  
sentir a alma no vazio contemporâneo,  
alinha ritmos de nada, e sofre não poder viver.

A vida de todos os dias, de todas as noites,  
a vida do corpo, do espírito, da totalidade toda.

Então, com raiva e ódio, cria a destruição.  
Uma chama reluz, uma voz chama: vem, ó homem solto,  
vem conhecer o outro lado da existência,  
vem até mim, ama-me, deseja-me, desperta-me. A prisão  
é real. A realidade imagina-se ciência.

Dizer: vejo objectos, sinto sentimentos, ouço vozes,

mas não compreendo. O íntimo terá  
um universo? Há correspondências? Ou só enganos,  
mesmo míticos, mesmo anedóticos? Há  
uma arte que liberte a vida desse alguém?

21/1/83

## AS VITALIDADES DO INSTANTE

“Attitudes deal with the relevant problems of a year ago or two weeks ago or a moment ago – but not de vitalities of the instant. All things must be cherished and used while they are vital, and *remembered* for their loveliness and aid.”

MICHAEL MCCLURE

“..., what emerges in the writing I most value is a content which cannot be anticipated, which ‘tells you what you don’t know’, which you subvert, twist, or misrepresent only on peril of death.

ROBERT CREELEY

“There is only one thing a writer can write about: what is in front of his senses at the moment of writing...”

WILLIAM BURROUGHS

## CONTRAPONTO

Tentacular como a própria dor a vida oferece  
ao homem despossuído a frágil dor de cabeça:  
a tentação, assim desaparecer, obumbrado acenar  
da cabeça onde o sim e o não deixam de significar:  
olhos de hoje despertam a memória do ocidente,  
este mar, esta rua, esta tarde dolente obedecem  
lacaio ao mirífico contraponto da própria morte:  
um roldão, esse laivo, essa nódoa, o real petrificado  
como um aceno do aquém: vida limite, a náusea única,  
verdadeiro cataclismo da alma: estar canino, o resto  
transformando-se no rasto, no rosto quantas vezes  
dorido da insignificância: perecer assim, ó homem  
em mim, sem imagens nem referências, banhado de cor,  
esta suave música no imo do nada, este assobio  
eterno, clamor doente da impossível metamorfose.  
Da desnecessária clemência. Arfar de raiva, animal  
ferido observa a hora que passa, a vida que passa,  
o destino que corre encalhado na demência tutelar.  
Lar, ciciza. Clivado pelo esgar, pela baba apocalíptica,  
desfigura no triângulo do olhar toda a ideia de essência.  
Tudo fala, vocífera, tudo apela nervo e carne ao zelo  
com que se opera a mudança definitiva, o final acto:  
a respiração serena, o corpo cuspidado até ao ritmo  
do ramerrão, o severo mecanismo do íntimo degelo  
degola a imagem retida pela retina: uma paisagem  
onde o homem descobre o horror da ausência, o vício  
do cicio que atormenta a deplorável hora do mistério.  
Nada. Nem um sofrível aperto de mãos, nem o calor  
corolário da animalidade desintegrada: nada mexe,  
nada aproxima, nada desespera: impávido como um medo,  
o olhar pára, desvirtua o momento, eterniza o gozo.  
Tempo para esquecer. Paragem absoluta no luto redentor,  
viver assim plasmado ao arbitrário declínio do homem.  
Do homem que tenta. Ambíguo, inefável, insolúvel.  
Incapaz da harmonia sóbria, do equilíbrio matemático,  
da paz como meta ou seta convidando o alvo ao amor.  
A dor de cabeça sem remédio. O universo vagamente alerta,

a ignorância dos outros: só os objectos contam, cantam  
seráficos a debilidade do raciocínio, a frieza cruel  
com que se põe de lado a magnitude do esforço anímico:  
palavra sem raízes lavra no tempo o espírito efémero.

6/2/83

## DENTRO E FORA

Como se a esperança estivesse no fora,  
fragmento do quotidiano apelo, passo horas à janela  
perdida na modernidade destes bairros suburbanos,  
absorto meditar onde os olhos captam as insignificâncias  
que o redor nos oferece. Que vejo? Um horrível vazio,  
um espaço de trevas, um espelho de hebetismo.  
Selvagem pelo ódio que me desfigura as entranhas  
procuro afastar-me das abstracções:  
no lugar do vazio levantam-se os prédios em frente.  
As trevas iluminam-se deste sol hiemal  
que desobedece às leis dos ciclos e das estações.  
O hebetismo não é mais que a distância  
que me separa da felicidade dos outros.  
E depois? Nada aparentemente mudou.  
As coisas, o concreto, o palpável, são ideias.  
Quando a mão passa pelo seio feminino, quando desce  
tremebunda ao centro do corpo e toca na boca húmida,  
que realidade se concretiza, que abstracção desfalece?  
Disse, o corpo? Alienado pela ideologia de hoje,  
embora dizendo-me um arauto do imprevisível,  
também eu comungo as asneiras que nos fazem menores:  
pobres sem essência descobrimos em cada suspiro  
um arquejo do universo, desejamos transmitir ao mito  
a viva força de um estremecimento eterno.  
Mas nada muda. Porque permaneço sempre aqui,  
eu o mesmo, este corpo e esta corrente consciente  
da inconsistência de tudo, da fala como do sussurro,  
do urro como da resignação.  
E se tudo muda, cada hora, todos os dias,  
é como se estivesse de fora, desesperado pelo dentro



continuar inacessível, intangível ao viver humano.  
E assim, dentro e fora deixam de significar.  
Sentido, só este, estar aqui debaixo da impressão.  
De que algo me exigiu escrita, como se a impossibilidade,  
outra abstracção, ousasse ser mais do que isso,  
ousasse viver-me em momentos de delírio,  
para que a vida moldada de esferas intelectuais  
reconheça o periclitante sentido do vagido carnal.  
É só uma hipótese. Não há certezas nesta janela  
virada para o remoinho da vida, para o tumulto da rua.  
Nem sequer há rua. Disse-o para ser mais lógico, mais humano.

6/2/83

#### A TI, AMIGO, NESTE DIA...

A ti, amigo, neste dia tão semelhante aos outros,  
desejo-te toda a vida, toda a terra, todo o sonho.  
E porque não sou hipócrita, amigo, também te desejo  
a melhor das mortes. Para lá caminhas, suave deslize,  
aberto por inúmeras irrupções ao espanto do fim.  
Espero apenas que saibas fazer dessa dor ígnea  
a pequena chama capaz de convidar à vida o eterno.  
Sei que a tarefa não é fácil. Que os tempos de hoje  
não propiciam a expansão inocente da alma. Mas sei  
também que existe no lugar de toda a possibilidade  
a força cósmica, o brilho intenso de uma ausência,  
o clamor irreverente de um povo de sentimentos.  
Por isso, amigo, desejo-te, de todo o coração,  
a loucura afável. Fá-la merecer a sorte do ocidente,  
fá-la descobrir os escaninhos do mistério, fá-la  
dizer quanto vai e permanece pelo centro do homem.  
Do medo não ignores o presságio nem a odisséia:  
minúsculo ser à deriva nos tropeços da terra,  
erra quando for preciso, os olhos escancarados  
pelo tanto sofrimento que nos escolhe predestinados:  
a vida arfa, dilui o severo estremecimento da morte  
com palavras tão humanas como desconhecer o amanhã.  
Daí, amigo, que a dificuldade se resolva: no papel

que te coube jaz e vive a aventura, o grande amor.  
Neste dia tão diferente dos outros, desejo-te  
a coragem quando muitas vezes soçobras. A ti,  
amigo, que demoras. Goza o dia, perpetua a sua aurora.

8/2/83

## FINALMENTE A CHUVA

Cai finalmente a chuva sobre a terra seca.  
Lavrador de outros campos um sorriso aceso  
abre-me como se a revelação pudesse nascer  
assim. Não há possível poesia, mas há chuva.

Aparição da natureza, fere tê-la tão escassa,  
tão inconsciente da necessidade dos homens:  
como num filme a cores, a tragédia escorrega  
todas as pingas que o sangue tece na alma.

Depois, apetece delirar: dança de esquálidos  
membros, fogo de auroras deflagradas, a chuva  
ordeira repõe o uivo ancestral do universo  
no mecanismo febril das estações do ano.

Diziam os calendários antiquíssimos o grão  
no tumulto apagado da terra com cio, dizem  
os noticiários de hoje a falta que ela faz  
ao pão quotidiano de quem come a simples fome.

As palavras não resistem. A poética de hoje,  
dessorada do nada como do real, mas rodeando  
com meandros de flatulência a nua imbecilidade,  
esvai-se nesse outro líquido da alquimia tola.

Aparece nas manifestações culturais do país,  
ouve-se pela voz de críticos amigos na rádio,  
acha um trono, um poder, uma já história literal  
capaz de arrancar ao marasmo o triste leitor.

Não é água, é mijo. Não é cultura, a verdadeira,  
mas a sujidade charlatã do que fica no papel  
depois de lidas e repetidas as três ou quatro  
vozes que debitam a modernidade da poesia hoje.

Pena que a chuva não fertilize nem varra  
os jeitos, os talentos daqueles que escrevem  
para os compêndios da memória colectiva.  
Ganhe ao menos a terra sôfrega de frutos.

8/2/83

### A PRESENÇA MONSTRUOSA

Para quem como eu pensava viver uns poemas calmos  
neste inverno, quanta raiva não  
desfigura os dias toldados pelas injustiças  
nascidas no trabalho da rotina!

Colegas sofrem as prepotências de colegas alçados  
ao nojo da chefia, passam noites  
em branco, choram de impotência porque a vida  
exige que a sociedade humilhe.

Figuras sem tutela do meu quotidiano desperdício,  
dizem-me quanto sofrem, os olhos  
vidrados pelo espanto do sofrimento,  
do castigo que lhes cabe.

E os meus problemas, os meus tormentos de homem,  
desfalecem perante todo o amor  
que sinto pela atitude corajosa e cruel  
com que elas vivem a dor.

Não poder fazer nada, nem sequer insultar, por inútil,  
o poder, o mesquinho altar daqueles  
que se aproveitam da cegueira que queima  
as almas simples do homem!

Desfeito pelo que presencio apetece-me então vir  
cometer os crimes instauradores  
do equilíbrio capaz de remissão: mas só  
o papel aceita os desabafos.

Esta ingente mágoa por não ser suficientemente mau,

por não fazer como aqueles predadores  
que buscam nas entranhas do sonho humano  
o sangue da perfídia rica.  
Este duplo desgosto, ser da mesma espécie, viver hoje  
a mesma mediocridade, a estupidez  
que irrompe nas máscaras flácidas daqueles  
que imitam por interesse.  
Não há gestos que a civilização apague ou crie,  
há a impossível odisséia do amor  
rodeado dos crimes legais, das instituições  
que massacram a felicidade.  
Há a presença monstruosa do poder que coarcta  
cada gesto, cada olhar, cada suspiro.  
Querem-nos obedientes e eficazes, palha febril  
para a fogueira escrava.

10/2/83

## REAL IMAGINÁRIO

Procuró através do ritmo alcançar um estado de paz,  
da paz que palpita como ausência, como sonho ou meta,  
espaço nulo da vibração ontológica chocando faúlha  
com o cosmos, realidade intangível do pensamento.  
Procuró sobreviver aos dias, ao desgaste da alma,  
inventando a juventude como um processo de morte,  
colhendo de mim a medida de quase todas as coisas.  
Procuró deslizar como uma música na consciência  
do tempo, melhor, procuró consciência de nada dizer  
a importância de tudo, do pequeno brilho que aquece.  
Procuró ser autenticamente humano. Sem saber o que é  
sê-lo. Como se a ideia do humano nascesse do sentimento  
perdido no amálgama de sentidos que infestam o viver.  
Procuró a cura, o equilíbrio, a voz afável e feminina  
do universo num gemido capaz de fender o corpo.  
Explosão. Perda. Vazio. Procuró calmo e mísero o fogo  
do esquecimento quando a memória retrata o quotidiano  
de um passado vivido na mediocridade do ocidente.  
Por vezes, febril, procuró o lodo. A queda, o rebotalho,

o cheiro fétido da aurora, o crime do pobre ao rico.  
Procuro com sorrisos dúbios o lugar deixado pela dor,  
as cinzas do amor, o espelho onde vivi e vi o esgar  
da velhice como um aperto do coração cansado. Procuro  
o sinal da minha presença, o calor animal que espraio  
pelos outros, a imagem reluzente de um beijo humano.  
Procuro abrir os esconderijos de hoje, libertar  
a época dos seus fantasmas mais mesquinhos, traduzir  
com ironia os proféticos enganos, os nefastos dislates  
que povoam as mentalidades educadas no século orgulhoso.  
Procuro no holocausto a pomba vermelha, o livro célere  
da perdição humana, os passos do ódio e do poder,  
a verdadeira castração. Procuro ser. Nu como uma página,  
aflito pelo tanto que pode ser dito quando se sente,  
sem saber onde vou nem de onde transmito o corte,  
procuro em pleno vazio escolher as regras do jogo.  
E assim navego, sofro, rio. Homem sólido pela solidão  
que não governa, afeito ao mericismo como à dúvida,  
regresso a mim rasgado pelos espinhos transformadores,  
sem a menor ideia, sem o menor pressentimento, olhar  
do corpo que sobe ao espírito, real imaginário onde  
se cifra pelo poema tudo aquilo que em vão procuro.

10/2/83

### CAUSA E EFEITO

Embora transtornado pelas peripécias do quotidiano  
trabalho, sinto um estranho carinho,  
a harmonia relativa que me faz estar mais perto  
dos objectos, como se perdesse aos poucos  
a humanidade, o corpo que me entrega devoluto ao rito  
das efemérides, a consciência aberta  
como uma metamorfose da própria insubstituível  
mudança. Uma paz onde o sentimento explora  
as regras, os sopros, os cicios das coisas que sobem  
até um mim perplexo pela extensão tangível  
da queda. Um vazio onde a angústia não exprime alor  
nem presença, um estado muito próximo

da ideia que se quer da morte. Como se fosse um homem  
sinto a possibilidade da grandeza, a memória  
espalha ao redor as lembranças vividas e imaginadas,  
tudo fui, mesmo o grito antagônico, a mão  
decepada da imagem que atormenta os declínios sérios.

Escorre de mim um sangue, não é a dor, o medo,  
é a visão alegre de que um corpo exige um espírito  
para quem desmerece os mais íntimos segredos.  
Visitado pelo brilho, aquecido pela faúlha, ferido  
escolho este momento subsumindo o melhor  
que possuo, a disponibilidade, a inteligência, o olhar  
escorrito que, se não traduz o real, eleva  
o conceito do homem ao apogeu do exílio profano.

Vivo para respirar este agora e este aqui,  
os dias passam indiferentes ao clamor do sentimento,  
desfazem a pouca esperança que alicerço  
em lucubrações capazes de estarrecer o raciocínio  
mais destemido. Agora o calor conforta  
o nada ontológico, o corpo arqueja como gato perdido  
nos meandros do cio, o rio dos reflexos  
exteriores encontra o melhor leito na consciência  
disposta a aceitar as leis do acaso  
e da contingência. Não há esquema para as coisas,  
não há forma para mim, há este marasmo  
de sensações, este desejo impávido de experimentar  
finalmente o além, o seu limite humano,  
a sua força, o seu declive, a sua duvidosa ascensão.

Há subitamente a música, o chamamento,  
o prendimento como causa e efeito da estadia.

11/2/83

## ADULTO PLENO

Na casa vazia cirando entregue aos afazeres domésticos,  
o rádio expelindo o som contemporâneo de canções  
que trazem o rebuliço de outros países, outras cidades.  
E penso. Não na minha vida como vinda do absoluto,  
mas nos fenômenos que me fazem estranho entre os homens.

Rio daquela frase onde o disparate sulcou a razão,  
madeficam-se-me os olhos perante a mínima tragédia.  
Com dificuldade vivo neste universo burguês: homem  
onde a lei nasce do sentimento, desprezo com raiva  
a comédia que as sociedades se oferecem, as importâncias  
escancaradas no ridículo que não se reconhece estupidez,  
o próprio destino que me reservou a história.  
Impotente na mais profunda das raízes para transformar  
o mundo, o seu trabalho, o seu desperdício, escondo-me  
em papéis que guardo na desmistificada gaveta: aí  
gravito, subo e desço, descubro súbitos sentidos, amores  
incapazes de humano, carinhos sem corpo, falas a dizer  
que a voz varia, vagueia, voraz mecanismo da consciência.  
Adulto pleno não planeio o futuro ou o seu logro:  
esqueço-me pela casa a tarefa de amanhã, a humilhação,  
ter que me vender para sobreviver, a profissão aberrante  
de ensinar o que não sei, nem mesmo certas línguas,  
certos estremecimentos que me disseram quanto sofri algures.  
Lembro como quem quer a todo o custo permanecer vivo  
certos rostos femininos, o corpo nu daquela rapariga  
onde a idade apostou na faminta batota, o seu sorriso  
na tarde quente de verão, a praia deslizando para o leito.  
Húmido pela invocação lembro-me que possuo um sexo,  
sem vergonha sei-me aquele animal, aquela contradição,  
pois se o exílio é a figura, a terra exige-me tão antigo  
como o primeiro vagido que furou a materialidade amena.  
E digo: vem, ó noite! vem despovoar-me, traz-me o clamor  
da outra espécie, o relâmpago de outro sol, vem toldada  
de ternura até ao simulacro de mim, desfaz-me em roldão,  
no movimento que a hélice desdobra quando aspira o pó.  
Mas não é ainda noite. Inverno lá fora, a chuva querida,  
o vento que não traduz mais a solidão nem o desgosto:  
é a hora do sonho, do deslize sem consciência, é a hora  
em que o objecto derruba a ideia do humano: cada gesto  
denuncia a estranheza, o profundo desapego, o solar ódio.

11/2/83

## UMA MANHÃ COMO ESTA

Decorre mais uma manhã de inverno,  
calma e simples na sua riqueza solar,  
indiferente ao que se inquieta em mim,  
este nervosismo todo intelectual  
de quem mal sabe como enfrentar a vida,  
o seu insubstituível mal.

Os deveres, as obrigações, matam-me.  
O que não fiz por preguiça ou por ousadia  
ataca-me com agulhões de perseguição,  
o desejo de tudo abandonar, mas tudo,  
sublime assalta-me. Desaparecer,  
digo-me tantas vezes, e tantas vezes  
a falta de coragem sorri da promessa!

Se fosse aquela precisa árvore!  
Ou o sol. Esta pura luminosidade  
sem afazeres sociais, aqui como evidência,  
este estar na possibilidade da ausência,  
deslizando sem furos nem fugas do universo.  
Se ao menos fosse um homem à altura  
das regras do jogo!

Mas não. Aqui estou, corroído por dentro,  
sem saber como gozar este momento, esta luz,  
esta paz tão exterior e breve.  
Pior do que isso, sem poder ser  
verdadeiramente homem, isto é, alguém  
que se borrifa para as responsabilidades  
para melhor poder sentir quanto perde,  
quanto ganha diante de uma manhã como esta.

É um crime viver indiferente ao sol,  
ao rocio que tapeta o chão verde do imaginário,  
é uma vergonha esta sofrível existência  
de falhados no cúmulo próprio da essência  
como absoluto nada nada revelando ao homem.



Vai agora dizê-lo aos bonifrates do social,  
àqueles que possuem a certeza, a única,  
de que a vida exige o medíocre e a cegueira  
para que se possa alcançar a sobrevivência.

16/2/83

## TUDO TÃO SIMPLES

Tudo tão simples, tão límpido, esta luz matinal  
desperta do estático pelo marulhar do vento pouco  
que assola as roupas estendidas. As fachadas ouro  
infantil de quem sabe tudo, o mal como o bem,  
as pessoas lidando com esmero e neutral mecanismo  
nas tarefas do começo. Encontro-me possivelmente  
no fim do mundo, tanto os meus olhos me acariciam  
com esta leveza, este fúlvido encanto: estou imaculado,  
velho como a essência, desprotegido dos risos alados  
que infestam as demências políticas assim  
como os seus corolários de fogo. Respiro a manhã,  
descuidado de tudo, sem memória nem futuro,  
arfo em unísono com a indiferença da natureza.  
Sinto-me tão bem, isto é, não me reconheço: alma  
esdrúxula tirada do sem número de afazeres reais,  
acho-me na perda, sinal inviolável do eterno.  
Pairo sulcado de vozes, hoje não é o sangue quem diz,  
mas o mais profundo de mim, este interior esperma,  
o seu calor no centro, o seu desejo inexorável.  
Esvaído no sem mim, prefiguro o susto, o mistério,  
e dando o salto, a presença do objecto. Sou a manhã,  
os seus ruídos, os silêncios, as cores que debuxam  
uma estação do ano, da vida esqueço-me, sem remorsos.  
Aquele verde das ervas, a água de ontem na poça,  
o frio que paralisa a consciência, quero sê-los.  
Oh! deixar de ser eu para poder ganhar o brilho  
da sabedoria, o mutismo do olhar, a voz da gratidão!  
Quisera a experiência. Quisera a metamorfose.  
Incapaz contudo de logro, embora desejando a vinda,  
o clima tenebroso da verdade, fulgência e horror,

logro contudo estender-me neste nada, manifestação tardia do desespero que conhece as páginas brancas. Tudo tão simples, até este poema. Forma duvidosa de se dizer quanto nos escapa na vida, quanto se nos fala em momentos desprovidos de história. Límpida e serena, a manhã, turvo e agitado, eu: no espaço que vai e vem, a indesculpável distância: quisera estar aí, amor, bem aí, rodeado de flores, das árvores que nos imitam, no murmúrio do riacho sem começo nem fim: aí seria talvez feliz, longe de mim, como esta luz agora despertando quem sou.

16/2/83

### O DESTINO NÃO DIZ

A chuva. E esta sublimada felicidade, sentir-me tão bem, tão quente. A chuva prosaicamente lá fora, fertilizando os campos, e este conforto cá dentro. Súbito recordo a casa de Londres.

Lembro-me, sentado no escuro da noite, inverno, olhando para os móveis através da pouca claridade, não sentindo nada. De repente, estava eu ali, incapaz do humano, fixo no vazio, objecto entre objectos, petrificado.

A chuva também caía e não me dizia nada. Diante da janela, os olhos no candeeiro nocturno, altamente desfigurado, amaldiçoava a vida, a desmesura da eternidade, o silêncio do ser, as sociedades que visitara.

Odiei então, como nunca a palavra suspeitará, aqueles que em casas aquecidas escreviam o destino do homem em poéticas felizes ou confortáveis. Desejei tantas vezes ser a bomba, o explosivo deflagrado nas consciências modernas, o crime sem voz da ausência ou do castigo.

Na felicidade e alegria do momento, quem traição?  
Não serei o mesmo? E como suportar esse meu ódio  
pelo que agora sou? Ironia, o destino não diz.  
Mas este conforto sabe tão bem,  
esta meiguice de mim mesmo vinda a mim mesmo!  
Este fácil casulo, agora, esta hora  
numa tarde de inverno, fim de semana.

Lembro em choro ambíguo o sangue.  
Todo o sofrimento enraizado na alma.  
O suicídio tão perto.  
A solidão de quem desobedeceu à lei.  
No tumulto da sensibilidade de hoje,  
perplexo pelo assalto dos sentidos passados,  
não me lembro de mais nada.  
Basta-me assim esta deplorável felicidade.

25/2/83

#### A TENTATIVA

Continuo, zeloso do meu equilíbrio interior,  
a querer escrever esse poema outro,  
a querer ser a possibilidade aberta  
que um outro ser me deixaria para, por fim,  
poder viver a existência como a sinto.

Estou demasiadamente dentro de mim.  
Não é bem isto o que pretendia sugerir,  
mas as palavras, os sentidos escasseiam.  
Queria poder-me transformar numa paz humana,  
sentir até que ponto o infinito faz parte de mim,  
até que ponto sou necessário na minha vida!

Gostaria de me sentir mais acompanhado.  
Não se trata da solidão, esse flagelo contemporâneo,  
não se trata aqui dos outros. Mas de mim,  
que vivo tão longe dos meus próprios passos,  
tão isolado de mim mesmo.

Estar tão dentro de mim e tão longe,  
eis o problema.  
Compreendem? Não me sinto longe nem de fora  
por estar tão dentro de mim, não é isso:  
não se trata aqui de qualquer forma de egotismo.  
Ou de doença psíquica.  
O que sinto é outra coisa: este poema procura,  
busca o sentido inviolável do meu mal.  
Possivelmente do meu bem.

Como se fosse possível (começo a detestar esta frase!)  
com palavras desconhecidas encontrar finalmente  
aquele que sou, ou que quero ser.  
Como se as palavras esquecidas ou desprezadas  
constituíssem um outro mundo, o meu universo.  
Compreendem agora todos aqueles vocábulos  
que enxameiam de silêncio, porque ignorados,  
os meus livros passados? Aí vislumbrei a saída,  
mas os dédalos estavam falseados.

Resta-me a tentativa. O paulatino trabalho.

25/2/83

### A ÚNICA CHAVE

A maldade sem ódio – eis a chave!  
Trinta anos de trabalhos, de guerras ctónicas,  
de fugas e de recontos, de estratégias falhadas:  
ser mau, sem ódio.

Vinha na rua, pensando no absurdo das idas e vindas,  
cansado de mais um dia de fingimento – ser homem –,  
quando a frase faiscou de clarividência:  
A maldade sem ódio.  
Para sobreviver, para aguentar a oposição  
de tudo e de todos, o sofrimento de estar sem ser,  
ou de ser quantas vezes uma natureza desprovida de estar,  
só vejo uma saída: a maldade sem ódio.

Sem ódio porque o ódio corrói, transforma  
a essência em esterco, mata a chama, dilui  
o chamamento do universo. Conheci-o bem, outrora,  
fui a sua presa preferida, o seu esgar insubstituível,  
a subterrânea força do mundo tentando-me aniquilar.

Ser simplesmente, bondosamente, mau.  
Consciente de que a fala humana exige o desconhecido,  
de que a humanidade não pode viver sem mito.  
Quer seja o altar ou o relâmpago,  
o emprego das nossas sociedades ou o medo,  
a figura do pai perfila-se como o espasmo absoluto.  
O papão. A sombra que nos dá razão de labutar  
em metáforas existenciais, que nos pede sacrifícios,  
que, sublime como uma ausência, justifica o martírio.

A partir daqui, digo para mim próprio, a verdade:  
ser mau. Não pretender criar nos outros o exílio  
da liberdade, o gozo da solidão, a altivez do olhar.  
Se existe, o mal, é com a cumplicidade do homem.  
Passam as idades, os séculos, morrem e nascem  
civilizações: ei-lo, o mal, figura predominante  
da história, motor e espelho, sinal da presença.

Que estúpido tenho sido! Procurando caminhos  
no único possível caminho: ser a natureza,  
compreendendo a crueldade como a única chave.

25/2/83

## A PERGUNTA

A sorte que tive, mesmo assim, por haver a música,  
arte contemporânea da minha estadia, da minha dor.  
Ouvi-la dá-me o prazer de me reconhecer,  
de ciciar ao ouvido desatento: sou eu quem sou!  
É um encanto, um fluxo de presença, um abrigo  
onde encontro as peripécias vividas pela alma,  
algumas vezes pelo corpo. Ouço e digo-me:

por lá passei, sim, lembro-me perfeitamente,  
aquela mulher, aquele sol, aquela rua deserta  
no coração esplêndido do desgaste e do delírio.  
E depois, a música, faz-me sentir o mais puro lugar  
de mim mesmo, dá-me uma alegria desmedida,  
eleva-me ao cúmulo do calor como essência humana.  
Tudo poderia ser diferente! Se quiséssemos...  
Mas algo nos impede de viver a voz e o silêncio.  
Animais afogados no fora, do ventre como da casa,  
levedamos o grito da crueza; revoltados pela inteligência  
que nos deturpa os gestos, o sexo, os desejos,  
queremos a todo o custo praticar o mal.  
Estabelecemos a guerra como a ordem natural,  
do outro não queremos ver nem ouvir o sopro,  
basta-nos que esteja ao lado, rival do espaço,  
da fome que nos sacode como barcos sem possível mar.  
Algo nos atraiçoa. Cruzados de bestialidade e de amor,  
desconhecemos as leis, as inúmeras carícias,  
o sentido periclitante da presença humana na terra.  
É mais fácil matar. Comer os restos mortais da ideia,  
da imaginação daquele que ignorámos ou destruímos.  
A vida incomoda. Não nos dá descanso. Exige-nos ágeis  
no manejo dos instrumentos ideológicos. Sobreviver  
às catástrofes, ao fogo e ao gelo, é tarefa milenária  
de quem não tem tempo nem sossego para parar.  
Súbito, a música. Vozes de hoje, das ruas e do recesso,  
deflagram como tempestades purificadoras. Dizem:  
estamos aqui, sofremos na ignomínia o brilho quente  
da coisa ou do ser que não somos. Para lá tendemos?  
E a pergunta paira, pacífica mensagem do absoluto,  
liberta das fronteiras, dos ritos como dos castigos.  
Nem eu sei responder, mas sinto e compreendo. Energia  
sem saída nem transporte, paira no ar, paira sublime  
na substância da vida, da loucura que nos consome.

25/2/83

## O ENGANO

Já a noite vai longa, já a vida se prolonga  
através das folhas brancas caídas sobre a mesa.  
Não é a desolação. Nem o solitário silêncio  
da arte que não se reconhece de tanto viver.

Há um estranho apelo, um íntimo desejo: ficar  
tão vivo quanto possível nas palavras autênticas  
que o sentimento debita, que o coração alicerça,  
sem nada dizer, sem nada revelar, sem nada conter.

É o instinto, amigo, que me faz regressar ao medo  
da brancura vazia onde tudo se resolve  
sem que o destino se resolva, o meu, amigo,  
estes tantos anos dirigidos para o fim fatal.

Solene na plena derisão, chego-me à mesa,  
vejo as páginas vazias, tento ler a sorte:  
nada, este deslize, esta faúlha, este fogo:  
onde descobrirei o mundo, a essência humana?

De que me serviu viver? A memória não dá  
respostas, a sensibilidade é apenas um elo  
com o redor, a razão esforça-se por equacionar  
os arremessos da alma, o espírito esfarela-se.

Todos os dias são o dia, o momento crítico,  
o estático êxtase, o delirante espanto: querer  
saber, ver para além dos fenómenos, sentir a hora  
como a chamada última do desejo e do prazer.

Mas a folha permanece isenta. Uma mão serena,  
um gesto dolente: quisera poder escrever a vida,  
viver na escrita poética a experiência máxima,  
a distância de mim ao mistério como alcance.

Nunca escreverei esse poema porque nunca o vivi.  
Aqui, diante do espaço branco, um frémito dói-me:

por que não consigo fingir a verdade eterna,  
por que não mereço o engano do homem efêmero?

25/2/83

## DO COMEÇO COMO DO FIM

Sol, sol, sol: diz minha alma, sol, sol, sol: giz em chama  
rolando em silêncio na liberdade azul do universo,  
quanta alegria sinto neste momento!

Quanta paz me percorre, um rumor infantil explodindo  
pelo acesso viril do corpo, um prazer sem desejo,  
este calor de mim identificado na luz do dia feliz!

Palavras antiquíssimas deslizam afáveis carícias,  
sinto-as, vivo-as, sou-as: tremulina, sopro, espírito,  
quero-as como células do único corpo, esta carne tal  
receptáculo do mistério. Sol, em ti revejo a aurora,  
o passo contente do planeta humano, o afago fogo  
onde pus a parte mais nobre do homem: o sexo.

Sol: sal da terra, diziam, enganaram-se, não faz mal.  
Agora tudo resplandece, cada objecto sujeito ao som  
do silêncio que canta a forma, o conteúdo.

Agora tudo pulsa, vibra, crepita na luminosidade  
que lambe os contornos, os pensamentos de quem  
finalmente sabe por que vive, por que morre.

Agora: Sol, a palavra mágica do começo como do fim,  
o bem sem essência, o mel, o mal do medo molecular  
que assalta a hora mais pequena da noite desfigurada.  
Vou mil vezes dizê-lo, para que saibas, para que possas  
visualizar a extensão da catástrofe quando me perco  
no remoinho dos sentidos vazios de energia anímica.

Sol, sol, sol, grita baixinho meu corpo dorido,  
leva-me até ao triângulo, sobe-me pela pirâmide,  
larga-me no infinito, tua eternidade, idade minha.  
Trinta e cinco anos para chegar aqui, estar aqui,  
diante de ti, tão perto e no entanto tão longe,  
homem da loucura fugindo com raiva e ódio e amor  
da deplorável demência, tua rival, rede de vazio: branco.  
Dia após dia seguindo a música das ruas, daqueles



que como eu sofrem mesmo o gozo, porque algo está:  
errado. Arado da brincadeira no plexo da profundidade,  
sol, sou o teu filho, o teu amado, impossível pai  
onde as funções da família desesperam e aniquilam.  
Quanta alegria neste quente momento!  
Soletrando a vida como uma criança desprovida de tempo,  
sol, sol, sol, giz em chama, sol, sol, sol, diz minha alma.

28/2/83

## PACÍFICO E HUMANO

Aproveitei o dia para passear.  
Percorri as ruas soalheiras da vila irreal,  
dispus-me a sentir a terra nos seus sopros anímicos.  
Pensei em todos esses anos irremediavelmente perdidos,  
com um esdrúxulo, intemporal carinho.  
Passei em revista quanta memória me é possível,  
revivi cenas situadas a anos de distância,  
sorri, vibrei, cheguei mesmo a chorar de certos momentos  
em que minha vida explodiu num amálgama de sentidos  
confusos, sanguíneos.

Concluí que a carne fala. Diz mais  
que patéticas ideologias, que compostas filosofias.  
Compreendi até a feliz diferença entre pais e filhos,  
os disparates da educação sempre imprevisível,  
as minhas relações com a original família.  
Senti que fora injusto quando me pensava a justiça,  
que cometera erros em momentos de duvidosa perfeição.  
Vi com olhos de hoje o meu turbulento passado,  
pesei a dor que me gravitou em terras estranhas,  
acalentei o prazer que me visitou em noites frias.

Pacífico e humano deslizei ao longo da serra verde,  
quis perceber o vento como uma carícia amável,  
dediquei à água que corria minutos de pensamento.  
A vida. Este suportável e asfixiante fluxo de tudo  
centrado num mim que tempera o segredo, a necessidade

ontológica de um nada absoluto. A vida. Água, vento, fogo interior e a paz zelosa da terra enobrecida.

Fiquei horas fora de mim. Desaprendi a falar, vazio deixei o mundo preencher a alma, o olhar grego que roubei num livro infantil. Ouvi com clareza as vozes daqueles que ao viverem viveram-me num súbito segundo, fiz tudo para recordá-las no silêncio do espírito. Quis ser mais, muito mais. Esvaído pelo cansaço, perdi-me, quero dizer, perdi a noção das coisas visíveis. Depois, regressado, desfiz o equívoco, achei-me a sonhar com o que poderia ter sido, a tensão no seu limite infinito, o sopro ágil salto entre mim que passeava e o mais que me esquecia.

28/2/83

### ESSAS VOZES

Devo estar doente! Só me apetece escrever. Pior, muito pior, porque no momento relâmpago em que escrevia escrever sulcou-me, num ápice cego, o verbo morrer. Mas porquê? Foi um dia tão bom, uma luz tão bondosa, filtrada pelo fim do inverno, sem trabalho nem rodopios de canseiras. Porquê morrer? Não estarei bem?!, não estarei?! Eu que digo que amo a vida (este poema está a sair tão mal!), que escrevo poemas em louvor do sol, que simplesmente vivo e escrevo e leio depois para sentir quanto vivo e escrevo, porquê morrer? Será por isso? Sei bem que algo está errado: sou eu, pronto, já descobri há muito, suporte até a ideia, porquê pois morrer tão novo, tão desnecessário? Quando comecei este poema – este sufrágio –, se empreguei a palavra doente foi para exprimir o meu espanto pelo desejo incontido de escrever. Mais nada. Esta vontade em me perder na escrita, em me apagar nos seus meandros fictícios, textuais, como um barco à procura do tesouro, a memória antiga

de outros homens, de outras civilizações.  
Porquê morrer? Não sou feliz, na medida do possível?  
Tenho uma família, uma casa, um trabalho melhor  
que muitos daqueles que já experimentei, que se passa  
comigo? Sim, para lá do mal que é ser, que é existir,  
que mal me faz querer assim morrer? Agora digo,  
e com razão, devo estar doente! Por que não faço  
como os outros que fazem como eu para viver?  
Hei-de acabar, todos sabemos, para quê pois  
querer agora morrer? Há pouco pensava, num outro poema,  
que a carne fala. Falou. Mas não compreendo. Não compreendo!  
Sinto-me até tão bem! Sem razões plausíveis  
para me apetecer morrer. Porquê? Porquê?  
Confesso que fiquei transtornado. Depois de um dia  
como este, tão razoável, tão bonito, tão visível,  
por que raio haveria eu de querer morrer?  
Que chatice! Não há felicidade que dure...  
Nem...(Que merda de poema!) Mas porquê?  
Gostaria verdadeiramente de saber, porquê, raios?!  
Nunca mais terei paz com essas vozes que despertam  
no meio de nada para me dizerem tristes revelações?

28/2/83

## A LIBERDADE

Em cada poema que escrevo procuro a liberdade.  
De todos saio frustrado. Há sempre esta consciência,  
a minha, que me impede de saltar os obstáculos,  
da estética como da íntima necessidade. Assim,  
a poesia afigura-se-me a ideal prisão onde escabujo  
por tanto querer finalmente ser livre.  
Perder os sentidos, eis o meu escopo. Rodopiar  
amálgama de tudo, este olhar humano disfarçado  
no voo terrível do estado próximo da demência.  
Há este medo, às vezes, de que aproximar-me demasiado  
me poderá ser fatal. Gostaria tanto de ser nada,  
(desculpem-me o paradoxo!), de gravitar os caminhos  
da feliz irresponsabilidade, de dizer merda ao social

como mecânica do castigo ancestral que tolhe o homem.  
Poder ficar a dormir! Parece tão simples...  
Poder escrever um poema verdadeiramente mau,  
mau na verdadeira acepção da palavra, e no entanto  
súbito essencial, um poema onde me diria quem sou,  
o que faço, por que o faço, que sentimento possuo  
do universo, da vida, da morte, que ideias me assaltam,  
toda a estupidez que me rodeia, toda a inteligência  
que sofro e gozo e me indifere: poder dizer, dizer  
não ligando ao que possivelmente num futuro ideal  
o leitor ideal pensará ou julgará: quisera poder  
num simples poema debuxar a gênese do meu desejo,  
de deixar bem claro a penumbra que por vezes sufoca,  
o escuro do ser, a cave fictícia que me acompanha.  
A própria escrita escraviza. Eu sei que a procuro  
sofregamente, que preciso dela, ar onde penso respirar,  
mas depois as palavras dos outros não me obedecem,  
fogem, escapam-se, atraioam-me, abandonam-me:  
um sorriso esfíngico espalha-se pela minha criação,  
um riso alto deturpa-me, transfere-me, amortalha-me.  
A mim que procuro a vida, a única terrível liberdade.  
Ponho-me, patético e criança, a balbuciar sons novos,  
diante da folha branca não ousa escrever o nada,  
canto, canto apenas as ladainhas do desconexo, sons  
que sobem do fundo da carne, espasmos desarticulados,  
a linguagem medonha da vergonha, a linguagem virgem  
onde me liberto do peso com que a civilização esmaga.

2/3/83

## SALVAÇÃO

Triste não poder dizer que nos outros encontro  
a minha salvação. O meu desaparego. A minha distância.  
Há contudo manifestações aqui e ali no globo  
que me dizem até que ponto estou perto do susto  
que corre nos corredores subterrâneos do sentimento.  
Aquela canção acabada de aparecer, aquele filme  
sem sucesso, o poema escrito há mil ou mais anos.

E porquê? Porque não minto, não procuro o moderno que é ser hoje, não me deixo influenciar pelo poder. Confio em mim. Se sinto, se sofro, se gozo, autêntico sou. Aquela ideia disparatada, eis o génio. A teoria da vida é só uma teoria, não é a vida. Viver desfaz a imagem como num espelho quebrado, obriga o sujeito a compreender a crueldade como uma necessidade, um passo dado na amplidão desgovernada do universo. Viver transforma a palavra de ontem no vazio actual, mas também nos dá a esperança de um futuro habitável. Muitas vezes me pergunto qual será a palavra eterna. Existe, não existe?! Mas depois viro-me para as coisas, aprendo com o que vejo, não a ver ou a sentir, mas a ser mais definitivo no complexo mecanismo da fulgurância. Há um espanto. Dizem que houve uma explosão. É possível. Há uma insondável abertura, tudo está dependente da minha palavra, do testemunho capaz de dar presença. O tempo sou eu. Este tempo, esta casa, esta janela. Digam o que disserem, o poema existe. Pode ser mau, não aparecer na antologia digna, não ser conhecido pela cultura do país ou dos poucos que são a cultura, mas o poema, este poema, existe. Está aqui, em progresso, essencial como o alimento, a fé, o ar que se respira. Ninguém mo poderá roubar. Apareceu, tirei-o do nada. Fui à ausência, desdobrei-me na queda, logrei a perda: alcancei-o, ei-lo que jaz e rodopia, um brilho atómico. Às vezes sinto um desejo tão novo como o suicídio, a vontade pura em desaparecer para que tudo seja, mas acho-me sempre em frente, opacidade e transparência. Sou, o poema atesta-o. Vivo e amo e odeio. Homem de agora não pretendo mais do que sugar o minuto, absorvê-lo inteiro e contendo a frugalidade da estadia efémera: sei que não duro eternamente, mas sei que quando escrevo atinjo o mais carnal do eterno, a minha salvação.

2/3/83

## A LUZ

A luz da tarde primaveril vai desaparecendo:  
dizê-lo, assim, quanto prazer!  
Esvai-se o calor prometedor, sentir-me assim  
é o mais nítido privilégio.

Tomara a vida ser sempre esta sensação que tive  
do dia. Este fulgor que me viveu, esta felicidade  
sem raízes nem causas. Tomara poder sentir sempre  
a alegria que me aliviou das rudezas da vida.

Sempre a vida. Como muitas vezes digo aos amigos,  
em tom de brincadeira, nem sequer se trata de poesia,  
estou muito aquém, quero está-lo, mas de outra coisa  
que tem feito da minha existência uma aventura.

Talvez poética, concedo. Mas não é importante  
que o seja. Há qualquer coisa que paira, existe, diz.  
Não saber dizê-la dói-me, fere-me, desarticula-me.  
Aceitá-la como inominável é o meu contributo.

Possivelmente o meu castigo, a minha obsessão.  
Estar tão perto, rodeá-la, senti-la fisicamente,  
desejá-la no plano do imaginário, sem poder  
dar o salto, desvendá-la, escrevê-la, sê-la.

Derrotado consolo-me com o sol que alumia e aquece,  
espreito a lua que desfalece de tanta brancura,  
procuro a mulher, o seu interior em chamas, o gemido  
do deslize, a queda no vazio da nossa condição.

Há um laço invisível entre estas palavras,  
sinto-o com fluidez, sei-me no centro disso,  
tão certo como ser pai e marido e filho,  
tão seguro como se possuísse a única palavra.

Mas a luz transforma-se. As cores morrem, a noite  
que me viu nascer abraça-me sussurrando: Vem!

Quanto te amo, ó certeza de mim, real verdadeiro  
onde espero. Descansa, paulatino eu vou, venho...

2/3/83

## DA PRESENÇA

Cansado do trabalho chego a casa,  
precipito-me para o copo de leite fresco,  
saboreio com um enternecimento simples a laranja  
que descasco paulatinamente. Depois, seguro e súbito  
velho, percorro as dependências adormecidas: sabe bem  
este silêncio húmido, a penumbra que nasce das paredes  
e das janelas cerradas. Acendo a luz, lá fora a nesga  
de terra que me cabe ver todos os dias: o espaço verde  
que me separa das traseiras de outras casas.  
Perco-me durante minutos, absorto, nítido, olhando  
cego a frente, olhando sem olhos nem alma o redor,  
a vida humana e animal que vegeta neste fraco país.  
O sol raia, o vento sacode roupas a secar, telhados  
descem, antenas levantam-se, eis o meu cansaço, o mundo.  
Terrível cefaleia, olhar sem sentir, sem ver.  
Mas a janela atrai-me, prende-me, dá-me o calor  
outro que não o físico, o calor do desespero,  
do sentimento de cansaço que me alaga, me inebria.  
Dá-me a presença das coisas, deste fora que me obceca,  
das pessoas que evoluem nas alheias janelas,  
dos bichos que se alongam ao sol da nua preguiça.  
Quisera estar sempre assim, sem me mexer mais  
que o dedo mindinho quando escreve no vidro seco  
as palavras da angústia insentida: figuras do acaso  
surgem como símbolos da Presença, estes vocábulos  
inexistentes na língua, este movimento do corpo  
na sua mais escassa expressão. Terei que escrever  
sempre? Mesmo sem folha nem máquina, terei que fingir  
que controlo o real, a vida, a miséria da estadia?  
Meu polegar rabisca sem parar o indicador vizinho:  
quantos poemas perdidos na carne, quantos romances  
escritos no corpo? Ninguém dá por isso.

Escrever, o castigo de hoje, a maldição, o vício!  
Mas se ao menos fosse a vida, a dinâmica das almas,  
o roçar dos corpos, o trabalho do espírito!  
A sensação de que não se pode atingir o valor,  
a essência nem a contingência, mas apenas o compromisso  
com a aparência, com a ficção que imaginamos real.  
Porque as coisas não se dizem, não falam. Do desconforto  
da mudez ousamos tolos inventar a língua hipotética:  
felizes supomos que ao dizer atingimos o inefável.

4/3/83

### A TAREFA

Sabendo da impossibilidade, aflito de tanta pacacidade,  
espero. Imito certos animais da mitologia contemporânea.  
Lanço sentidos como redes, ouço estranhas músicas, vivo  
a respiração como quem ignora que vai morrer. Desarticulo  
a língua que aprendi, e sobretudo teimo em escrever  
quanto perpassa por mim sem significado nem memória,  
como se a tarefa fosse essencial para o tempo futuro.  
Pode ser apenas loucura. Pode ser um risco. Não é a morte.  
Porque a intensidade instala-se, o êxtase explode,  
a vibração percorre o universo do aquém e do além,  
a voz identifica-se com a escrita dos sibilinos sopros.  
Porque sofro os ritmos do ausente, sou o medo alto  
que aquece o corpo e sobe ao esplendor do espelho:  
consciência ou outra coisa, aceita o irrazoável, acolhe  
com carinho o desgaste, a queda, o suplício do verbo  
que não encontra na língua o som nem o seu sentido.  
Sei que não é fácil viver assim. Que não sou compreendido.  
Do poema aprendido em pequeno fiz o espaço em branco  
da descoberta que não se encontra, do espasmo eterno  
que debandou as palavras efêmeras procuro humano sentir  
o arrepio, o estertor do conhecimento único, da verdade.  
Fui e sou a desmedida. O extremo, a ausência, a extensão.  
Caído no meio dos homens igualo-me no processo criativo  
ao desastre que desfigura a terra, à catástrofe estreme  
que desvirtua a ideia de ordem ou de clara previdência:



quero dizer, subsumo o mais íntimo da destruição activa. Porque sinto (o verbo é outro) em mim a fulgência fraca de outra linguagem, de outro inolvidável cataclismo: passado e futuro apagam-se, discutem, desaparecem: resta-me o presente, os seus alçapões, os seus cansaços, os desânimos que me querem afastar do ponto ilimitado. Porque, já todos o sabem, a loucura espreita. Quer-me vítima, segura de que o mistério é necessário, fatal para quem o desvenda com as palavras novíssimas. Mas como evitar a terrível atracção, o chamamento, o sinal, nesta experiência da vida votada aos gestos inúteis? Despercebida, a tarefa espera-me: é um poema casual, é o meu mutismo em momentos de acordo e de revelação: de todas as vezes falho porque me faltam palavras, ou porque os sentidos enlouquecem a possível escrita.

4/3/83

## A AMBIGUIDADE

Deitado na cama vespéral ouço a música que debanda o rádio, não posso dizer que sinto a terra mover-se, mas posso dizer quanto me sinto bem, fora possivelmente das raízes do homem, do animal, ser saído do nada, do tempo insubstituível. É uma sensação fecunda, estranha porque me deixa altivamente desperto, fecunda porque me espraia através do espaço, eu uma outra música. É do paralelo entre o que ouço e o que penso que nasce o que sinto: este bem, este desdém por tudo o que evolui fora do perímetro anímico. Largo-me em sons que se transmudam em cores, perdi o corpo, sou um pouco a terra, o seu oposto, sei apenas que estremeço no ar como um líquido. Nada disto é poético. Tudo é sentido. Mesmo a ambiguidade que se instala neste poema, ou o caos que amo mais do que o medo da morte. Para agora escrevê-lo vivi experiências tão drásticas como pensar que morreria no minuto seguinte,

vi o vazio no seu esplendor miserável, desconfiei  
da razão ao desdobrar-me em duplos eus, pressenti  
a vida na luz que suave desloca o olhar para o infinito.  
Estar agora assim não é verdadeiramente um consolo,  
muito menos um prémio. Busco todos os dias roubar ao dia  
a sua voz, a sua fala, o seu profundo desejo.  
Nunca o disse, mas o tempo é um homem disfarçado.  
Basta permanecer no silêncio, os sentidos tesos,  
despertos para todas as contingências, para o nada.  
Ou vogar na música como agora o faço: logo nos apercebemos  
que há algo ao nosso lado, não o deus nem a sombra,  
mas há. Existe, não direi que respira, isso sim, seria poético,  
mas está, inviolável, imprevisível, presente.  
Essa presença assemelha-se muito a uma ausência.  
Nunca, ao descerem uma escada, ao virar da esquina,  
nunca ouviram que vos chamam, e que um acontecimento  
ocorre nesse minuto, um acontecimento essencial  
na estadia que vos cabe sobre esta terra vadia?  
Caís em vós. Formulais sem palavras: sou, existo.  
Existo cada som que deflagra nesta suave canção,  
a voz não só diz a letra como também se apropria  
do momento, da horrível abertura: quem disse destino?

4/3/83

## A ILUSÃO

Graças à greve grassa em mim esta disponibilidade,  
sentir a terra, o mundo, a odisseia do corpo aflito  
diante do que o olhar capta e reconhece.  
Apetece-me só dizer que a tarde vai no meio,  
veio de um absoluto caído no roldão das coisas,  
espaço onde vigoro de tanto permanecer isento.  
Nada de mim resiste. Não sei por que o disse, apetece-me  
actualizar a desgraça, o mimetismo da alma, o degelo:  
elo por demais utilizado na poética do século  
exige de quem escreve a energia do fatal crime.  
Deixar de ser. Tentar a todo o custo fingir a vida  
como quem foge da sombra ou do medo de morrer.

Vozes de crianças. Uma mulher à janela. O sol tímido.  
Interferências, interior e exterior, que a filosofia  
    irrompe como lava no mericismo, quer um papel  
    de antemão perdido, já histórico, quer pensar  
    a vida como o espaço da presença, talvez do sonho  
    de quem pensa poder conquistar o segredo eterno.  
A rádio fala de extraterrestres. Sem saber que de mim  
se trata, iludindo a realidade com factos verosímeis,  
    outros tantos laços da inquietação salvadora.  
    Agora velhas canções transformam-se em memória,  
    perseguem-me como sombras de um percalço maldito,  
    embora o locutor faça delas a história de uma geração.  
Gosto tanto do meu quarto! Desta varanda sem direcções,  
cortada do horizonte pelas traseiras dos prédios feios.  
    Sou um homem perdidamente achado, noutra língua,  
    é claro, vivo dia a dia o que me cabe da extensão,  
    brinco com as palavras pois sei o alcance como figura,  
    conheço a profundidade do desgaste frente ao tempo.  
A memória traz-me sedimentos de outras vidas, outras mortes  
tão reais como a gramática quando tenta escolher o preço,  
    o discurso capaz de liberdade, da que me falta  
    agora que o sentido desapareceu por momentos.  
    Pobre leitor, deixa-me dizer quanto te amo! De verdade.  
    Anseio pela tua ausência como quem não sabe o que ser.  
O livre livro é um logro. Este, malgrado pelo começo,  
pesa-me como um defeito, chaga sem fim do sofrimento.  
    Mesmo quando é gozo, ou alegria ou felicidade.  
    Devo dizê-lo para que possas sentir o verbo  
    na asa do revérbero: a ilusão é essa, a luz do trauma  
    significando o possível amor: estar aqui e dizê-lo!

8/3/83

## ISTO

A sucessão variada dos dias desperta-me.  
Dispersa-me pensar o que sinto em cada instante,  
a realidade humana move-se em direcções imprevisíveis,  
a consciência desfigura, pela novidade do saber, a ciência.

Quem sou concentra-se no perigo da dispersão.  
Uma asa louca levita sobre a minha cabeça,  
invenção ou verdade evita os esquemas teóricos  
arquitectados no frio das cerebrações historicamente  
filosóficas.

Viver não é nem deixa de ser isto.  
Isto que agora me acontece, o súbito calor do sol  
desvelado pela nuvem passageira, o claro ardor  
do animal que conhece as raízes imperdoáveis do sexo.  
Luz à superfície das coisas a luz interior  
que me abandona para catalogar a presença do homem  
que sou.

Não há mistério. Não há transcendência.  
Há a celebração da estadia, o riso estridente  
que pontua de marcos as passagens pelo sonho.  
Há o sono, a dádiva do tempo.  
O descanso em dias de nada, o sossego da noite  
que se avizinha. Há o corpo que devaneia a teia feliz  
do futuro orgasmo, queda apetecível no eterno.  
Há esta voz que canta a contingência,  
o acaso de fulgências existenciais, o ocaso humano.

Tudo o mais é *isto*, é viver.  
Estar possivelmente aqui, sentado na cadeira,  
a máquina de escrever piano para quem não possui ouvido.  
Estar talvez muito longe.  
Tão longe como o desejo, arfante mecanismo da carne  
à procura da explosão, da origem, do caos.  
Viver nada mais.  
Como se a respiração exigisse outro sopro.  
Do reconhecimento ou da ausência?  
Ninguém o sabe, muito menos este poema.  
Poema?! A vontade em criar outra a palavra.

8/3/83

## IMENSIDADE FELIZ

Março, a praia, o mar, a luz...  
Aves inauditas sobrevoando em voo raso calmas ondas,  
verdes volumes de variações bizarras  
contra o azul de um céu esbranquiçado pela luz.  
Areias molhadas em sucessivas lambidelas,  
odores de concha, o fruto dos suaves sentidos,  
casando-se com restos de sargaço à deriva.  
Eternidade, teu nome é sentir-te abafada explosão  
de um êxtase que divide o homem em dois:  
o animal do espanto frente ao mar da revelação,  
o divino surpreso por ter atingido finalmente o canto.

Sol, sol em ti, natureza dos olhos presentes,  
este calor alagando o refúgio da policresta alma,  
o corpo desejando abandonar a pele envelhecida,  
metamorfoses do imaginário desvelo.  
Sal e água, ouvir-te traz-me rumores de outrora,  
esta louca emoção de quem se despede da terra,  
sem saber porquê nem como.

Sinto-me! Vivo afogado em ternura  
o desafio que a vida me lança: sentir a hora  
como um oráculo de nada, primitivo frémito da carne  
quando o contacto desfigurou o próprio universo.  
Só eu ouço os gritos do combate,  
só eu assisto ao remoinho das forças ctónicas,  
espaço entre um passado e um presumível futuro,  
tempo do essencial esquecimento.

Estive onde estarei.  
Colido com a presença, subsumo a ausência,  
emoções mais fortes que os disparates intelectuais  
dizem-me, transformam-me em voz, suscitam a respiração  
capaz de rivalizar com o ritmo da dança ontológica.  
Ser desmembra-se em esferas de fogo,  
reconduz ao brilho a permanência da luz solar,  
introduz no fúlvido poema a forma desmerecida.

Estou bem. Diante do oceano, da imensidade feliz,  
sinto a leveza do pensamento: sagro-te momento,  
único espasmo, súbito acesso de loucura,  
da loucura que instaura de novo o humano testemunho.

11/3/83

### FINALMENTE

Falo-te finalmente da disponibilidade:  
sussurro, bafo dolente do verbo em movimento,  
quero-te tão perto como um corpo,  
a carícia alastra, teus domínios arfam desejos,  
o cheiro da carne abre até à feliz ferida.

Palavras tão vivas como matérias,  
contornos de tempo no espaço mítico,  
jorra o poema quanto sangue corre nas veias esquecidas,  
eis a arte, o brilho, o trilho, amar-te-ei!  
Vou partir. Parir longe este perto,  
esta ausência que permanece no inteiro livro.  
Deixar-te-ei dúvida e futuro,  
viverei em ti quantos anos houver de morte,  
ninguém ousará despedir-me, substituir-me.

Estou aqui. Aqui. Sou  
aquele que cai, aquele que se levanta,  
aberto como uma folha da árvore tanta  
que desobedece ao ritmo do perecível homem.  
Disse-te quanto sei, quanto ignoro: a vida  
viaja pelos meandros raros do êxtase e da aparição,  
busquei a luz no objecto, desejei a natureza na distância,  
quis subir até ao limite, bater à porta, ser eu.  
Aqui estou.  
Mais velho pelo prazer do novo  
que visitei, escolhi, criei:  
na parede branca e solar, vazia e eterna,  
depositei as tais palavras que vindas do exterior  
melhor me souberam respirar, ser.

Serão poemas? Ou escritas visíveis do nada,  
do grande medo que sacode a consciência animal?

Importa saber? Importa apenas dizer,  
tentar recordar o processo do esquecimento,  
importa sem dúvida deixar viver  
quanto nos cabe da desmedida e do fulgor:  
aqui vivi o melhor e o pior da experiência diária,  
aqui abandono o suave testemunho do espanto:  
porto ou porta, não demando nem bato:  
por lá passei, mesmo quando o sentido o nega.

6/3/83

LIVRO II

# DISPARATES



But there is another kind of poetry: the poetry of that which is at hand: the immediate present. In the immediate present there is no perfection, no consummation, nothing finished.

D. H. LAWRENCE

The imperfect is our paradise.  
Note that, in this bitterness, delight,  
Since the imperfect is so hot in us,  
Lies in flawed words and stubborn sounds.

WALLACE STEVENS

## A LÍNGUA

Bate o sol sobre a folha de papel:  
explosão alucinante de branco: cegueira!  
Desvio o olhar e pouso-o solene sobre o verde  
da natureza: quanta paz!  
Quanta emoção não minto agora para que seja,  
este momento pede-me um beijo,  
quer-me perto da outra face do êxtase.  
A língua arde.  
Não se trata de destruição,  
nem o que sinto se trata.  
Cresce com o declinar da tarde,  
explora a luz solar, fervilha no pouco calor,  
íntima mão percorrendo a história do homem eu.

A língua recorda-me outras realidades.  
Sussurra-me os horrores de guerras amenas,  
grita-me a disponível e periclitante animalidade.  
Quem sou socorre-se da ausência  
para perpetrar o crime libertador:  
viver sem dizer,  
viver sem escrever,  
viver sem todavia ser.  
Quanta mediocridade!  
Quanta palavra atraíndo o gesto,  
dizendo o contrário do que se sente na alma.

Porquê ausência? Não compreendo.  
O poema nasceu do sol, da tarde, do ritmo.  
Todo eu vivi o dia como quem espera e não alcança,  
agora, diante deste horrível aborto da demência,  
apetece-me só chorar.  
Não consigo dizer-me quanto sou, como estou,  
em que áreas da vida evoluo ou viajo.  
Não consigo manobrar a linguagem, arrumar  
a antiga casa.  
Pequeno diante do azul celeste,  
preso por intangíveis vozes ao clarão do sol,

afirmo o peso da presença em poemas falhos.  
Estar aqui não significa nada.  
Dizê-lo queima-me como se o crime doesse,  
ou a forma do medo convidasse ao desespero.

Será verdade? Quantas perguntas  
não têm sulcado o perímetro do fogo?  
Quantas respostas não suaram por soarem a falso?  
Absorto olho. Não há mistério. Não há salvação.  
Cada hora leva quanto trouxe de vida em mim,  
o círculo fecha-se, aperta-me, sufoca-me.  
Não há escrita que resista à repetição?

Descrever faz bem, consola, mas não resolve nada.  
Utilizar os símbolos disponíveis pode ser um método,  
no fim ficam sobre as páginas conspurcadas  
os cadáveres das ilusões e dos enganos  
que fizeram a época.  
Narrar cansa, as histórias da infância  
perderam-se no emaranhado da consciência,  
reduziram-se ao mutilado mito.  
Pedir ciência, que asco!  
Filosofar, só como passatempo.  
Que me resta?  
Ser  
não acha língua,  
nem possíveis palavras.  
Um mutismo alastra: todos os poemas  
que escrevo silenciam o tumulto, a algazarra.  
Fingem que dizem o universo humano,  
constroem catálogos de lógica poética,  
substituem-se ao caos como se fossem necessários.  
Nada subsiste, nada resta, nada fica de permanente.  
Nem a ilusão de um testemunho capaz de arte.

Só, subido a um ponto de ruptura,  
balanço o meu sossego, o segredo inefável.  
Abro os olhos para as coisas, vejo súbito  
toda a luz que emerge do castigo terrestre,

sinto fora o sinal de um mudo mim  
que desobedece às leis da natureza,  
como se fosse possível deixar de ser  
no brando e ledó estar dos ilícitos passos.  
Quero esquecer para por fim poder respirar  
o homem que me vive, me dói, me goza:  
realidade, canto ensurdecador, abismo sublime:  
descobre-me!

Em todas as palavras, é o meu mal,  
procuró uma cidade, um corpo de mulher,  
uma vagina quente como o cício do sono.  
O que fere muda o ritmo do destino,  
essa apóstrofe ao silêncio,  
multívia resposta do absoluto que vive ainda  
na imaginação fedorenta do século.

Desaparece lentamente o sol.  
Ávido, junto-me à janela, vejo-o suculento  
de fogo no vermelho dos sentidos,  
ouço fulgurantes passos de vizinhos  
nas escadas que trazem a rua até às casas.  
Não sou grego – penso.  
Saberei amar?  
Estarei disponível?  
Eclipsou-se pouco a pouco o sentimento.  
O cansaço de escrever pede-me que pare.  
Mas a página continua em branco, é um dever  
deixar no vazio do brilho agora abafado  
alguns garatujos da indesculpável existência.

Criação, diziam outrora.  
Produção, berram agora os visionários  
de agora. Importa?  
Vazio de mim insisto na disciplina,  
escrever é um vício, um crime, um espasmo  
diante da indiferença do universo que está,  
que sempre estará em frente dos olhares obtusos  
daqueles que pretenderam ouvir a voz.

Um riso fescenino irrompe. Que engano!  
Que miséria ter pensado que nulo animal  
poderia talvez sentir pulsar o caos, esse coração  
cada vez mais arrítmico, cada vez mais fraco.  
Só eu envelheço. Sei-o sem precisar da lucidez  
que tanto me obcecou, ou da inteligência humana  
que me atraiu como se fosse um astro da salvação.  
Mas o poema acaba-se. Finda a missão  
restituo à vida o meu pobre saber.  
Dizendo mais uma vez: a língua urde,  
arde.

30/3/83

### PRETEXTOS

A manhã sedimenta-se neste canto da terra,  
algumas nuvens mensageiras de nada  
cobrem a luz quente em longos silêncios,  
súbitos cinzentos petrificando a dádiva  
de mais um dia.

Que consolo ter escrito  
algumas palavras sem ter posto nada de mim!  
Nada, quero dizer, sem ter dito nem referido  
esta peculiar emoção que me alaga os sentidos.  
Sem saber porquê. Sem ser bem uma doada emoção,  
antes um sentido disperso, como se fosse crucial  
vir testemunhar este insinuante momento.

O desejo de escrever transforma-me. Homem  
do anonimato, levando a vida como uma rotina,  
escolho-me outro quando sinto, ou invento,  
esta terrível necessidade de juntar palavras.  
No poema eu arfo, excito-me, respiro melhor  
a odisseia da sucessão dos dias: ver versos  
súbito nados crescerem como um rosto, mãos  
despovoadas exigindo uma forma, uma natureza  
tão enigmática como aquela em que vivemos.

A manhã ou a tarde ou a noite são pretextos.  
Importante é estar aqui debruçado e felino,  
sentindo o que escrevo, realidades inolvidáveis,  
ilusões tão caras como perder por isso a vida.  
Importante é não deixar a língua arrefecer.  
Trazê-la sempre bem quente, ágil, movimento  
de células no organismo destemperado da sorte.  
Bafo animal do antigo medo quando a terra  
exigia do homem indelével cantos de amor.  
Sim, de cada vez, mesmo quando pareço avançar,  
regresso, secular filho das trevas anímicas.

Pena contudo não merecer o rasgo fulminante.  
Não saber transformar o mar interior  
em incandescentes metamorfoses.

Já o sol  
traz a tarde, ei-la madura e instável, sensual  
como a antecâmara do orgasmo, amarela  
de tanto acariciar a terra, ilegível corpo.

31/3/83

### SERÁ POSSÍVEL?

Feliz homem, digo-me, por saberes sentir  
quanto da tarde fulgente pertence ao tempo,  
não o das horas e o dos dias,  
que esse traz fim e morte,  
mas ao tempo como essência e absoluto da estadia,  
instante do sonho galvanizado em telúrico êxtase.

Sol e vento, quão distante estou de quem fui!  
Já detestei o amarelo, o silvo selvagem,  
as copas varridas pelo invisível sopro.  
Outrora fui outro, jovem vivi em casas nefastas  
onde a incompreensão do mundo me dilacerou.  
Queria saber, pretendi a resposta.  
Amaldiçoei o destino, o corolário sorte,  
abri o corpo para reconhecer meu sangue.

De nada me valeu.  
Escrevia nas paredes apelos sem possível vinda,  
vociferava perante as injustiças,  
em conluios esporádicos desejei o crime.  
Destruir – pensava.  
Destruir – penso.  
Nada mudou do tumefacto deslize,  
as guerras continuam seus cursos comerciáveis,  
milhares de humanos apodrecem de fome,  
sociais mecanismos entravam a luz:  
mas não sou o mesmo.

Claro que envelheci, mas não se trata disso.  
Não é o corpo, não é o espírito, não é a alma.  
(Quanta alegria depois de escrito este verso!)  
Algo mudou, me mudou. Como se tivesse ganho  
com o tempo da experiência e dos anos volvidos  
algo que não pertence ao corpo próprio,  
que não se aparenta nem de longe nem de perto  
com o espírito, que não se confunde com a alma.  
Algo que me fala sem ser voz,  
que me vê sem ser olhar, que me é  
independente do ser que tenho sido.  
Não alcança, por primário, o doloroso sentimento.  
Como se o facto de crescer no tempo  
me levasse aos primórdios da minha presença!

Sinto me estranhamente habitado  
e não possuo língua ou história  
capaz de me mostrar até que ponto arrego-me  
o penoso direito de ter saído de mim.  
Que experiência vivo de tão longe do conhecimento  
acumulado?

Outros passaram por aqui?  
Quem? Nunca li, nunca me disseram, nunca ouvi.  
Homem de hoje, embora a afirmação não tenha sentido,  
procuro descobrir o que me leva ao verbo,  
o que me traz a esta alegria:  
sentir.

Sentir pela primeira vez o olhar  
que lanço ao redor, súbito antiquíssimo,  
não a criança das filosofias ocidentais,  
mas o tempo nos seus impensáveis começos,  
o vagido de quem pare para sobreviver  
ao cataclismo.

Desconheço este amor por tudo.  
Vagueio mãos dulcíssimas sobre apagados objectos,  
beijo sem exaustão mas com peculiar sabedoria  
quanto corpo é a mulher deitada na cama desfeita,  
lanço olhos até ao verde indiferente da natureza,  
espelho-me no que me espalho: amor,  
dor tão universal,  
clamor sublime.

Senti-lo assim confunde-me, seduz-me, desobedece  
aos ciclos dos sentidos. Verdade, teu nome real  
estilhaça o aprendido em escolas castradoras,  
desarticula o hábito da verticalidade,  
faz enlouquecer a língua humana.  
Não se trata do jogo entre contrários,  
mas do simples, fúlvido calor derramado em mim.  
A carne ciciza: és animal, trazes tesouros,  
cicatrices tão grandes como a loucura,  
tão gastas como a sobrevivência da espécie.  
Será possível, não estarei enganado?

31/3/83

## UMA TERRA POSSESSA

A dor física, uma terrível dor de dentes,  
reduz-me ao martirizado amálgama de matéria  
violada pela distorção de sensações, sentidos  
que encalham, vozes que perduram em soturnos cânticos,  
faúlhas despertando os olhos perdidos no sofrimento.



Não há universo que me valha, erudição que me seja.  
Dorido pela permanência, incapaz de atingir a paz,  
começo a desesperar, delirando insultos à sorte.  
Até o corpo me traiçoa!... São em momentos  
como este que a estranheza irrompe: quem somos?  
Este estuporado dente, ou a revolta do espírito  
por se sentir de fora, pairando como uma ave  
sobre a erosão declinante de uma terra possessa?

Nem o sol significa. Esta primavera primeva  
recebe um encolher dos ombros, senão a raiva  
de quem demente quanto redor vive de ciclos.  
Não estou para ninguém. Fechem as portas, escuro  
no oco de mim desvaio a presença infeliz da dor.  
Infantil tento a persuasão: cicio, patético:  
passa, vai-te, desaparece! Mas a dor persiste.  
Alastra-se pelo rosto, massa informe presa  
de tentáculos invisíveis, máscara da tragédia.

Tentei todos os remédios. Nada. Não dormi esta noite.  
Levantei-me várias vezes, a cama parecia o sulfuroso  
antro da demência, deturpei o sono com pesadelos.  
Sempre esta dor. Este castigo. Que animal sou eu?  
Que corpo é este que não me obedece, ou quer sofrer?  
Eu desejo o alívio, o sossego, a saúde do ramerrão.  
Dias como este desviam-me da órbita ontológica,  
transformam-me no mais rudimentar percalço da carne,  
tiram-me o direito de me pensar e saber homem.

Terrível estar assim, sem auxílio nem esperança.  
Avoluma-se o sedutor disparate: destruir, destruir!  
Arrancar parte de mim para que sobreviva, ferir-me  
contra a parede até reconhecer o sangue ambíguo.  
Em tudo isto, o espectro doloroso da dúvida: quem  
realmente sou, de onde a onde vou, por que não venço?

2/4/83

## DESTRUIR

Desaparecida a dor, animal renascido de encontro ao sol, abro os olhos como quem desesperou da vida, como quem pensou nunca mais voltar ao convívio das horas. Abro-me súbito o mesmo, reconhecendo o redor de todos os dias, os gestos, os hábitos. Houve um hiato, padeci, envelheci, sofri: a dor delimitou-me ao berro íntimo de quem não suporta tanta carne ferida, tanto peso caótico. Desfez-me.

Singelo sentimento, sobrevivi. Horrível a morte, pensava antes. Terrível a vida quando nela age o capricho biológico da doença, o nefasto fasto da podridão precursora do murmúrio da terra. Mais uma vez confundi o corpo. Deixei de saber onde me penso, em que lugar sinto, por que passo. Quem sou eclodiu como a selvagem explosão que iniciou a mentira, o espanto delirante do cosmo. Sabendo que acabarei não posso determinar as leis do meu ser, os sítios e as funções que me são. Preciso pois do retórico olhar dirigido à mãe, à natureza. Qual? Onde? Pedinte descubro aflito que não sei onde buscar a realidade do conceito. Vivemos num universo de palavras? Sem suporte que nos ligue ao tumulto das coisas, do mundo? Ingénuo, fito da janela duplamente mítica o verde da terra coberta de rara vegetação, será isto, pergunto-me dorido e estupefacto, a natureza? E não sei. E por não saber caio num suave oco.

De que me valeu tanto livro lido sobre entidades tão abstractas como a natureza, o mundo, o universo? Uma dor de dentes apagou-me durante três dias, cegaram-se-me os olhos, o corpo doeu sem razão, o fora deixou de me chamar, os sentidos enlouqueceram. Nenhuma erudição nos prepara para tal percalço. E a inteligência, e a sensibilidade? Do humano serviu-me apenas o dinheiro para pagar ao médico

que me arrancou o mal pela raiz. E animal não soube  
resolver o problema que nasceu no íntimo de mim.  
Destruir – ouvi de alguém ou de alguma coisa.  
Seria eu? E se fosse, que parte me convidou ao crime?

4/4/83

## APENAS O RITMO

Humilde, regresso ao convívio dos sentidos,  
liberto dos cataclismos que me desfiguraram,  
apto a sentir de novo a monotonia da existência,  
se possível com outro corpo, com outra alma.

As tardes endoidecem de tanta luz, os dias  
crescem como verdades evidentes, algumas nuvens  
dizem-nos qual o mês que atravessamos, tudo  
decorre como se o verbo fosse natural eu existir.

De vez em quando um pontapé na gramática  
alivia-nos da intensa lógica que galvaniza  
nossos passos perdidos no dia a dia. Ironia  
é de longe a figura mais propícia ao encanto.

Viver sabe bem. Claro que não me refiro à fome,  
à guerra sempre tumular que desvirtua a essência,  
à miséria da ritual rotina, à doença empobrecedora.  
Refiro-me à totalidade da indiferença anímica.

Percebem? Nem eu. E no entanto não rasuro,  
deixo esta amostra de poema navegar com defeitos,  
tão bom termos direito à vida, mesmo diminuídos,  
mesmo defectíveis como certos verbos da língua.

Espraiar, eis o que desejo. No campo ou na praia,  
pode ser mesmo no subúrbio ridículo, afinal a vida  
não escolhe o poiso, a paz de espírito capaz  
de erigir em cântico a enternecedora harmonia.

Quero este ritmo, este leve casulo da leviandade,  
o sol solta-se como sons do universo com cio,  
ouço as canções que descem no céu telúrico,  
da contradição nasce muitas vezes a realidade.

Talvez seja absurdo. Talvez mesmo não seja. Sintaxe  
sedutora soletra com amor os fios da estupidez,  
espanto é quanto basta para que a vida deseje  
sentir a escrita um corpo recente da comparação.

Escolhi a quadra para a falta. Para o falhanço  
descobrirei uma forma mais apropriada, invento  
o deslize como se fosse natural havê-lo, interessa  
agora apenas o ritmo, a energia fulgurante do som.

Entre o sentido e o vazio paira a língua.  
Fogo, disse eu tantas vezes que perdi a noção,  
depois o conceito desviou-se do caminho primeiro,  
resta-nos o esqueleto de pensamentos perfeitos.

Quanta filosofia desperdiçada, quanta ciência  
que só vive porque a poesia existe, e aceita  
todos os disparates que sulcam os compêndios  
taciturnos daqueles que não sabem ver o sopro.

Que sopro? Outrora fora outra coisa, chamavam-lhe  
espírito. Para eu ser lido, ó leitor apressado,  
terás que reaprender a origem de todas as línguas,  
trabalho incomensurável para tão breve estadia.

Por que teimo? Não há mistério nem alcance.  
Preciso de pão, de sentir que viver é mais  
que dizer quantos dias nos alagam de suor,  
mais do que o truísmo onde nos edificamos.

Mais do que a inteligência ou a intuição  
que responde às perguntas tumefactas: viver,  
confesso, abre-me e fecha-me, faz-me subir e descer,  
obriga-me ao vaivém ontológico da sexualidade.

Plena. Por isso escrevo, canto, rio-me do poético  
como quem descobre o patético no sublime frémito,  
a inspiração não me inspira receios, acho-a  
cada dia mais nova, recente como uma paixão.

Digo pois: chega. Para amanhã ficam os desvelos  
incompreensíveis num homem sem idade, as razões  
que nos envelhecem sem ousadia, o testemunho  
emancipador de quem desconhece quanto escreve.

4/4/83

### A ORIGEM E O FIM

Na tarde enevoadá paira pacífico o sono,  
sobre o corpo emoliente correm calores  
que trazem despedidas, afagos desmedidos,  
insultos ablutores.

O sono grávido, patético,  
mão invisível fechando os olhos,  
sussurrando ao ouvido canções duvidosas.  
Que tentação, deixar-me morrer,  
viver no quente desembaraço da consciência,  
não ligando ao mundo que rodeia os sentidos,  
vogando suave barco, velando suave símbolo.

Quisera estar assim uma eternidade:  
não sentindo, não sentindo!  
Percebendo as coisas como nuvens sem desejo,  
corridas de sombras ardidas pelo fogo,  
movimentos de alma carcomida pelo tempo.

Paira, água morna da infância intelectual.  
Não quero agora racionalizar a experiência,  
tão feliz sem verbo, tão perto do segredo,  
onde a língua não entra, sufoca o orgulho.

Deslizo liso como uma folha voando perene  
na imensidão intensa dos ares, céu redescoberto

azul como uma distância, abre-te, abre-te,  
quero finalmente entrar.  
Entrar no sibilino orgasmo da voz,  
foz bem dita onde emerge o cântico moderno,  
viver sem ser, ser sem poder autenticar.  
Passa, passo fímbria do absoluto, tudo passa.  
Desfeito em terra aterrorizo os conceitos,  
falar desmembra a memória, da história calo.

É um lago, declaro baixinho.  
É um lago, rio tenebroso.  
É um lago, choro perdido.  
É um lago, minto animado.

Não é nada. Paira sem ar, independente  
da volição, não é água, não é chão,  
(que rimas fáceis!),  
é o presente virado ao avesso,  
súbito estremecimento,  
que faço aqui?

Vejo o beijo do fogo, suas chamas  
percorrendo o corpo desprovido de paixão,  
ouço o clamor de sulfurosos prazeres,  
inertes abstracções vivendo a língua,  
apalpo o espaço que se alaga de rodeios,  
tentativa estúpida de criar a invenção,  
saboreio o relógio que suspira no fruto  
como se o interior trouxesse esperança,  
estranho odor purifica minhas narinas  
em contacto com o vazio da experiência:  
mas, ó alegria de mim, ó espanto de mim,  
nada sinto, nada penso.

Vou sem rua pelo sonho acordado, quanto suor  
enchendo de camarinhas o texto passado  
entre camufladas guerras, garras espessas,  
vou repetindo a inacção maior, colher real  
como quem sabe a origem e o fim,

como se tudo obedecesse ao estímulo,  
ao desígnio nenhum do destino cego.

Mas vou. Que me interessa o perigo, perecer  
na esquina da loucura, verme literário da época,  
escárnio azedo de todos aqueles que julgam atingir  
o sublime limite da condição. Só me interessa  
percorrer o salto, solto mecanismo da frustração,  
vogar bem alto este desperdício da terra,  
esta medíocre aberração.

Dizer merda, que bom!  
Merda a tudo e a todos.  
Vossas convenções risíveis,  
vossas ideologias interesseiras,  
quantas cagadelas sujando o universo humano!

Nunca suspeitareis do amor que tenho pelo disparate,  
o verdadeiro, o que me faz estar agora aqui,  
escrevendo que finjo este estado hipnótico,  
quando eu odeio de sempre o estado,  
os seus parasitas prazenteiros,  
os seus crimes tutelares.

Quero ser estúpido, ó musa, quero ser imbecil,  
não perceber de que artimanhas se faz a história  
dos ricos possuidores da terra estupefacta,  
não compreender os movimentos das classes altas  
como a opressão que exercem sobre os pobres,  
quero dormir o sono, ó real, quero ser homem.

Fingir que sou. Que estudei as leis,  
que percebi as desigualdades necessárias,  
que identifiquei o lugar a que pertenço.  
Não interessa de onde vim. Nunca ninguém o saberá.  
Nem para onde vou. Basta consentir na mendicidade,  
cegar a injustiça com jornais lidos ao almoço,  
esquecer que guerras engordam os mais puros  
homens. Homens!!! Homens, dizem eles.

Vencem os mais fortes, ó desgraçados,  
populações inteiras da fraqueza original,  
pedras onde se constroem os palácios nitescentes.  
Diz a ciência. A sobrevivência assim o exige,  
corrobora a teoria. A existência é cruel.

Mil vezes o meu disparate, escrever palavras  
que nunca serão lidas, mesmo que sejam lidas.

Já desejei que os poemas fossem bombas.  
Hoje estou contente por saber quão inofensivos  
permanecem, incapazes de sangue e de morte.  
Aqui não há lugar para o massacre, para o ódio.  
Mesmo pestíferas ou ensanguentadas, as palavras  
clamam no deserto a vinda do mundo melhor.  
Dizem o revolucionário amor.  
Não aquele que se vende pelas instituições,  
que engana o incauto construtor de riqueza:  
mas o sentido, descoberta e reconhecimento.

5/4/83

### ESTRANHA SENSACÃO

Estranha letargia sacode-me o corpo:  
é o tempo!  
Estranha sensação, tão feliz, de ter estado aqui,  
algures outrora neste mesmo aqui,  
escrevendo as mesmas palavras, os mesmos trejeitos,  
debaixo desta impecável impressão: viver.  
Digo mais uma vez, cicio: viver.  
Que ninguém nos ouça!  
Tarde sufocante, ousou dizer.  
Nuvens esbranquiçadas evaporam-se no azul claro,  
colchões apetecíveis da imaginação,  
formas nucleares da fêmea absoluta.  
(Quanto mais insisto neste adjectivo menos o percebo!  
Que já não se trata de sentir!)  
Alguma música é negra.



Coitados, para ganharem a vida, emasculam-se,  
falseiam as vozes, branqueiam a ofensa: existirem  
num mundo de brancos.  
Pobres avoengos, criaram o único cântico da alma  
que reconheço, sofrido, torturado, mas viril: o blues.  
Humano. Futuro.  
Mas o mercado exige, e eles, parece-me, têm que viver.  
Viver?!!! Enfim, viver...  
Alguma música, algum sol, algum calor.  
Dia medíocre, já se vê.  
Pobre como o país, talvez não tão pobre.  
(Raio de verso este último. Terá nome?)  
Porque algum sol é o que nunca há a nível do país,  
não sei se me faço compreender.  
Irrompe vez por quando, dá um subsidiário calor,  
depois, arrepende-se, embora a culpa recaia sobre as nuvens.  
E com razão.  
Lembro-me: vagamente lembro-me.  
Já escrevi este poema, tenho a certeza.  
Nada de filosofias baratas, não é disso  
que se trata, é muito mais simples: quando escrevo  
quanto escrevi uma estranha sensação surge:  
é o tempo!  
Digam lá que nunca me pensaram tão profundo,  
ó leitores?

5/4/83

### PASSAR

Hoje, definitivamente, não ganho juízo.  
Não quis que o verso saísse ambíguo, mas que fazer?  
As vírgulas servirão para alguma coisa?  
Espero que sim.  
Não ganho nem perco juízo  
porque sinto uma vontade ingente de escrever,  
ou porque a tarde não passa tão rapidamente,  
ou porque eu próprio não passo tão rapidamente  
como me apeteceria.

Passar (cá vai mais uma profundidade poética!)  
significa avançar no sem fim,  
mesmo quando se sabe, que a suspeita não chega,  
que há um fim.  
Passar indetermina, diviniza o homem.  
Não é a mesma coisa que nascer, viver e morrer.  
É passar, deslizar, eterno tempo correndo lentamente  
(Será possível?) sem começo nem fim  
através do espaço constelado de nadas desfigurantes.  
(Agora exagerei!...)  
Daí que passar instiga no homem a ligeireza.  
A inconsciência. O abandono.  
É bom, é mau?  
Depende do ponto de vista.  
Há-os que sofrem ver os dias sucederem-se,  
indiferentes à malícia da noite, ao seu sossego.  
Vivem sem poesia.  
Outros adoram o movimento, o êxtase,  
o percalço sem memória, o chamamento sem sugestão.  
São existencialmente poéticos.  
Outros ainda, aos quais pertencem sem nenhuma honra,  
não sabem o que dizer. E não dizem.  
Escrevem apenas afanosamente milhares de palavras  
para se sentirem protegidos: ignoram o que escrevem,  
sempre na esperança de serem lidos e descobertos.  
É que não têm existência própria.  
Não nasceram, não se sabe de onde vieram, não vão morrer.  
Por isso gostam tanto de passar.  
Sem ganhar nem perder.  
É-lhes impossível ser. Alguém, alguma coisa.  
Percebem agora a totalidade e o alcance do poema?

5/4/83

## INDEPENDENTE

Apesar de tudo, do muito e pouco que vivo,  
nunca me senti tão livre!  
Fulgurante liberdade, não ter medo.

Mesmo sem esperança nos homens, no futuro,  
como é bom poder estar aqui tão sereno e adulto,  
tão preparado para a morte, mesmo que não seja verdade,  
quero dizer, mesmo que daqui a pouco trema do fim.  
Talvez porque não ligue às palavras  
ei-las que surdem fantásticos fachos no clarão  
do dia, invisíveis receptáculos, não mais apelos.  
Percebem? Sou eu quem comanda, será isto ser?  
Estar assim tão ligeiro, tão nítido, tão distante,  
é sinónimo de ser? Não é a indiferença.  
Muito pelo contrário, é amor.  
É desmerecer a invenção para ganhar a paz,  
é desprezar o poético para merecer o destino.  
Percebem? Daí que pretenda tanto comunicar.  
Às vezes vocês não me compreendem,  
há palavras difíceis, não no sentido vulgar,  
que liga a dificuldade ao desconhecimento,  
mas difíceis porque há muito abandonaram o léxico  
de todos os dias a todas as horas (onde ouvi isto?)  
para enlouquecerem do tanto peso que ganharam  
em viver-me. São outras palavras, só a carapaça subsiste.  
Necessário seria, e isso não vos peço, lerem-me desde o começo.  
Universo linguístico, apaixonado, sensível, teve uma origem.  
Balbuciou as palavras dos outros, dos poucos eleitos,  
depois, filtrado pela experiência e pelo sexo,  
(nunca vos falarei efectivamente do sofrimento,  
que a palavra medeia, ponte imaginária do diálogo,  
mas não é, nem pode ser, real, carne ou tempo!),  
começou a longa caminhada do único, possesso sentido:  
suas leis saem do caos, pequenos sinais que dão  
ao leitor teimoso o fio, a alegria da descoberta.  
Valerá a pena? É uma aposta. Diante da história.  
Que és tu, lembra-te, caro leitor. Ou teus filhos,  
margens futuras do logro, pensarmos que a palavra  
surge primeiro, ou que a realidade só poderá ser  
reconhecida muito mais tarde, já inexistente.  
Cabe-me no entanto, agora, vocábulo intemporal,  
esta liberdade independente de tudo e de todos.

5/4/83

## OS INFELIZES POUCOS

Balança a manhã entre um sol jovem  
e a esporádica nuvem, dança no ar este calor  
de renascida primavera, escrevo desnecessário  
a ausência de emoção para que a poesia moderna  
possa merecer um lugar na história imaginada.

Na réstia de natureza verdejante  
que resta prisioneira entre prédios recentes  
pode ver-se uma dezena de gatos brincando,  
saltando na esperança de um encontro com um insecto.

Uns dizem: a poesia não é descrição.  
Outros insistem na objectividade do real.  
Outros ainda despertam para o dia como se tudo  
fosse uma abstracção: só o caminho da alma conta.  
Outros perdem-se quando acham um fio no dédalo  
do mundo interior, as vozes apelam, ciciam, falam.  
Outros, como eu, não sabem o que fazer das palavras:  
porque não vivem, embora isto tenha muito que se lhe diga,  
teimam em testemunhar os instantes revelados,  
os êxtases que aparecem, os percalços que significam.  
Somos os infelizes poucos.

Quem se interessa pelo relâmpago, pela chama,  
pelo calor da vida?  
Pelo presente, área ignota e ignóbil  
entre um passado de memórias redentoras  
e um futuro de promessas abissais?  
Pelo imperfeito, pelo inacabado como essência,  
não do universo, mas da carnal paixão?  
Pelo orgasmo?

Escrever tem sido sempre festejar a ordem.  
Estabelecer as leis. Inaugurar o movimento  
entre pontos bem definidos, mesmo se transcendentos.  
E quando aparece uma escrita perplexa, confusa  
como o tumulto de vozes que rasga o horizonte,

falhada como única intuição do destino humano,  
caótica como o agora, o momento que surge, diz,  
desaparece e nos deixa atônitos, então nada feito.

Escravos da lucidez perdemos as vidas  
em construções bizarras como definir a conduta,  
o grau de humanidade, o perímetro da decência.  
Claro que todos os dias explode a exceção:  
chamamos-lhe crime, achamos um lugar:  
o esquecimento ou a ávida prisão.

Nunca nos questionamos sobre o porquê  
dessas intrusas aparições: queremos-las abafadas,  
se possível sob controle.

É o desejo.

O magma que nos vive nas entranhas,  
o grande, fúlvido movimento da energia  
que queima o homem,  
lembrando-lhe a presença do animal.

Temos vergonha.

Lavamo-nos, vestimo-nos, escolhemos tarefas  
onde o mais digno de nós, a cabeça,  
exercerá seus comandos plenos de inteligência.

Mas entre as pernas não jaz pacífico o fogo.

Carne privilegiada, saída súbita do sol,  
lambe-nos a consciência, não nos permite esquecer  
que existe, que está.

E quando chega a noite, abre-se a chaga:  
o fora está longe, os compromissos com a hora,  
os afazeres que nos trazem ocupados.

Arde então quem não desejamos ser.

Arde a língua onde ponho tanto da vida  
que me foge, rapariga do sonho correndo nua  
sobre areais de luz, rente ao marulhar das águas  
que nascem no infinito do azul cósmico.

Não pode ser um poema como os outros:  
tem que ser como é, fulminante e voraz,

cortado de correntes, de vozes supremas  
insistindo no fulgor nitescente do caos.  
Não é loucura. Mas a assunção terrível  
de quanto somos de imperfeição e amálgama:  
não está morto ou definitivo o homem contemporâneo.  
Nem a palavra que o tortura pelo alcance,  
pelo vazio de distâncias: balanço entre sol e terra!

8/4/83

## INSPIRAÇÃO

Vaivém afrodisíaco, ver especado no silêncio  
da casa quanto ritmo enche meu corpo dorido,  
seiva derramada na totalidade carnal do verbo,  
fluxo de sangue galvanizando o redondo da hora.

Percebes? Estar assim transforma o universo,  
sentindo que o corpo quer falar sem palavras,  
com acções desmedidas situadas no âmago feliz  
da história pessoal que desconhece a máscara.

Ir ao fundo, diziam outrora. Entrar no antro obscuro  
do sentido que nasce e cresce com o tempo essencial,  
nadar no magma da inspiração lisonjeira o sopro  
que sai da vida, da disponibilidade prazenteira.

Um súbito amor pela nula palavra, primeiro som,  
único vagido, último signo capaz de trazer ao cimo  
quanto grassa de loucura no vértice do desejo:  
aí um coro ganha, enigmático e cruel, o sexo feminino.

Não é sonho, não foi alucinação, nunca será apelo:  
voz iluminada pelo calor da experiência animal  
desenvolve um raio de acção onde o sédulo destino  
seduz com carícias a horrível odisseia humana.

Incompreensível, o poema arfa, safe o rascunho,  
o esboço impreciso de uma fala ferida, viver

tem sido a respiração do sofrimento, morrer  
desobedece ao declínio, ferve como um engano.

Não há forma que contenha o díspar frémito.  
Disseram-no organismo, quiseram-no mecanismo,  
fecharam-no em rituais de rimas matemáticas,  
abriram-no quando o século exigiu a liberdade.

Estranho fenómeno, sobreviver. Alguns querem-no  
ainda significante, luz da cidade, casa ardente  
onde se poderá vislumbrar o começo fictício,  
explosão caótica no silêncio do azul marasmo.

Outros riem-se e desinteressam-se: escrever  
tornou-se a escada para o social enriquecimento,  
fingir que se possui a resposta do mistério,  
que se viveu no suor o caminho da perdição.

Entre eles maravilho-me: medroso como o adolescente  
espero aflito o momento do sussurro existencial,  
desejo a todo o custo sentir que sou esse alguém  
que me vive no pleno plano da divindade hipotética.

Eu roda, eclipsa-se, mudo esgar do verbo inocente,  
começa a perceber os transe da metamorfose,  
volume de silêncio dando oportunidade febril  
a esse ele que escreve o rocio da primeva palavra.

Dura quanto dura a força, a energia acumulada:  
depois, regressado ao mesmo, treme do corpo à alma,  
visitado por um mim que desconhece as leis,  
projectão em frente da história passada.

Que resta? Algumas folhas abertas como o oceano,  
pontos negros na brancura civilizacional do papel  
que se espera de quem nasceu tarde para mudar  
o absoluto grito disparado contra o muro mundo.

Inspiração: acho-te. Perco-me sempre cada vez  
que pretendo sentir a mulher entre as pernas,  
dizer instiga-me, chamam-me as chamas lívidas  
que a imaginação põe ao dispor da humanidade.

Limite, reconheço. As fronteiras da razão despem-se,  
as barreiras do impensável impõem uma escrita  
circunscrita ao cerco, roda fecunda onde a imagem  
vive dos rodeios com que se trata a poesia.

Percebem? Não estou aqui para vos enganar.  
Quero-vos atentos como o olhar perscrutador,  
luz quente deslizando sobre o todo amante  
onde pus a verdadeira essência deste canto.

11/4/83

### DIGO EU

Difícil explicar como me encontro.  
Não é tristeza, e no entanto meu olhar dorido  
nega-se o fora, a possibilidade de beleza.  
Um sol tardio e vespéral aflora na espessura  
enevoada, branco terrível sobre a permanência  
de nossas vidas rotineiras, algumas vezes falhadas.  
Estou junto à janela, respiro suavemente.  
Enquanto finjo ver o que de fora se passa,  
vou revivendo por dentro imagens desfocadas  
das cenas limites onde pus parte de mim.  
Nada a assinalar sobre o dia. Mais um  
no remoinho da eternidade, tempo insignificante  
onde evoluo sem o socorro de sinais inteligíveis,  
grande nada, espaço negro da história contemporânea.

Que quero eu?  
Viver não é isto?  
Isto, duvidoso sair de casa para o trabalho,  
algumas horas perdidas em acções que abafam,  
regresso cansado dos passos desiludidos.



E todos os dias sempre assim, assim fingindo  
vou ganhando a velhice, o peso, a senilidade.  
Adulto no meio dos homens assisto indiferente  
à propaganda, seu ruído tenebroso nas ruas  
difíceis destas cidades sem rosto humano.  
Que queria eu?  
Viver?

Se não é isto, esta cegueira mecânica,  
este ir e voltar com razões apenas sociais,  
que não anímicas ou mesmo espirituais, o que é?  
Ingénuo, ou obumbrado pela idade desfigurante,  
instigado pela pergunta em nada retórica,  
(não tenho tempo para analisar este último verso!),  
imagino mulheres, seus risos viscerais, raros,  
seus corpos nus delirando de luz  
contra camas desfeitas pela grandeza do meu tesão.  
Vida, isto? – dirá o leitor irónico.  
Frustrações, digo eu.

15/4/83

### PAREDE BRANCA

Aconteça o que tiver que acontecer,  
haverá sempre um sol em cada interior humano.  
Este calor derramando-se pela carne  
quando o corpo sente que o espírito lhe fala.  
Dessa união nasce uma hora, um momento,  
o terrível estremecimento do génio diante do vazio,  
parede branca dorida da tanta cal que nos amortalha.  
Brancura, quanto me atraís, te odeio!  
Em ti perpassam medos da adolescência,  
lutas onde o horror pontificou,  
silêncios de quem viu o outro lado.  
Começo indecifrável e fim derrotante  
surges diante de mim como um apelo exigindo  
vozes, sentimentos, reflexões, cânticos ao nada.

E nada tenho para te oferecer.  
Estas palavras não significam nem traduzem.  
Materiais da matéria de que são feitos os dias,  
nascem-me nas pontas dos dedos como flores venenosas,  
exigem-me a nódoa, o borrão negro sobre teu corpo,  
para que a humanidade do meu universo se justifique.  
De mim, nem nada!  
O que possuo é demasiado risível, ridículo,  
não pertence ao clamor do inteligível,  
esconde-se no corpo do homem como uma fogueira  
que não sabe como acabar o seu brilho.  
Chamas, eis o que retenho dentro.  
Mas nenhum chamamento, nenhuma metafísica.

Confesso, não sei porquê, que tenho pena.  
Uma infinita, indivisível, fascinante pena.  
Despovoado como estou não é fácil viver,  
calcorrear os meandros da efémera existência,  
calcar os passos da história das gerações humanas.  
Quanta admiração não sinto pelo animal que sou,  
mas quanta pena não tenho por me cingir a sê-lo!  
Como se a vocação crescesse para me transformar  
noutra coisa, noutro possível ser, noutra estadia.  
Tolices, eis o que é. Ideias que surgem durante a noite,  
nos dias que nos permitem uma hora de silêncio.

15/4/83

## MOMENTOS DE VIDA

Também eu, caro amigo, caí infalível na melancolia.  
Entardecer propício, algum vento delirando pacífico  
nas frondes velhas de choupos vizinhos, o sol  
desmaiando como quem deserta o deserto da vida.  
Não faz mal. Amanhã regressará de novo ao convívio,  
sei-o, por isso consinto que desapareça esvaído.  
Que vergonha, estar envolto nesta neblina espessa  
onde respiro a queda deduzida, o fim do mundo sereno!  
Não será assim, descansa! Poético destino o nosso,

amigo, descermos as escadas do degredo em passo lento,  
sentirmos a certa altura da existência quanto amor  
não se perdeu pelos caminhos do medo e da cobardia.

Muitas vezes me ri daqueles que chafurdaram o lodo:  
a autocomplacência, o vago mecanismo da desistência,  
a pena sentida pelo que não fizeram da tanta loucura  
que visita em todas as épocas os eleitos pela palavra.

Aqui estou, também eu, levemente repetitivo, larvarmente  
abjecto, duvidoso sujeito entre objectos de hoje,  
sem um sinal que me redima, sem um verso que cubra  
com essência a desmedida tenebrosa do universo meu.  
Ausente, putrescível olhar divagando ao longo do ritmo  
que cresce no amontoado das palavras proféticas,  
desespero do próprio destino, traduzo o febril nada  
que assola as paragens paradigmáticas do ser moderno.  
Nem triste nem contente, indefinido como um voo  
através de ares desconhecidos, gasto pela inacção.  
Nada fiz. Não levantei a casa, não escrevi a verdade,  
não criei na nova geração o gosto pela verticalidade,  
deixei-me varrer pelas dificuldades que se acumularam,  
despedi-me do trabalho como quem viveu de maus salários.  
Foi verdade, mas não é desculpa. A vida exige guerra.  
Luta pela sobrevivência, esforço, suor, ambição. Garra!

Nada disso fui, nada disso sou. Exilado na estupidez  
do tumulto, as vozes desencontradas de homens escravos,  
do ditador, da história, das ideologias, da fraqueza,  
fiz-me um ser à parte, criei um mundo onde renasci  
sem precisar de país, de país, um mundo onde o sonho  
cinzelou o corpo da minha estadia, esta melancolia.  
Que só agora, depois de tantos anos, emerge,  
me toma como se fosse possível passar por aqui  
para finalmente merecer o prémio ou o castigo:  
saber quanto fui eu na vida que me deram,  
por que tive que sofrer os pontapés profanos,  
por que desejei o desconsolo como solução.

Será que a carne vê, pressente aquilo que o espírito  
não vislumbra, demasiado situado na abstracção?  
Será que meu corpo tão compungido conhece melhor  
do que eu o caminho, seus meandros, suas fugas?  
Será que esta melancolia que me alaga de nada  
faz parte de um plano traçado pelo animal instinto?

Se é assim, amigo, compreende que se trata de sobreviver.  
Não que não admire o herói, o feito eloquente, o soco  
dado na imensa estupidez que galvaniza as sociedades,  
a revolução que respira em muitas casas do homem.  
Sê-lo não me cabe. Talvez a minha existência queira  
provar uma outra possibilidade, um outro olhar  
sobre a complexidade desfigurante deste fenómeno:  
ser. Talvez, quem sabe, a inteligência que me abandona  
não seja suficiente para me guiar entre os cadáveres  
daqueles que caem sem muito bem saber de que bala.  
Perdidos, estamos todos nós. Mas não é isso que interessa.  
Importa reconhecer por que meios a vida nos apetece.

Lusco-fusco, amigo, esta terra colhida de espanto,  
todos os dias acontece, de cada vez diferentemente,  
pretexto para filosofias, ponto de partida de poéticas,  
deixa em mim o sabor amargo de quem ignora tudo.  
Mas há uma mulher, em casa defronte, que me olha.  
Minutos decorreram, ei-la, desconhecida sempre.  
Quem lhe sou? O que pensa? Vê-me? Sinto-me feliz  
por não poder responder. Já não é a melancolia.  
Na serenidade deste fim de tarde, amainado o vento,  
sinto-me parte integrante do universo ubíquo:  
reconhecem-me, perdem momentos de vida fixando-me.  
Só isto é amor! Nunca tocarei seu corpo redondo,  
nunca entrarei em seu espaço vital; mas, possivelmente,  
melhor do que eu, ela lobriga o segredo que me cabe.

15/4/83

## O MAIS HUMANO

Chove suavemente sobre a terra,  
quisera ter corpo para tanta água,  
tanta superfície sentindo em cada poro  
a gota que cai tumultuosa.

Quisera ser terra.  
Espriar-me até aos confins,  
dádiva do eterno, milhões de anos  
fazendo de mim um solo fértil.

Dizem que é mulher.  
Mais, que é fêmea. Tolices  
mitológicas para quem recebe os símbolos  
como dados estabelecidos, adquiridos factos.

Mas eu não sou um qualquer homem.  
Não aceito a história, as suas tradições,  
como o bom aluno da vida.  
Prefiro, depois de sentir, criar-me.

Daí que diga: quisera estar alagado em água,  
coberto do verde vegetal, suado no riacho  
que se avoluma com as chuvas  
de um abril que não deixa mal.

Tanta paz, quanta serenidade nesta hora.  
Terrível luz vespéral transformada pelas nuvens,  
como se fosse o grito novo da manhã,  
velo onde a essência esconde a frescura.

A noite de insónia apaga-se.  
Não sou o mesmo. Nela fiquei como mais um homem  
perdido nas artimanhas da civilização.  
Suado pelo desespero e pela revolta.

Agora renasço, ser do tempo  
colhido no munificente espaço do sonho,

respiração animal de quem tudo deseja  
para merecer o mais humano da vida efêmera.

19/4/83

## VIAGENS E DERIVAS

Adrega: estar assim colmatando os dias,  
recebendo quanta água cai do emboitado céu,  
fixo na luz caligante que desce em escadas  
sobre a terra hiante de tão favónio líquido.

Leio o suspiro da natureza ignoscente,  
tento traduzi-lo em sentimentos tão novos  
como quando o insecto muda de pele,  
procuro incorporá-lo na exautorada alma.

Para isso vesso longamente o corpo,  
exijo do espírito a inconcessa ousadia do sexo,  
harmonizo a deplorável dor no ritmo do prazer,  
escrevo a língua capaz de significar estadia.

Nada do que foi pertence ao movimento  
de agora. As ideias tuitivas que acalentaram  
os séculos esboroam-se, as ideias  
que se fazem do homem e da sua sombra.

É em mim e na sonogada natureza que busco  
o alimento para os dias. Consigo? Cada tentativa  
deblatera com a força de um arremesso,  
jazem em papéis incomptos as cinzas depascentes.

São poemas. Chamo-lhes procuras, viagens e derivas,  
espaços emundados da injustiça do mundo,  
tempos de êxtase onde o fora sofre o dentro  
para que o momento seja a página inesquecível.

Imperfeitos como a contingência, ganham o auge  
quando uma estranha paramnésia os desfigura:

aí respira, aí brilha, aí arde o segredo,  
degredo segregado pela intrusão da palavra.

Que desobedece. Que desarticula em ritmos titônicos  
a febre fabril que alastra no discurso:  
voz e som agem sensuais no marasmo da existência,  
prometem aos sentidos a fusão no tudo.

19/4/83

## TEORIAS

Lembro, com enternecimento e horror,  
aquele dia do verão passado  
quando, sem querer, arranquei algumas folhas  
da planta da cozinha. Não houve nenhum grito,  
ouvi um terrível grito, dor tão universal  
caindo castigadora no terreno dos meus tímpanos.  
Nervoso, sem saber o que fazer, cheguei mesmo  
a chorar, aflito.

Passados meses, ainda comovido, lembro.  
Como vida que destruí surge o fantasma vegetal  
em voos obsoletos, cerca-me de memória,  
destrói a paz dificilmente adquirida.  
Pedi-lhe desculpa. Não perdi a razão,  
caro leitor, talvez tenha perdido os sentidos.  
Porque achei ali um igual, um ser vivo  
percorrendo o duvidoso destino de quem ignora.

Morreu. Essa planta morreu.  
Possivelmente, confesso que não sou um erudito  
no assunto, não resistiu. Cerceada dos seus apêndices,  
deixou de respirar, feneceu, erguida em vão.  
Foi substituída. Não era um filho,  
mas era um familiar. Alguém da casa.

Às vezes pergunto-me se quando sinto a pena,  
se quando sinto, se estou a ser sincero.

Não pertenço à natureza. Não a reconheço,  
nasci na vila, vivi na cidade, vivo nos subúrbios.  
Não me perguntem de quê. A resposta seria enigmática.  
Mas não importa neste poema. Nunca verdadeiramente  
(também não perderei tempo com vãs aletologias!)  
convivi de uma maneira directa, sensual, trabalhada,  
com o campo, a floresta, o bosque, a mata.  
Do deserto tenho longa experiência, mas a um outro nível.  
Porquê pois a lembrança? O crime reconstituído?  
A descoberta extemporânea da semelhança?  
Paulatino, vou construindo teorias...  
Talvez um dia eu saiba, talvez um dia descubra.

19/4/83

### A NECESSIDADE

Hoje não começo com um quadro da natureza.  
Irónico, hoje apresento estas sumidas  
palavras do degelo,  
a alma, ou o quer que seja,  
necessita de horizontes, da imaginação  
como da desfigurante capacidade da lógica.

À protérvia de ontem junto a ignorância de agora,  
mistura explosiva capaz de fazer do poema  
o alcance relativo da história.  
Há um certo mistério na escolha das palavras,  
cada uma irrompe sem consideração nem lei,  
que trabalho para pô-las no sentido desejado!  
Que angústia, não saber!  
Como começar, como acabar.  
Como florir independente do humor,  
da hora que dardeja luz e música e engano.

No papel em branco do destino, jaz, harmonia  
impossível, o silente apelo do nada,  
poço do indivisível arfando raivas,  
imagens desvirtuadas pelo clima do fogo.



Que figuras crescem, que sombras tramam a teia,  
que fissuras rompem o equilíbrio,  
viver cada minuto como uma aurora,  
abertura do limite ao infinito,  
disponibilidade humana.

E das palavras nada sai, nem o sentido procurado  
nem o caos vituperado. Silêncio obscuro dos domínios,  
chama em altos gritos a presença do sol,  
o clarão que purifica pela morte a existência.  
Não há ligações, fios destituídos de significado,  
vozes perpetrando o odioso crime da fala.  
Objecto literário, ei-lo negro no branco,  
poema esdrúxulo, desnecessário.  
Valeu a pena escrevê-lo, não senti-lo,  
desmembrá-lo?  
Saberei alguma vez a vez?  
O momento do tumulto, da azáfama eterna,  
do brilho que retorna ao seio prófugo?

Inusitadas palavras visitam-me. Salaz olhar,  
ver como surgem os ritmos e ritos do corpo,  
perceber até que ponto aufero do mádido beijo  
que aflora no triângulo do medo.  
Dizer bulímico, cada verso vira-se terso contra  
o começo, a contradição instala-se, o esgar  
do asteísmo desflora o encanto da aparição.

Tantas teorias, tantas tentativas,  
quantas confusões engravidando a sensibilidade!  
Que escrever, pergunto-me, para merecer  
um lugar no frontão ridículo da nossa vaidade?!  
Nada mudo da tenacidade ignominiosa do universo.  
Nem um palmo do sentimento ou da razão  
se descobre depois de tamanho delírio, trabalhar  
os sentidos em direcções opostas,  
quando a deflagração insinua uma ordem adiáfora.

Mas de cada vez a necessidade!  
Fugindo e regressando percorri a via intelectual  
em detrimento do coração, do momento inspirado,  
da vida que sussurrava os espasmos policrestos.  
Em horas de abandono, frente ao muro branco,  
ouvi os desmedidos risos da loucura,  
confesso que tive medo, não estava habituado.  
Enchi a paz de palavras, sons aborígenes,  
memórias de um tempo selvagem, testemunhos falhos  
da presença que teimava desarticular o corpo.  
De cada vez disse quanto me faltava, não a falta!

Acabo hoje com a visão assertiva da sempre natureza.  
Ei-la, digo, as árvores verticais, as flores vermelhas,  
a relva rasteira como um animal verde de esperança,  
alguns amarelos da secura que depauperou a primavera.  
Mas porquê? Que poesia se redime com o exterior?  
Que necessidade tempera meu ardor em mencionar  
este largo de verde cercado de prédios pávidos?  
Que objecto respira a ausência onde me encontro?  
Não é enigma, não é adivinha: se existe, por que se cala  
logo agora que a vontade em permanecer não me larga?

25/4/83

## PEDRAS NO ATALHO

Curioso como me atenho ao simulacro,  
mesmo quando pretendo trazer para o palco  
as coisas da vida, esses factos diários, esses  
espaços magníficos onde uma consciência se perde.  
Alistridente o pensamento evolva-se altívolo  
por entre anelantes estremecimentos da sintaxe,  
eleva o rasto, a terra, o material delírio  
até ao ponto onde o auge é um cúmulo.

E sobretudo prorrompe a confusão. Sentidos  
digladiam-se, palavras batalham, frases guerreiam-se,  
cada verso desmente o precedente desmaio, cada

estrofe encandece a totalidade da visão.  
Ser único desmerece a harmonia, a ordem  
com que se edificam as poéticas meritórias,  
as estéticas centradas na pessoa do homem.  
Surgem então estes poemas, pedras no atalho  
sem memória, passos risíveis da intemperança,  
ecos de vazios circunscrevendo nenhuma essência.

É preciso muita coragem. Todos os dias cair,  
sentir o pó do caminho, colher o desperdício  
como a única dádiva da presença, saber lúcido  
que mais uma aparição não significa nada  
no domínio da perda, da perdição.  
Entre a queda e a ascensão  
escrevem-se os sentidos possíveis,  
tentam-se as formas mais que duvidosas,  
escolhem-se com arrogância os brilhos do universo.  
Nem mais nem menos. Pobre de quem aspira. De quem  
sente o desejo como uma outra carne, outro corpo.

Que vida merece o eterno?  
E como consegui-lo, e para quê?  
Não basta a sucessão erodente dos dias,  
não basta nascer, viver e morrer, não basta  
sofrer quanta miséria faz parte do humano gemido?  
Para quê glorificar a fraqueza, a efemeridade leda?  
Deixar a página em branco, a vingança. Mas contra quem?  
Haverá em mim um alguém outro que me comanda?

26/4/83

### SUBITAMENTE

Envolto em música e embebido em vinho  
lanço-me no espaço em voos de delírio,  
a realidade cá em baixo, fixação e mito,  
dolorosa experiência de quem se delimita.

E vogo e nado alçando-me ao apogeu caligante,  
um sorriso nos lábios daquele que se sente  
a paisagem icástica de um novo sentimento,  
viver no roldão do vórtice e da queda.

Passam por mim milhares de vozes melífluas,  
sussurram-me arpejos nascidos na leveza,  
delas me nutro quando auairo do estremecimento  
que me transpõe para o reino da inconsciência.

Pairo aí, aí pairo, movimento horizontal  
sofrendo as correntes do pensamento eterno,  
o coração dizendo hinos do tempo estrénuo  
onde a vida navega seus barcos efémeros.

Aí, subitamente, sou. Homem feliz longe da hora  
subsumo a fúlvida aurora que clama pelo começo,  
um vento quente deslizando pela luz indelével  
para que o corpo reapareça no espesso da terra.

Eis-me, um cântico, um ritmo, uma música.  
Feito de tudo quanto me deturpa e vence  
calcorreio o limite da essência, o absoluto  
grito que irrompe no marasmo da memória.

E voo, ave de repente, asa de encontro ao ar,  
céu azul como um sonho, a sombra do planeta  
acenando seus véus intemporais, suas formas  
colhidas no sono destemido da ausência.

Fazer amor, amor, é permanecer assim sempre,  
levado pelos fluxos da alma, pelo ondear  
das camadas mais obscuras do ser: envolto  
em palavras instauro o clima da sagesa.

30/4/83

## O UNIVERSO INADIÁVEL

Ainda a manhã é jovem e já o desejo  
faz estremecer meu corpo de homem proibido,  
quer a explosão na escrita irremeável.

Não é um ritmo recluso que aspira ao som,  
nem um movimento do mais íntimo inefável,  
é a exteriorização de um mundo de assonâncias.

Disparos breves da dicotomia que rasga  
a imperfeição como castigo e necessidade,  
vozes aleatórias do declínio indesejável.

Solettrar assim como quem desmerece a razão,  
toda esta baba intelectual sorrindo da regra  
que exige da inspiração a forma inexorável.

Baixo domínio do corpo, esgares obscenos  
delimitando o poder vígil da ordem insanável,  
um pénis escrevendo a dor do destino infrene.

Ei-lo que brota, o líquido irrefragável,  
nódoas de coração pulsando na ávida terra  
até que nela se perca o delírio da sombra.

Compreendes? Há esta vontade mais que pura  
de corromper o sentido único e sofismável,  
a vida só sobrevive no conluio dos caos.

Quero um poema aberto e franqueável,  
casa humilde dos estremecimentos sensuais  
que pervagam as profundezas da alma.

Dizer tudo no todo, colher o auge do lodo  
como um dado essencial para a descoberta  
do absurdo que governa o universo inadiável.

## INQUIETAÇÃO

No dissoluto sossego da tarde  
cresce esta inquietação, não ser a vida  
um céu azul sulcado de nuvens leitosas,  
uma cama quente onde o corpo reencontra a origem,  
um sono desperto pelo brilho de alegrias puras.

Esta inquietação, haver mais dias,  
um amanhã onde os deveres terão de ser cumpridos,  
essas idas e vindas do trabalho que enlouquece,  
os aborrecimentos e percalços do destino mesquinho.

Poderia ser tão feliz se não tivesse que ganhar o pão,  
digo. Viver bastar-me-ia, sair de casa para percorrer  
quanto da natureza ainda existe, o sol no alto,  
a terra vibrando de silêncios e de ruídos,  
chamando quanta água se evaporou das suas veias  
para ir conhecer a vertigem das alturas.

Homem perdido na mecânica das leis sociais,  
lá vou fingindo que é natural trabalhar,  
perder a inteligência e a sensibilidade  
em profissões que nos viram de avesso,  
deixando-nos vazios.

Os fins de semana são dádivas, espaços de sonho,  
descanso para repensar a odisseia do ilimite,  
hiatos de gozo e de medo, porque a semana cresce,  
persiste em dizer a sua inútil estupidez,  
tempo onde o corpo cego tateia o invisível muro.

Nem a música consegue fazer-nos esquecer!  
Algum vinho atira-nos para a inconsciência,  
dá-nos o calor nos embotados sentidos,  
permite-nos certos sorrisos de hebetismo.  
A família voga, passa ao lado, as vozes alçam-se  
no dissonante ondular do vazio, quanta alegria  
perdida num beijo que se desmerece da filha!

Altas filosofias como sentir o mundo e o real transformam-se em rasteiras mediocridades, impossível um discurso do contínuo deslizar, dizer os saltos que nos acontecem, irrupções ferozes na brevidade de uma icorosa meditação, aparições tragando o esquema da epistemologia que a alma alicerçou no paulatino tempo de paz.

A viagem que somos esboroa-se, falta-lhe arte, poesia, reflexão. Gozar o agora perde-se no atalho de se estar a fazer outra coisa, nenhum momento sai para assinalar uma temperatura ontológica. Máquinas, eis o que somos, perfilhando ideias e ideais gastos como a mentira da história, funcionais gestos da rotina que não articula o saber da realidade com o espasmo do ser.

A mulher, salvação e perda, integra este pesadelo: faz parte do movimento que deturpa a inspiração, vítima privilegiada do capital quando desempenha o papel de mãe e de amante e de criada. Criada para os mais belos fins, como esculpir um homem, dar-lhe a antevisão da essência que se esconde, reduz-se ou reduzem-na a mais um objecto querulo.

Que nos resta? Permanecer assim cansados e bovinos, os olhos esbugalhados pelo sofrimento, ouvindo infindáveis melodias do castigo, viver esta terra sem remissão nem brilho. Homens?!... Deixa-me rir... Algures vozes crescem em discursos atónitos, quanto da história não passou por aí, dizendo toda a dignidade que jaz na escravidão, no trabalho que nos deforma, corpo e espírito. Esquecem-se do capital. Da riqueza nunca mencionam a humana, a única que possivelmente me interessaria.

Condenados?... Mais uma tarde que eclodiu, deslizou, finda. Os mais loucos pensamentos

sulcam-me: eis o sangue, os lanhos terríveis  
que a existência oferece a quem desobedece.  
A quem a desejou felicidade e aventura.

1/5/83

## CÂNTICOS PROFÉTICOS

Quando o fundamental perde o seu encanto,  
a sua urgência, resta deixar à sorte o sortilégio  
da escolha, da aventura poética.

Dislate após dislate age este sibilino uredo,  
dizer o ilapso profano que galvaniza,  
viver através da palavra a liberdade supérstite.

Quanto foi de mundo e de história jaz  
aos pés sevos da memória multíssonas, revivê-los  
dói, esquecer-los demonstra a brutescas inépcia.

Volta-se o espelho para o objecto díscolo,  
luz um estranho brilho sobre a superfície,  
que consciência arde no simulacro sorrelfo?

Em que parte da totalidade palpita o olhar  
de quem respira, humano ser, o sopro inteligível?  
Em que espaço vibra o som da permanência?

É abstracção sentir na palavra o tesouro  
perdido, a possibilidade redentora? Ideias  
equevas irrompem como vingadoras de nada.

Que o sofrimento sugila, singulto sinistro  
cortando a carne dos povos, dos fracos membros  
onde a comunidade perdeu há muito sua lição.

Vozes levantam-se, canções só populares  
porque se desconhece a origem, o transcurso  
do périplo que destitui o símbolo animal.



E quando se espalham, em vez de ganhar o auge,  
a esfera da comunhão, desvinculam-se da dor  
para surgirem como recompensas da miséria.

Por lá passei, leitor. Ligeiro como uma seta,  
quis tamisar a desgraça com cânticos proféticos,  
apenas acrescentei ao caos o testemunho soez.

8/5/83

### A IGNOMÍNIA

Na tarde que passa entre sóis foventes  
perpassa um olhar de homem apaixonado, silêncio  
paralelo ao silvo do vento, respiração aspiciente.  
Não há catálogo que baste, nem memória  
que repercute a odisseia hiulca do verbo.  
Há a tentação, tantas vezes precursora,  
de deixar à arte o destino da presença.  
Do homem que sobrevive falam as disciplinas  
erodentes, ciências e teorias, visões angustas  
que traduzem os tiques terríveis da época.  
Dos objectos servem-se os humanos deslizes,  
peças de um museu ontológico, pedaços da carne  
que resiste ao tumulto do cogumelo futuro.

Apetece pois sopitar, desaparecer, fundir-se  
ao altívolo nada, utopia horrísona do desejo.  
Que os horizontes caem como folhas maduras,  
chãos perdidos da fluxível infância.  
Resta-nos a hora. Estar aqui. Aqui permanecer  
enquanto nos permite a saúde, o corpo, o tempo.  
Olhando o invisível com o mesmo carinho  
com que longe se devasta as populações da guerra.  
Apetece assim conhecer os meandros da crueldade,  
os livros saciados da estupidez,  
os testemunhos conspícuos da ilusão traiçoeira.

Perguntas outrora essenciais despenham-se alvos  
da irrisão, do descrédito, da náusea.  
Ninguém quer repetir o erro, todos suspiram  
pela única verdade, último segredo.  
Estrepitam em fogueiras simbólicas  
livros antiquíssimos como a aurora, jazem  
em montes aluviais as confusões intestinas  
que deflagraram em tempos inóspitos.  
Quem se salva? Nenhum sentido, nenhuma aposta.

Valeu a pena, dizem as canções do desassossego.  
Não compreender é terreno fértil, nunca a loucura  
saberá destruir a ignorância ou a indiferença.  
Quem te espera anseia por um descuido, uma teia  
onde a queda seja não só possível como desejável.  
Procuras inventar mais sentidos, mais superfície  
para o gozo do corpo, mais espaço para o espírito.  
Finges que és espelho, espelhas a realidade do fora  
como se fosse necessário prever ou dizer o dentro.  
Dicotomias, contradições, antíteses, outras tantas  
imagens para o logro quando o absurdo absorve  
a capacidade intelectual do sentimento assimétrico.

Sentir, eis o problema. Como, hoje em dia,  
em que noite? Nada nos revela, nada nos inspira,  
cansaço é o preço da desmedida ocidental,  
fazer para ganhar, para se perder a vida.  
Sentir não existe mais. Carapaças do olhar  
que deitamos sobre a insolvência do destino,  
carcaças lambidas pelo marulhar e pela salsugem,  
desfeitos estamos, afeitos ao mericismo águere.  
Um sofrido choro alaga-nos, não sabemos responder  
ao apelo da carne, tememos a vergonha, o que se diz.  
No dia seguinte, outra vez, a guerra subterrânea,  
os passos que se dão, os gestos que se arvoram,  
nutos horríveis da escravidão acéfala.

Os fins de semana explodem. Alguns sobem-nos  
como se fossem príncipes, em estradas ferrugentas

lançam-se em carros, a vida por um fio.  
Outros frequentam o vinho em tascos sobreviventes,  
riem-se e choram comovidos sem elos nem eles,  
caem na sarjeta até que a inconsciência apazigúe.  
Outros ainda permanecem em casas pobres,  
vivem as imagens que lhes entram de supetão,  
auferem da mediocridade que o capital alimenta.  
Alguns buscam a mulher libertadora, aproveitam  
o descanso para se pensarem animais felizes,  
afundam-se medianamente no calor das origens.

A dor desvincula-se do martírio, ganha a paisagem,  
pinta com cores irreais o fenómeno humano.  
Mar de lágrimas, sem caminhos para o êxtase,  
sem escaninhos onde o amor possa pulsar.  
Resta ao poeta desmerecer a sua sorte, sair  
das palavras para que a ignomínia seja total.

8/5/83

## MAIO

Maio continua entre chuviscos duvidosos,  
sóis magnânimos que se escondem  
entre nuvens tão negras como o medo atómico.  
Fim de semana. A televisão acesa,  
ouvem-se vozes de mulher, a filha no quarto  
de banho, com dores de estômago.  
Na cozinha a mulher lava a loiça. Três e meia,  
tanto que fazer, preparar as aulas  
que me trarão apenas desgosto e cansaço.  
Isto é viver? Sim, isto é viver...  
Passar furioso e frustrado entre dias e horas,  
cada vez mais perto do desenlace,  
morrer... Algum vinho acompanha-me, o suicídio  
colectivo de que falam, populações  
inteiras entregues ao vício do magro prazer.  
Esquecer que se nasceu, que se vive  
entre mistérios desvendados, incapazes do mais

que nos absorve em sonhos irrealis.  
No menos respiramos e fingimos que estamos,  
átomos de uma sociedade empobrecida,  
figuras sem esqueleto, dessoradas, ressequidas  
como as árvores mortas da floresta  
fóssil. A mulher aproxima-se. Uma mão grávida  
procura o consolo de uma nádega,  
mas a tarefa esquivava-se do amplexo sensual.  
Não temos salvação. Nem grandeza.  
Animais perdidos no cimo da evolução sesga,  
vamos para os empregos ganhar o pão,  
a natureza tão longe como um pesadelo passado,  
o fictício deslizando entre os dedos.  
Mas hoje o sol brilha para lá das nuvens néveas  
que percorrem o azul estupefacto,  
uma luz azeda cai sobre a terra e sobre mim,  
que na janela virada para as traseiras  
olho o vazio das nossas condições humanas. Será  
possível sermos sem alternativa?  
Que sorte ou que destino nos desfigura? Que  
acaso viemos preencher? Apenas  
correntes sem mérito do permanecer humano?  
Ninguém responde a estas perguntas.  
Solitário, aqueço ao sol do meu descontentamento.

21/5/83

## AS DUAS FACES

Depois, há dias que não merecem sequer  
uma palavra de reconhecimento.  
Não porque a natureza esteja virtualmente  
imprópria para o consumo dos sentidos,  
mas talvez porque o corpo, ou a alma,  
não se reconheça como fazendo parte da natureza.

Que fazer? Apetece fugir, fugir sem pés,  
voar muito alto e muito longe, desaparecer.  
Perder o que se é.

Ganhar com a distância uma outra forma,  
um outro espírito, outra liberdade.

Perder o peso.

Adquirir a subtileza do azul celeste,  
estrela no cosmo entre fogachos de luz,  
silêncio cognoscente.

Apetece desmerecer a história pessoal  
e a que nos impingem nos livros poeirentos.  
Como se fosse possível inventar um outro começo,  
viver um outro nascimento.  
Não há mãe que nos proteja.  
Virá sempre a hora da paz eterna, morrer  
aflito e incompleto como uma obra inacabada.

A incompletude, o mal.  
O que não fiz, o que não senti, o que não pensei.  
As mil possibilidades que me tocaram sem ferir,  
desperdiçadas, perdidas, inexistentes.  
A dúvida – se tivesse tomado aquela decisão,  
se tivesse compreendido o momento,  
se tivesse tido a coragem para.

Para quê?  
Viver tem sido sempre o que nunca vivi.  
Porque o que vivi surgiu sempre como inessencial,  
adiáforo, subsidiário de qualquer coisa.  
Estar no centro, e respirar o privilégio,  
eis o sortilégio que nunca possuí.  
Mesmo quando penso que tudo isto são disparates.

É um disparate não me sentir eu, não me sentir bem?  
Cansado do desastre semanal que é trabalhar,  
percorrer as sendas da mecânica e social estupidez,  
acho-me no fim de semana vazio, exangue.  
Que me vale ser crítico? Estou preso à sobrevivência,  
ao dinheiro que preciso de ganhar para manter  
quanto de mim faz parte da família contemporânea.  
Sujeito a todos os estupores que chefiam o manicómio,

homens e mulheres que se julgam as forças vivas  
da nação, da sociedade, da história.

De que me vale a lucidez? Eles mandam.  
De que me serve a inteligência? Eles possuem.  
Que adianta rir-me da estultice? Eles podem.

Pobre homem, sem defesas nem armas,  
procuro esquecer a chaga pustulenta:  
perder o pouco que me cabe, que sou.

Longe pastam os outros, escravos como eu,  
mas afeitos ao desconsolo da miséria humana.  
Não sabem como vencer as cadeias ancestrais,  
como deixarem de ser máquinas para viverem o homem.  
E quando, por acaso, conseguem atingi-lo,  
loucos, esquecem-se da origem e tornam-se secos.

Misturei-me ao rebanho na esperança da unidade.  
Queria mudar o mundo, se possível, as leis  
do universo.  
Encontrei ignorância e resignação.  
Dentro de cada olhar explorado brilha  
o fogo da desejada e futura exploração.  
Igualdade e diferença, dizem os compêndios.  
Mas é a confusão que governa o mundo moderno.

Desiludido percebi que a luta era pessoal.  
Que não poderia engravidar o mundo de auroras,  
pois o peso literal de milénios sufocava o homem.  
Encetei a paulatina mudança: cada dia que passa  
perco a pele da espécie, transformo-me em novo ser,  
aprendo a soletrar a língua da esperança.

Resta me a carapaça, a muralha reconhecível.  
Ninguém suspeita de quem sou,  
tomam-me por um igual, dão-me trabalho,  
trocam comigo pareceres e opiniões. Finjo  
para escapar. Faço de conta que ouço os noticiários,

que me preocupo com os desastres naturais,  
que as revoluções que grassam pelo globo  
me dizem directamente respeito.  
Estou-me cagando.  
Assim, com todo o amor que subsiste em mim,  
com todo o carinho que alimento sem razão.  
Nem sequer é cinismo.  
Uma profunda piedade me invade  
quando assisto à dor daqueles que passam.  
Mas não há semelhança. Não é um gesto de fraternidade.  
Como se vivesse um real passado, obsoleto,  
um sonho onde as torpezas enxameiam o presente.  
Como se pertencesse, eu, a outro mundo, outras leis.

Conquista, ou perdição?  
Talvez as duas faces da moeda.  
Mas a dor esculpiu em mim novos caminhos,  
recessos fulgurantes onde penso atingir  
a ficção da minha pessoa num outro ser.  
Alienação? É bem possível.  
Desejável foi percorrer os escaninhos  
do precioso mistério, a natureza do nada,  
o espaço inviolável da ausência como necessidade.

Só um espinho me aflige: ter que sobreviver.  
Parece que não, mas é o bastante para que o conflito  
reapareça na miragem de mim mesmo, no paraíso  
terrível da minha permanência.  
Claro que ainda soffro. Que nada está resolvido.  
A cegueira do mundo é mais forte que todos os degelos.  
Só não soffro como um homem, isto é, como essência.  
Um campo de virtualidades arrefece o tumulto,  
quando chega ao meu tempo de vida esmorece  
toda a causa e todo o efeito.

Meus olhos desmentem o sacrifício. Viver  
pasto dos desígnios que os interesses comandam.

21/5/83

## FIGURA

Não sei o que é mas está, paira, perdura  
figura sem contornos da mais profunda  
inquietação. Bate o sol sobre a mesa,  
um sofrível calor aquece o quarto nu,  
o próprio poema nasce sem vértebras.

A música em surdina invade a tarde,  
que consolo para o tanto que se perde,  
viver assim tão solitário a experiência  
do desencanto, do desconforto anímico.

Não sei o que aconteceu. O que me sucede.  
Sei que algo sobe de mim, um estranho grito  
onde nem o pai nem a mãe surgem nem vivem,  
um som cavo como a existência perdida.  
Perdido, sem saber porquê, estou.  
A natureza nada me diz. Longe, num céu  
sem nuvens, baila o sol quanto fogo arde  
no meu interior. A isto, leitor, chamo  
inspiração. Este momento tão lícido,  
saído do ramerrão como uma seta certa  
de encontro ao meu inesperado corpo.  
Que sacode cada nervo que não cabe  
na sensibilidade nem na inteligência.

Tempo para esquecer, digo-me. Porquê?  
O mundo não me reflecte. Estar aqui  
na janela já mítica não significa mais  
que a simples impureza de estar. Ali  
seria o verdadeiro lugar, longe, longe.  
Custa-me suportar a presença. Este olhar  
de quem se pensa animal superior, infeliz  
catálogo da mendicidade eterna. Viver,  
apetece-me proferir num grito humano,  
viver foi sempre o meu fito, desde sempre.



Vizinhos nas janelas em frente. É tão bom  
voltarmos-nos para os outros quando o impasse  
faz parte do nosso caminho, do nosso horizonte.  
Ei-los, homens e mulheres e crianças: todos  
elementos de pleno direito da espécie.  
Desconheço-os. Estes subúrbios não são os locais  
mais indicados para o convívio, para o diálogo.  
Cada casa é um dormitório, cada localidade uma prisão.  
Vejo-os, sobretudo corpos, gestos humanos reconhecíveis,  
a juventude no riso dos mais novos, o desamparo  
da velhice, o vulto seguro nas donas de casa.  
Chamamos-lhes domésticas, não é por acaso.  
A língua não mente. Testemunha os mais íntimos  
frêmitos da sociedade, seus segredos duvidosos,  
suas falhas e ignomínias: domésticas! Também eu  
vivo no estreito limite das leis e das convenções,  
nem sequer cidadão, uma sombra deslizando progressiva  
até à mentira de um corpo que saúda o redor.  
Mas disso já falei. Hoje trata-se de hoje. Deste  
momento, desta hora, desta angústia impossível,  
viver sem espelho o espalhar de faúlhas anímicas  
que me abandonam: começo sincero da velhice?

A pergunta obceca, segue-me por toda a parte.  
Em toda a parte vejo os rebentos, as gerações  
de crianças que se fazem homens e mulheres,  
e eu sem memória, sem um corpo que me pertença.  
O meu desnuda-me, trinta e cinco anos de nada,  
apesar da mulher e da filha que me aturam  
ao ponto de me fazerem uma necessidade natural.  
Sou um marido e um pai, devo esquecê-lo? Não  
me sei. Não ganho fidelidade com o tempo.  
Continuo o mesmo puto de sempre, estrada vígil  
onde o poente se insinua como num filme.

E depois, bolas! Merda para todo este sofrimento!  
Nunca deixarei de ser quem sou por mais que viva.  
É um peso, um acrobático assombro, viver-me dentro  
como ao lado ou de fora. Estou sempre aqui, sou eu.

Não há glória, nem memória salvadora, a paz deserta-me quando finalmente me sinto um homem, esta dúbia pureza. Contradição? Quero lá saber. Queria era resolver este poema da melhor maneira, mas tudo me sai como se a inautenticidade fosse realmente real.

Não digo mais, por vergonha, o patético:  
– Que fazer? Já foi tempo. Já fui jovem.  
Escrevi mil vezes em poemas esdrúxulos a pergunta de quem não sabe nem sente.  
Outrora, quando o sangue procurava asilo no corpo fecundo da mulher, desejei sair para poder encontrar a essência, a voz.  
Nunca se me deparou a fonte ou a foz, dos dias fiquei apenas com os eventos que nos perdem de tanto zelo e engano.  
– Que fazer? Pergunto agora. Metade ou mais da existência foi-se, voou, achada apenas em momentos de fulgor ou êxtase paira perdida no outro lado da memória.

A luz da tarde irrealiza-me. Lembro-me de outra cidade, do vento e do amarelo, e não consigo um choro apetecível...  
Só ódio, pelo que passei, pela mediocridade da juventude em terra incompleta, pobre.  
Lembro-me: a casa e os companheiros, que vergonha! que atraso! que desperdício!  
Isolados na estupidez do país vivemos anos de fome, de carências, de loucura.  
Nem o corpo nos salvava. Pelo contrário, padecia a ausência de explosão, a lei castradora demasiado presente na educação que nos deram, terrível oferta da miséria.

Estou aqui, recordo. Nunca a sinceridade foi tão inútil! Que interessa este aqui se o desejo percorre as sendas do sonho, invade os domínios do mal como do bem,

quer a todo o custo transformar-se em prazer.  
Mas que prazer, pobre idiota? Trata mas é  
de acabares o poema, ou o quer que seja:  
nele casualmente ganhas quanto perdes na vida.  
Não é uma certeza, é um pressentimento, a voz  
nodosa do nada em fulgurantes metamorfoses  
dizendo: deixa-me acabado, continua o flagelo,  
percorre sílaba a sílaba o nascimento, a perda!

27/5/83

## JUNHO

Junho abre-se como uma veia poética,  
traz ao coração a simplicidade da natureza,  
seus rituais fecundos, gemidos da noite  
onde os animais se reconhecem.

Os dias crescem ao limite do sol,  
luminosidades felizes campeiam a aurora,  
calores telúricos sobem ao meio-dia,  
entardeceres rompem o equilíbrio do céu.

Quanto de mim existe ou para pacífico  
evola-se no remoinho das sensações cíclicas,  
um mar descobre-se diante do olhar perdido,  
a terra deita para trás seus cantos generosos.

Existir assim não dói nem deteriora:  
não há missão a cumprir nem regras do jogo,  
o corpo sabe tão bem como o invisível  
quanto do fora merece o carinho interior.

Estar entre é um mito, um fito, um fado.  
De que vale querer ser, querer viver alto  
a fímbria do destino que desconhece  
os íntimos desvelos com que fomos feitos!

Vale sentir o clima, a luz, o tempo, a estação.  
Colher de cada pedra, que subsume o que subsiste,  
toda a felicidade que não cabe num poema,  
vale todo o momento que se rouba ao eterno.

Somos homens, animais milenários deslizando  
entre correntes e acasos, espécie de fogo  
diante da água que nos alimenta e contém,  
somos a distância que vai daqui ao além.

E mesmo quando a rima esporádica é fácil,  
difícil é estar aqui, viver aqui, morrer aqui  
quando efêmeros e pequenos aspiramos sempre  
a um espaço independente da nossa natureza.

Nada sabemos do que nos consome. Sabemos  
apenas que a alma sobrevivente dos cataclismos  
nos pede uma esmola, uma casa decente,  
um corpo de recentes manifestações amorosas.

E o amor não existe. Nunca sobrevoou a terra,  
não se confunde com o desejo que nasce  
para vir a morrer no furibundo prazer,  
em camas desfeitas pela civilização humana.

E quando surge, floresce em cada indivíduo  
como um flagelo sem consolo, incapaz de paz,  
de sair para atingir o outro, aquele espírito  
que se avizinha da sombra dos mesmos passos.

Felizmente há primavera, há luar. Mesmo hoje,  
em era tecnológica e industrial, sabe bem  
vislumbrar numa noite calma e quente  
o mistério da presença, da história pessoal.

Nascemos feitos de carne e de barro: da merda  
legada pelos antepassados construímos quartos  
onde nos abrigamos da repressão e do delírio,  
desce em nós o sonho, visão de um outro mundo.

E depois, em tardes de junho, na casa silenciosa,  
quando o fim de semana coincide com a inspiração,  
um homem levanta-se e busca no papel estarecido  
quantos signos possa salvar do incêndio diário.

Louco, escreve. Não se sabe se vive, se respira,  
escreve tão simplesmente que a própria língua  
desespera por não poder conter o brilho  
exigido em escolas tão humanas como o fedor.

Escreve a vida, aquela que ninguém vive  
por impossibilidade ou por ódio, aquela mão  
cheia de nada que enlouquece os dicionários,  
mas enriquece o sentido que se retira de tudo.

4/6/83

## TODO

Um vazio intransmissível sacode-me o todo  
que sou, tal felicidade desmente a hipótese  
da contradição como a face inimiga da harmonia.  
Dissonâncias ontológicas gravitam em pares  
medulares, vivo aflito sem saber por que razão  
desvirtuo o raciocínio, seu apelo de palavra.  
História, imiscuo-me no simulacro do silêncio,  
vagueio vagaroso entre abafos desmedidos  
sem comparações que me salvem da ausência.  
Sei o que digo? Espraio até ao limite a lei  
larvar do mito, hoje é um cataclismo fatal  
para quem desmerece a língua no seu incêndio.  
Ambiguidade, gritam os terrenos marasmos,  
tolices, clamam os percalços da realidade  
revoltada. É pois impossível ser mais patético  
no redemoinho do verbo, as acções humanas  
desistem do seu sortilégio para ganharem luz  
e sombra. Que eu detesto as dicotomias goradas,  
os grávidos mecanismos da ciência escondida,  
as inteligências que nunca souberam o preço

do trabalho ou da vida no que isso interessa.  
Hora de verdadeira paz. Não bem um prazer ágil,  
um derrame da consciência ferida pelo fogo,  
mas antes a permanência como sítio da aurora,  
este deslizar da experiência que se perde  
todas as vezes que se quer fazer da vez  
o auge, o êxtase, a ruptura, o orgasmo, a queda.  
Alegria intensa, sem mar nem mãe, sem pai  
nem pátria, alegria imensa subtraindo-se ao logro  
da análise que procura dizer do texto a tábua  
rasa, o mericismo da ignomínia contemporânea.  
Vivo e sou neste entre, amálgama dolente e fero  
de um passado que nunca me visitou ao vivo  
e de um futuro que engendro no ápice do presente.  
Trago em mim o máximo de quem me faço, figura  
humana cujos contornos roçam a loucura tórrida  
de climas que só persistem porque me amam:  
todo no clímax do tudo como do nada vivo vazio!

8/6/83

### A VIDA EM PERIGO

A solidão da tarde escolhe-se em dourados entardeceres,  
quando o silêncio da casa perturba o ruído de fora  
e um vasto calor aumenta o dia.  
Apetece ficar assim, estar assim, viver assim.  
Entre um murmúrio de nadas que consolam  
e a fereza do real que abomina.  
Sentir quanto nos perde porque se esvai,  
esse sagrado sangue do sempre aqui presente,  
essa melodia isenta dos ritmos ancestrais.  
Apetece deturpar a beleza, estripar a regra,  
denunciar com palavras incestuosas o lugar  
onde de nada nos vale sentir quanto se vive.

Uma profunda, grave tensão apodera-se de mim.  
Chamo-lhe serenidade, todos estamos condenados a isso.  
Não são nem nervos nem temperamentos, antes é

esse esdrúxulo depois que enfrenta o meu lazer.  
Fim de semana, suspiramos aflitos.  
Longe o trabalho, as penas, odisseias da injustiça  
como consequência da teoria anafada do progresso.  
Por vezes, o ódio, a raiva, saber a perda,  
fazer tão pouco ou nada para merecer outra vida.  
Que vida? Em que planeta, se estas sinuosas sociedades  
desfiguram a possibilidade de uma felicidade única?  
Em que corpo, quando o que temos envelhece?  
Paralisado pelo silêncio, abro os olhos para ver,  
vejo o quarto nítido como uma construção mental,  
vejo as traseiras carcomidas pelo tempo.  
E sinto? Um sorriso de mim aflora-me os lábios,  
não quer dizer nada, não significa nenhuma sabedoria.  
Meu desespero manifesta-se brando, sibilino.

Depois de tantos anos de vida, nada.  
Depois de tantas reflexões, de tamanhas leituras,  
de conversas com amigos sobre o enigma, nada.  
Depois de tantos versos escritos onde sugeri  
a dor e a alegria, a viagem encetada, nada.  
Depois de tantos dias perdidos e de noites  
atingindo o apogeu do delírio, nada.  
Um vazio. Nem sequer terrível, nem sequer medonho,  
e isso é que é terrível e medonho: nada.

Não saber, não só o que dizer, mas não saber: nada.  
Como se a vida me tivesse levado por nefastos caminhos  
ao simulacro de uma clareira sem centro nem perímetro:  
nada. Não ganhei nada, nada perdi. Estou aqui.  
Estou simplesmente aqui, se isto quer dizer alguma coisa.  
Existo. Parece que existo. Parece que respiro.  
Vivo, vivo, mas já não grito.  
Não é desistência da vida. Não é pessimismo.  
Muito menos abandono ou suicídio.  
Não sei, como nada sei da vida ou da morte, o que é.  
Talvez até não seja, e me engane.

Talvez ser feliz seja isto, seja assim.  
Talvez não haja nome para isto.  
Talvez tentando encontrar uma saída  
encontre finalmente uma forma de me despedir.  
De dizer adeus. Assim, sorrindo displicentemente,  
sem memória, sem história, sem futuro.  
E quanto prazer não sinto eu agora,  
por estar aqui tão fictício diante do real papel  
que não me cabe por ser um misto de nada e infinito.  
Não é a morte. Sou demasiado jovem.  
Estou condenado a sê-lo tanto quanto viajar  
através das palavras flutuando no âmago do ser.  
Confesso que é uma insuportável maldição,  
não ter nascido como os outros,  
não ter nascido como eu em mim.  
Perdi até quanta teoria me aliciou.  
Em momentos de ridículo social ou de real mesquinho  
soube arquitetar quanto não sei.  
Em vão? Tudo tem merecido de mim meu todo.  
Nivelei com minha presença os disparates universais,  
dos caseiros levantei até ao riso a estupidez.  
Vivi entre afagos metafísicos a materialidade  
das coisas, o seu profundo e enraizado amor.  
Detestei a plenitude da experiência  
para dar uma oportunidade ao atraente erro.  
Aqui, imóvel aparentemente,  
não minto se disser que no vazio da revelação erro.

É que o nada é habitável. Não se iludam aqueles  
para quem as palavras apontam o medo ou a cegueira.  
Não ser é uma casa como outra qualquer.  
Não sou eu que o digo, disse-o há muito o poeta.  
Não me perguntem qual.  
Não há vazio que se iguale.  
Não há contradição que se redima destruindo-nos.  
Percebem por que, sereno, ainda escrevo  
quanto se ausenta de mim por não ser vida?  
Ou ser só a vida?  
Espero desmerecer a ambiguidade.  
Ganhar em cada um de vós o verdadeiro amigo.



Singular, tenho a sensação de que este poema  
é diferente de tudo quanto inventei na língua.  
Algo se passa com as palavras, ou comigo,  
como se um espírito de fogo da tradição ocidental  
encontrasse pela primeira vez um verbo desconhecido.  
Não confundam, não sou eu.  
Eu, ao contrário do que poderão pensar,  
eu afirmo. Eu, independentemente de crer ou não,  
amo a vida. De uma maneira fulgurante, animal,  
quantas vezes obscena, tantas vezes espiritual.  
Francamente humana, irrazoavelmente distante.  
O que perpassa nele, em mim, inadiável  
como ter vindo escrever este poema, subsume-se  
pela calamitosa, desgovernada ignorância.  
Não há gramática que resista ao impulso,  
não há fogo que perdure de tanto queimar.  
Disse-o: arde.  
Nunca possivelmente arte  
(espero que saibam ler este último verso!),  
nunca desejadamente vida,  
longe de qualquer ideia de destruição,  
urde.  
Um sopro terrível, dizê-lo baixinho,  
súbito criança no chamamento do jogo:  
arde e urde, arde e urde, arde e urde.  
Eis como fertilizei ao longo dos anos a solidão.  
Sem saber criei-me este homem.  
Por isso, ignorando, continuo: a vida em perigo.

11/6/83

LIVRO III

DESEJO LOUCO, PRAZER BABÉLICO

# INICIAÇÃO AO DESASTRE

## QUANTO

Devo à raiva quanto escrevo.  
Ciente da incapacidade, roubo  
ao real a forma ilusória  
com que finjo perceber o inefável.

Não conseguir ser esse fora  
explode. Em mim recolho-me,  
figura tutelar da ignorância  
que nem perde nem salva.

Insisto. Descubro pouco a pouco  
que nisto tudo há uma razão:  
não a de pretender atingir o auge,  
mas a de iludir o tempo humano.

Escrevo como quem por tanto amar  
não sabe onde começa o corpo,  
onde finda a projecção seminal  
que faz estremecer a alma.

Escrevo louco, hora a hora,  
em perigosos papéis inatos  
quanto me percorre e atravessa,  
universos de palavras seres.

Sempre sem cuidar de saber  
até que ponto, até que ruptura  
vibra e respira o ténue sinal  
que identifica uma vida.

Não há cansaço, mas ódio e raiva.  
Algumas vezes sinto-me a prisão,  
outras descobro aflito o êxtase  
que me lança para a fronteira.

Já não sinto, já não penso:  
liberto dos entraves obscenos

que inundaram a língua de fel,  
procuro merecer a estadia.

Desconhecendo por princípio  
quanto sou, de onde a onde vou,  
em que raias me limito, onde  
prefiguro o contorno do século.

Mas sou humano. Nasci e vivo,  
conheci meus pais na infância,  
tive amigos que agora vivem  
na pouca memória que sobrevive.

Possuo uma impessoal história.  
Oca, eco terrível de quanto passou,  
do tumulto que me dispersou  
quando procurava colher um todo.

Eis o passado, morrer cada minuto  
a eternidade que nos vive, deixar  
de ser quem nunca se foi, os laços  
fielmente apagados na areia mítica.

Resta-me o presente. Presente absoluto  
da ideia que se faz do tempo, é-se  
este demoníaco estar sendo, agido  
pelos frêmitos do acaso sensual.

Aqui me escondo, me revelo: eu  
impróprio para o consumo da época,  
traço biológico onde a apetência  
tece rituais de carne e de delírio.

Aqui me crio, me creio capaz de ser.  
Sabendo que dura quanto dura a hora  
em que o brilho sem essência afirma  
a dupla negação do destino profano.

Não é um paraíso, não é sequer:  
mas rodeia, ondulando de luz,  
ao som de músicas só terrestres  
porque me compraz dizer que sim.

Uns chamam-lhe energia. Inspirados  
pela ciência preferem pensar-se  
modernos, actualizar o tesouro  
com as achegas da última hora.

Outros, cada vez menos, insistem  
com a ficção triste que fez da alma  
a força povoadora de tantos corpos  
forçados ao desastre da inspiração.

Nada felizmente sei. Nem me importo.  
Compreendo que é bom termos um suave  
porto em cada esquina do pensamento,  
mesmo se a intuição nos fere de fogo.

Onde estou desfigura o enigma:  
sem ser mistério, ou sua aparência,  
emerge como uma nódoa plena de vazio,  
embora repugne a dúbia contradição.

Disseram já que ser é nada,  
que ser é tudo. Em pleno meio,  
no âmago indesculpável do entre,  
só reconheço a sofrida distância.

Que vai da presença tumultuosa  
à ausência ignorada de tudo e todos.  
Porquê, ignoro. Sentir, não sinto.  
Pensar, só como inquieta brincadeira.

Não é necessário possuir um espírito  
para que se seja vida. É preciso  
muita coragem para estudar ao vivo  
a viagem que nos leva aos primórdios.

Não disse começo, nunca direi fim.  
Importante, se o é, é desmerecer  
a imagem que se faz da existência:  
no outro lado, irônica, a vida outra.

Oh, se a procuro não significa  
que detesto esta onde estou ileso  
como uma comparação despropositada:  
pelo contrário, assim a magnifico.

Assim a depuro das fealdades  
que gravitam em torno da contingência,  
da essência como necessidade ontológica  
capaz de transformar a real estadia.

Porque o homem, e não só eu,  
anseia por uma pureza telúrica,  
exige ao passo ofertado ao incógnito  
a dimensão humana do reconhecimento.

Vivemos, estamos, existimos.  
De nada nos vale não gozar o tédio  
ou não amar o gozo com lágrimas  
que não nos abrem o único caminho.

Morrer. Saber morrer é o só fito.  
Não porque haja aléns ou não haja,  
mas porque é aqui, neste lugar,  
nesta hora, que nos é dado morrer.

O mais, a verdadeira morte, é ficção.  
Não nos inscrevemos dentro dela  
como não se escrevem poemas fora  
do papel que há muito nos cabe.

Saber morrer é, mais que desejar  
a sempre vida, criar o sábio prazer  
que o corpo nos faculta em momentos  
onde o mundo escapa ao universo.

Porque se é mundo. Inteiro rodar  
nas esferas da explosão e do vício,  
vagido tão rotundo como esse estertor  
que não faz parte do esquema eterno.

12/6/83

## DO OLHAR

Manhã finalmente estival,  
onde a luz cresce terrestre  
sobre os homens e as coisas  
que enxameiam minha consciência  
reduzida ao súbito olhar.

A sensibilidade exilada,  
o pensamento quase impossível,  
procuro fazer do olhar nítido  
mais do que um espelho sem o esmalte  
que deixa atravessar o real fora.

Ver entre um fora e um dentro,  
postura antiquíssima e coeva,  
desilusão de quantos esperaram  
vencer a distância infinita  
que vai da palavra ao gesto.

Mas não é solução permanecer  
estático no centro do tumulto  
que paira e gravita e explode  
como a aparência de um mundo  
onde o real necessita do homem.

Ir mais longe significa, uma vez  
mais, criar provisoriamente o olhar.  
Do argivo encanto que deu o poema,  
passando pela história do mistério,  
chega-nos um testemunho passivo.



Cabe-nos engravidá-lo hora a hora  
com a chama da emoção e da luta,  
fazendo percorrer a vista diáfana  
do tanto desejo que nos estremece  
quando o corpo se quer espírito.

13/6/83

## ONDE

Ser é uma extensão sem lugar.  
Vazio onde cataclismos explodem  
ao som de músicas que não existem,  
emerge no percalço da vida  
como uma necessidade irrazoável.

Ser este homem que me acalento,  
alguns anos de perda e encanto,  
certos ritmos essenciais gritos  
do corpo que se encontra quando  
reconhece a existência do outro.

Da mulher que acolhe o mal e o bem,  
entre pernas ágeis como o delírio  
dá ao mundo o vagido terrível  
de um interior quente capaz de ser  
a mais perfeita e vígil imaginação.

É na vagina, o único lugar, a queda,  
que o vaivém percorre no tempo  
a viagem sem tréguas do ilimitado  
como realidade possível e desejada  
onde o ser se escolhe extensão.

E no momento da saída, espasmo  
e explosão, cada homem descobre  
aflito a visão do futuro mítico  
em que a morte desempenha o papel  
de consolo e de icástico descanso.

Não é por acaso que depois, consumido  
o acto mais humano e universal,  
o homem se sente a esquecida criança  
onde o vazio do sexo parece condizer  
com o nada onde o ser se dispõe.

13/6/83

## FOGUEIRA

Começar é sempre mentira. No átrio branco  
onde pouso meus lábios de desejo diluídos,  
profiro sem exactidão outro discurso franco  
como desmerecer do sol seus reflexos puídos.

É um abalo, um tremor, querer respirar  
no sem centro do mundo que nos depaupera,  
uma violência terrível como é procurar  
o limite trágico onde ser nos desespera.

E no entanto a atracção, o apelo, a chama  
que consiste em sobreviver entre paredes  
capazes de proteger o sonho desfeito, lama  
onde a voz desmistifica a origem das redes.

Viver protegido pela lei, pelo consenso,  
seguindo caninamente a sombra da história  
quando esta nos dá do som o sentido propenso  
a edificar das ruínas a recente memória.

Valerá a pena? Pelo caminho tento seduzir  
quanto me viveu em anos de alta miséria,  
quando no branco do papel desejei abrir  
a distância ideal que me separa da matéria.

Descobri que sou corpo e nítido universo,  
que vou muito além de mim quando estremeço  
todas as vezes que emerge o terrível verso  
onde o destino que não me cabe eu reconheço.

É um jogo sem crianças, o único desejo  
capaz de invadir o nada como a eternidade,  
de trazer ao simulacro o vindiço ensejo  
com que se transforma a existência em idade.

Daí que me alargue em palavras autênticas  
até ao encontro da forma como fronteira,  
desdenhando das liberdades tão idênticas  
aos resíduos deixados pela letal fogueira.

13/6/83

## SEIS SONETOS SESGOS

## HISTÓRIA

Sabe bem confundir a bulímica história  
com acontecimentos onde o tempo explora  
por tanto querer dar a medida ilusória  
capaz de definir o ser e o nada de agora.

Mas nada se sabe. Tudo se ignora, até mesmo  
quando a ciência prepara, com raro esmero,  
a voz da morte com átomos atirados a esmo  
sobre a terra plena do humano desespero.

Que fazer? pergunta, nulo, o homem moderno,  
incapaz de resolver o conflito essencial.  
Não fazer, parece ser, então, o aviso eterno  
com que recebe a revelação da luz letal.

É que a morte foi sempre apelo e esgar  
para quem não sabe como viver nem amar.

13/6/83

## A FALHA

Quando é antigo o desejo, antigo é o sopro raro.  
Mas a necessidade nasce de mudar o verbo isento,  
nem que para isso se tenha de alcançar o claro  
tempo que vai da criação ao plágio fraudulento.

Pontapés se dá na gramática que nos oprime  
sem outra razão que a de fingir um universo  
no recesso da língua onde, iconoclasta, se dirime  
o desejo de sentir outro o pensamento diverso.

Não é aberração nem ousadia. É a necessidade  
de criar, no antiquíssimo sopro da memória,  
o espaço onde a palavra se redescobre ipseidade,  
para que o novo apelo se transforme em história.

Daí que a forma pareça indesejável. Daí a falha  
incapaz de predizer o discurso em que se talha.

13/6/83

## DE PAR EM PAR

Atrai conhecer a língua no peso da idade.  
Saber por que caminhos a história humana,  
esplenética, desejou alcançar a felicidade  
onde a vida frugal pudesse ser mais lhana.

Descobre-se, assim, curiosas, raras palavras  
tão desconhecidas como a provável origem,  
chamamentos ancestrais de fecundas lavras  
onde o ser ainda se parecia com a vertigem.

Com ternura e trabalho se pisa a rica terra  
daqueles que souberam inventar o homem vão,  
não iludindo ora o carinho ora a vil guerra  
que ilustram os sentimentos do mundo malsão.

Chama-se língua, chama-se emoção este lugar  
onde o ser abre suas janelas de par em par.

13/6/83

## PASSOS PERDIDOS

Incapaz de privilégio isento, leitor amigo,  
deixa-me fantasiar, sibilino, um tempo claro  
onde o suxo, tímido ritmo daquilo que digo  
seria capaz, ó voz, de criar um exemplo raro.

De cada vez o impulso, o fluxível falhanço  
como recompensa vil do sortilégio inefável  
que me levanta ao cúmulo onde não alcanço  
nem o lugar do prazer, nem o da morte afável.

Por isso, amigo, deixa-me subsumir a sorte,  
merecer quanto de mim é vida e movimento  
no fúlvido redemoinho em que o transporte  
significa oferecer à morte um só momento.

Sei, mereço isso. Em passos perdidos achei  
quanto me fiz, quanto sofri, quanto desejei.

13/6/83



## DEIXÁ-LO!

Raro, sinto contudo que não sinto quanto sei!  
A forma demora, redescobre-se no medo, explora  
o simulacro da vida, voz que outrora desejei.  
Não sei se no espaço, se no perímetro da hora.

É brincadeira. É bem possível. Depois de tantos  
anos exposto às intempéries do vasto sentido,  
pressinto que me faz bem experimentar quantos  
desvelos e carinhos e beijos não tenho tido.

A história castiga? Deixá-lo! Ainda brilha  
o sofrimento de quem, elo, ignora a distância  
que não vai mais da palavra à desolada ilha:  
É na existência que se faz a celebração da ânsia.

Custou reconhecer o vital erro, a desmedida.  
Mas não é disso, ó leitor, que é feita a vida?

13/6/83

## DESPEDIDA

Sol a sol a vida vai, a vida vem,  
ora dolente como um sismo anímico,  
ora capaz de dizer com sábio desdém  
quanto de nós fica no papel químico.

Sofrer não basta, basta querer assim  
desmerecer o gozo da estadia, ilusão  
que trespassa quanto vazio de mim  
não corre pelo tempo da vera omissão.

Despedida? Talvez mais logo, talvez  
então eu possa querer sentir o fogo  
que arde no bojo escondido cada vez  
que a palavra se transforma em jogo.

Disse-o alguém. Alguém que ama a vida  
como se não precisasse de uma medida.

13/6/83

## NOSTALGIAS OBTUSAS

## A PALAVRA

Quando não sei o que escrever  
deito um olhar para fora de mim,  
espero assim chegar a viver  
a alegria de um poético festim  
feito de tudo quanto sei ver.

E que vejo? Ali faz-se a guerra,  
mais longe grassa a carnificina,  
aqui espera-se da túmida terra  
os frutos ávidos da terrível sina  
que faz correr aquele que erra.

A vizinhança é um estado de alma.  
Para quem, como eu, ignora a vida,  
justifica-se plenamente esta calma  
onde a suave hora é despedida  
de quanto se viveu fora da alma.

Mas existe? Quero dizer, falar  
de alma, de espírito, ou do corpo,  
não é um pouco como sacrificar  
a lucidez que nos resta, o corpo  
solitário que se manifesta no olhar?

Daí que muitas são as vezes  
em que procuro na palavra acesa  
todo o esplendor roubado às fezes  
com que inundamos a terra indefesa,  
sobretudo nos apaixonados meses.

Como se a palavra fosse a porta  
para mundos mais humanos, olhar  
privilegiado do encanto que exorta  
toda a vida presente a não se deixar  
transformar em estéril folha morta.

13/6/83

## QUE LOUCURA!

A visão de um ontem irrecuperável  
assalta minha disponibilidade poética,  
faz-me sentir o maior miserável  
por não saber, de uma maneira patética,  
transmitir quanto a morte foi desejável.

Verdade que cansa ser, sentir dói,  
pensar destrói a calma da hora leda.  
Mas há razão para fazer do que mói  
a semelhança com uma aurora treda  
onde se finge que a vida se constrói?

Não há regras, lei não há. Viver hoje  
significa o caos da dissonância.  
E mesmo se, alerta, a consciência foge,  
nada traz para aliviar esta ânsia.  
Fica o vazio pleno de hoje ser hoje.

Apetece pois regressar ao tempo lido,  
colher, no livro de cabeceira, a paz  
feita de quanta palavra tenha tido  
o condão de dizer a outra vida capaz  
de um sonho nunca outrora vivido.

Sonho! Quero dormir em ti quanto sou,  
ficar no quente do ser horas a fio,  
subindo e descendo a luz que não dou  
desta presença fugidia que, qual rio,  
desaparece no mesmo lugar onde estou.

Que loucura! Procurar no outro a cura  
para o mal de viver tanta desmedida,  
como se o possível amor, que nunca dura,  
existisse, intacto, apenas na hora ida,  
expressão infrangível da amizade pura.

14/6/83

## AGORA

Manhã quente de uma primavera finda.  
Tão bom poder dizer quanto da natureza  
subsiste em mim que ignoro meu ser!  
Que bom saber rimar a manhã linda  
com o incendiado eu onde a beleza  
nasce de tudo quanto se possa ver!

Sinto sobretudo a luz. O cálido clarão  
onde a terra vibra seus halos químicos,  
sinto como se pertencesse ao universo.  
E não pertenço? Ou será apenas ilusão  
estar aqui rodeado de sopros anímicos,  
onde o mundo se faz apelo controverso?

Que se passou na história, que hora  
apagou a mensagem da presença eterna?  
Que cataclismo separou do fim o começo?  
E onde estou, para neste momento, agora,  
duvidar de mim como ausência paterna  
do filho que nasceu no meu recesso?

Compreendo a vida, o mundo, a morte?  
O mistério inato de ser ser nada? Nada  
mais me aflige que não o merecer.  
Ambígua, colho do destino a sorte  
que não cabe na precipitação alada  
onde me fiz morte para poder viver.

Compreendes? Por isso a manhã me atrai.  
Fulgor do quanto desejei sem no saber,  
paíra como uma necessidade trófica.  
Nela recupero a perda e quanto se esvai  
no tempo da visita. Nem só o entardecer  
faculta ao homem a atitude filosófica!

14/6/83

## INTERREGNO

O prazer que sinto neste limite  
onde procuro reconstituir o ser  
perdido em guerras do absoluto.  
Cada parede poética transmite,  
ao puro estar e ao argivo ver,  
a negação do pensamento soluto.

É uma queda. É um desvelo. Velo  
onde passo mãos mais propícias  
que aquelas que conhecem o ardor.  
Papel eterno, saber inscrevê-lo  
no diapasão das quentes carícias  
com que se nutre o vígil amor.

Engano talvez mítico. Interregno  
onde descanso de tanto esbracejar,  
pausa para a vida da plena palavra.  
Entre o espelho e o real impregno  
de ligação as coisas com o olhar.  
Não é por acaso que o poema lava.

Escolhe seus sons, o alto e o baixo  
que transluz no comércio da razão,  
a alquimia sem verbo e sem preço.  
Nele ressoa o enigmático contrabaixo  
como sinuoso apelo da contradição.  
Nele o fim em si faz-se começo.

Não é conquista nem é brincadeira.  
A vida exige de quem a consome  
a loucura que vai do dentro ao fora.  
Lugar metafísico da mortal fogueira,  
nos limites o poema destrói a fome  
com que se vive, insaciável, a hora.

14/6/83

## O SABER DO MITO

Vinho, ácido amigo, em tuas mãos abandono meu destino. Não para esquecer a frustração, o desgosto, a inutilidade onde me definho, mas para recordar um jovem homem, dono das suas sensações, da inteligência, da razão que se perde quando o vapor nulo do vinho transforma a hora em apetite pelo dúbio sono.

Vivi quanta experiência não me soube, corri de encontro à imagem, ao símbolo, à língua onde pensei vislumbrar uma saída drástica. Em papéis de sempre exortei o génio e morri vítima do logro, da fé, da esperança, à minguada da tanta luz que desertou a página icástica quando o melhor de mim conheceu o frenesi.

Fiz do zelo e do desterro a medonha loucura onde, paulatino, percorro o revérbero do ser, desejei o brilho, a nitescência, o saber do mito. Nada achei, nada sou. De nada me serviu a cura, o pretexto ingénuo para a vida resplandecer quando me coube definir as regras do rito. Nada me valeu fazer do caminho a procura.

Sofro. O universo inteiro dorme o sono dolente de quem não existe. A ficção perde mais que ganha quando o pacífico olhar se despede do mundo. Que absoluto reina ainda no pensamento doente? Que filosofia de vida recupera em sua entranha a voz rotineira que sai do cataclismo furibundo? Jaz no lugar do sacrifício a poeira munificente.

Palavras, palavras, palavras: ser oriundo da terra, anseia ver-se ao espelho da memória intangível como o espaço que vai da imaginação à história: que a distância arfa, o exílio urde, a vida erra pelos caminhos de um êxtase insubstituível:



cabe ao desejo transformar-se em presença ilusória,  
mesmo se, para isso, tiver que conhecer a guerra.

14/6/83

## A GUERRA, O TERROR, O CATACLISMO

Sim, alastra a guerra, o terror, o cataclismo.  
Em cada ser vive-se a fome e a disenteria,  
o espasmo da ignorância que alivia da morte.  
Vozes esdrúxulas sobem no ar do eufemismo,  
tentam esconder com teorias a voraz histeria  
que galvaniza o homem do presente. A sorte  
depende muito dos que negam o humanismo.

Cada sombra é definitivamente radioactiva.  
Todos os passos levam todos ao fogo anímico.  
Torce-se o destino sem se saber o que fazer,  
uns perdem-se no trabalho da arte dedutiva,  
outros escolhem arquitectar o susto alquímico,  
todos procuram esquecer a vida para merecer  
da morte a paz pacífica de uma luz intuitiva.

Conseguem-no? Duvido. Por mais que tente,  
por mais que faça, surge em mim a fogueira  
onde se queima quanta ilusão me apetece.  
Daí a dor, a loucura, o calor que desmente  
as construções de paz no auge da bebedeira,  
junto ao precipício onde o ser desfalece.  
Daí o grito selvagem, o horror de quem sente.

Fugir não tem onde. Não há plagas onde abrigar  
a consciência, o seu incêndio, o seu tormento.  
Para o corpo fecham-se as fronteiras, o sinal  
de partida esquecido diante do sôfrego mar.  
Que fazer? sussurram os lúcidos do momento.  
As possibilidades de sobrevivência nulas, tal  
como ontem exprimem o desespero no frio olhar.

Escrevem, ó Nada, esquipáticos poemas na areia  
do descontentamento, observam a natureza,  
levantam ao céu os olhos estarecidos: espanto,  
quanto de ti é ocidente, é medo, infeliz teia  
onde a filosofia de outrora perdeu a sua beleza,  
o sinuoso e sibilino chamamento de um canto.  
Agora, só a expectativa do fim, da morte feia.

14/6/83

### A ODISSEIA DA MUDANÇA

Não há nada como a inconsciência para se ser  
feliz, verdadeiramente animal, ignorante da hora  
que se faz história com uma fatalidade trágica.  
Viver cego por dentro, arrastar sem no saber  
a ilusão de existir, aqui e ali, no neutro fora  
onde o que há de universo em nós apenas mágica  
o perímetro de vida que vai do olhar ao ver.

Assim, a aurora será sempre um começo. Gira  
o sol em torno da terra, finda-se o alheado dia  
com o cansaço de quem labuta para ganhar o pão.  
Da essência, do fenómeno, da ideia ninguém tira  
conclusões, ninguém sabe o valor da estadia:  
a vida resume-se ao esplendor de uma ilusão.  
Será possível que a luz da morte nunca fira?

É a consciência. O espelho imaculado onde jaz  
a irrupção da pergunta, o espanto de quem abre  
a porta do ser, saber mais mortífero que a peste.  
Colhida a luz, ninguém mais ousará falar de paz,  
a ferida não cicatriza, pensar será um entrave  
para o sossego que se perdeu diante de tal teste.  
Morto o corpo, não se obtém uma resposta capaz.

Milhares de anos são precisos para se inverter  
o caminho: o regresso é difícil, a consciência  
nunca poderá ser a mesma, exige um trabalho

terrível como o de se fazer tábua rasa do ser  
que se criou na memória infeliz. Cabe à ciência,  
não o cataclismo que nos prepara como rebotalho,  
mas a odisséia da mudança para quem quer viver.

Será possível, da consciência ambivalente,  
fazer eclodir uma outra dimensão, uma visão  
tão larga e íntima como a dor da metamorfose?  
Que nos sirva servindo de espeque ingente  
para a felicidade que abandonou o corpo são  
quando a morte significou a plena gnose:  
salto onde o animal se descobre ser gente.

14/6/83

## REGRESSO AO FOGO

## A CONTRADIÇÃO

Que palavra de hoje merece uma vida?  
Que loucura, longe do verbo, procura  
edificar no alvo papel a luz de hoje?  
E que é feito do jogo? Basta sofrer  
para se pretender, fogo nato, queimar  
o pouco que existe no estéril regaço?

Alguém compreende alguma coisa?  
Livros esquecem quanto revelam,  
vozes antiquíssimas ainda cicizam  
estranhos cânticos ao entardecer.  
Mas não mais é mistério. O tempo  
é outro, outra a forma de sentir.

Nada rima com nada. A batalha tudo  
mancha com estrénuo sangue. Viver  
não significa que se minta, dizer  
perdeu a importância de outrora.  
Alguns, cercados de invisível, vil  
mente encontram a distância nada.

Que buscam? Não possivelmente ainda  
a salvação. É tarde. Nem a glória.  
O mundo do homem arfa indiferença  
pela medida que nos rouba o sono,  
outras mercadorias e matérias outras  
substituem o espírito e a alma.

Mais pobres? Mais pobres do que quê?  
Chega a hora do silêncio, do vazio  
como disponibilidade. Que fazer?  
A pergunta não obtém resposta. Isento,  
o clamor de hoje arvora sinais  
onde a meditação trágica esboroa.

Tanta coisa, tanta riqueza, tanta  
atração! Dentro, no poema exacto

como no velho coração, nada, nada.  
Deixamos de ser espelho, reflexo.  
Entre o fora que pretendemos real  
e o fictício dentro, a contradição.

19/6/83

## TUDO EM REDOR

E o poema falha. Fuga ao mericismo marca  
de desrespeito e de destruição o horizonte  
onde se insere, a vida humana. Este calor  
tão feroz como uma explosão no seio sedento  
da consciência, do destino que enlouquece.

Aquece o frio das relações, o escuro domínio  
do imprevisível, a árdua aurora. Mas ninguém  
se agasalha nos seus interstícios, seus folhos  
de ardor, de libertação e de metamorfose.  
Todos temem que a palavra possa ser humana.

Terrível solidão, ó nada, escrever a ousadia  
que vai da resignação à revolta, terrível  
estupidez não se saber por que razão o verbo  
adquire a importância da vida. Falha o poema  
porque subsiste e subsume uma ilusão inefável.

Se é logro logra manter alguns presos à palavra.  
Dia a dia o corpo expele vozes dramáticas, apelos  
que sobem pela pele ao claro frémito da luz  
solar. Animais, somos, repetimos fora de nós.  
Nós tecidos com a angústia e o medo inumanos.

De onde viemos todos pensamos saber. Existem  
memórias de pais, a ciência desenvolve a ficção  
que nos consola, tudo está bem. Mas basta?  
Algumas vezes uma asa de ave passa, uma sombra  
remete-nos para a aluvião das coisas mortas.

Homens, sussurramos. Espécie nómada, estrangeira,  
perdidos no redondo da terra, sempre inquietos,  
sempre desejando a paz em momentos onde a guerra  
trucida aqueles que se encontram mais fracos.  
Nada melhor que a história para nos sentirmos.

Mas há quem difere de opinião. Que diga ausente  
o sentimento de grupo. Qual maldição do antigo,  
para o homem não existe o espelho. Tudo em redor  
é diferente, tudo é hostil, até a mama que ama.  
Infelizes, buscamos no além o irmão que nos falta.

19/6/83

### O SECRETO DESEJO

O secreto desejo de sucumbir na loucura,  
sol arborescente onde poderia respirar  
o melhor de mim como faúlhas de fogo...

O cansaço e o abandono. Deslizar água  
sem o frio que a protege da decomposição,  
deslizar como um túnel de bafos antigos...

Ir, ir, ir... Passar pelos elementos outro  
elemento, o sorriso esfíngico da ausência  
trampolim para o fantástico esquecimento...

Sair de quem me é e vive, fora mistificador  
onde a aurora seria um apogeu de luz,  
o crepúsculo o sem razão da lógica íntima...

Ser essa futura escrita primando pelo prazer,  
caos linguístico onde nenhum homem se reconheceria,  
explosões de sentidos sentindo outro homem...

Desaparecer na música que enxameia o horizonte.  
Os metros que separam da métrica possível  
tão distantes como a voz do infinito apelo...

Partir no âmago do tempo, na ficção do espaço,  
laço de mim para mim entre os trágicos abraços  
que deterioram a existência vígil dos sonhos...

Loucura, horror de tamanha desmedida, cura  
para o ramerrão que nos faz sofrer a presença  
como um estar sempre desperto diante do real...

Os trabalhos, as obrigações, deixai-me!, pesadelos,  
quero sentir a inteligência como um lago fétido  
onde navegam as presunções do tempo moderno...

Viver enfim no ápice selvagem do fim, sabendo  
que o sono leva ao porto a parte de um mim  
que anseia pelo desgaste como arremesso eterno...

9/6/83

## A MEMÓRIA DO HOMEM

Caos: invisíveis naus toldando a consciência.  
Gritos de ontem no grito de hoje, espírito  
incapaz de organizar o corpo, muito menos  
a alma. Trauma. Drama terrível, esta calma  
sentida como uma subida ao frontão terreno.  
Onde jaz a perda? Em que ser seduz a luz?  
Nada, talvez o verbal redemoinho da força,  
esta nevrálgica energia para quem não sente  
como outra a necessidade de movimento.

Os olhos fecham-se. Real, teus sussurros desaparecem,  
como poderia viver tantos anos sem conhecer o mal  
que infesta a mentalidade podre do século?...  
Não sou capaz de reflectir, de pensar, de sentir.  
Na história do homem encontro todas as regras,  
todos os estados de alma datados pelo simulacro,  
nada em mim sou eu, mas a espuma fumegante  
do que se convencionou chamar a memória.  
As palavras já existiam, os sentimentos arvoram



a grande odisseia de milhares de gerações anímicas,  
os gestos respondem ao silêncio deixado pelos pais,  
a visão do mundo foi impregnada pelo país mental  
onde se vive, onde se dura, onde se sofre.

A destruição nem sequer é original. A criação  
é tão natural como se fazer filhos déspotas,  
basta o corpo ter ao lado o aberto corpo  
que sabe esconder a ausência de mistério.  
A ciência tudo disse, mesmo o que não existe  
como mais directa percepção ou experiência.  
Perdidos, revelados, pairamos como presenças  
sem substância, ocos na disponibilidade, vazios  
pelo eco que não mais vibra nas consciências.  
Pior, só permanecermos vivos, fingindo que somos  
quando já o verbo perdeu a confiança de todos.  
Que fazer? Buscar a língua maldita e asfíxiá-la  
de sons seguidos de espasmos onde o antigo doa.  
Talvez dela regressássemos libertos, rejuvenescidos,  
metamorfoses caóticas do sofrimento que nos coube.

19/6/83

## A LEITURA

Mais do que a vida,  
a leitura de certos livros livra-nos de nós,  
dá-nos a grandeza desmedida do universo  
onde pensamos sentir a respiração humana.  
Possuem as palavras esse fascínio, esse auspício,  
o chamamento do terrível como da alegria,  
o impulso que nos leva a querer continuar  
quantas palavras mais existem sem serem nomeadas.

Assim, desperto pelo brilho e pelo eco,  
amasso alguns sons no seio do sentido  
e venho verdadeiramente maiúsculo escrever  
o sortilégio de um presente que resume a idade.  
Ou outra coisa, definir não é importante,

importante é estar aqui no turbilhão da viagem  
suportando o afluxo de palavras, seus pesos míticos,  
suas negações ao absurdo cataclismo da criação.

Não me preocupo com o que fica dito.  
Não me interessa repetir o mundo, a sua história.  
Nem corroborar a ideia que se desfaz do homem.  
Nem conseguir pela negação a escrita da leitura.  
Mais importante, mais interessante, é aqui estar,  
preso ao redemoinho, ao calor, à loucura,  
súbito outro por ser tão dentro de um mim  
que deixa de me explorar, antes me revigora  
até que atinja a similitude do perfeito simulacro.  
Eis pois a acção, o verbo, a luz verbal.

Sê-lo, sem sabê-lo, dói e alivia,  
o momento suspira suspenso no limite,  
a vida adquire um outro ritmo, uma medida,  
um espelho onde nada se reflecte, senão o nada.  
Ser é assim, estar, movimento de tudo, no clímax,  
espiral da mudança que dança e rodopia,  
voo sensual onde o desmaio significa amor e morte.  
Por lá passarei quando agora passo, deslizo  
elemento desconhecido da ciência ou da memória.  
É um fúlvido prazer, um prolongado prazo.  
Tanto como a vida, aquela que nunca foi vivida,  
a leitura dá à escrita o seu cunho intemporal.

21/6/83

## SENTIR

Em dias como o de hoje foge desgovernado  
quanto destino nos destitui,  
fica a hora, o vazio do sentido,  
o temporal anímico sem sobrevivência possível.  
Nada nos liberta de nós, o tempo cai e pesa,  
o espaço, casa ou rua, não traduz nenhuma essência,  
existe como uma espiritualidade irreconhecível.

Dispostos a sentir lançamos olhares para o fora.  
Se existe uma janela, existe a parte dela  
que nos consola, o quadro da paisagem  
como existência, testemunho e esgar.  
Se a parede se enfrenta, o branco frio  
desliza como um deserto, nasce a filosofia,  
o frémito da matéria que se quer volatilizar.

Mas sentir onde está? Em que fica?  
Nenhum real, por mais real que seja,  
pode organizar um universo ôntico,  
necessita o olhar da distância trágica  
que vai da ilusão ao espasmo da verdade.  
Para que se seja, homem ou eu, figura dramática.  
Daí que cada poema traga no duplo sentido  
o divino da desmedida, da loucura que, não definindo,  
finda com a ideia que se faz da estadia humana.

Contradição, teu nome profiro neste sussurro,  
uivo terrível de quem desmerece o conhecimento,  
de quem apenas deseja a fulminante ignorância.  
Nela reside a leveza, a cega felicidade.  
A resposta natural como um horror  
que se ignora, o incêndio dos contrários,  
a única possibilidade de eficaz sobrevivência.  
Tudo o mais é sofrer. É perder quando se ganha,  
é morrer no momento mesmo em que se pensa viver.  
Mas como alcança-la, como merecê-la?  
Deixei há muito a terra natal, a língua pátria.  
E regressar não significa mais o encontro  
com a plausível origem. Talvez no fim,  
como dizia o poeta, esteja o começo. De quê?

21/6/83

### A DERIVA

A deriva terrível da ausência,  
sentir que se está pessoalmente só,

quando se deixa de pensar nas coisas  
que obscurecem a luz difusa do humano olhar.  
Terrível esta sensação que não atinge o sentimento!  
Terrível este sentimento quando se tinge de nada!

Mais uma vez, trágico, este: Quem sou?,  
sabendo que não há resposta, que nunca haverá.  
Nítido, este corte aqui, na substância,  
no corpo que nos distingue, na consciência  
que teima reconhecer como história a natureza  
daquilo que se ignora ou se finge ser.

Valerá a pena? Nunca senti tanto,  
e de diferente modo, esta atordoada questão.  
Nem sequer quero desenvolvê-la,  
compreendê-la na sua extensão semântica,  
nas implicações ontológicas que encobre.  
É um medo o que me banha, suor maior do espírito  
frente a uma solução insolúvel, o corpo em fogo.

Envelheci percorridos momentos simétricos,  
paralelos ao minuto que pretendi testemunhar.  
Não se passa em vão pelo sublimado frémito  
do nada, pelo frio da cerebração animal.  
Ressente-se o corpo, nosso fiel livro,  
imagem real de toda esta ficção que é viver.  
Espelho, diz-me onde estou? Em que lugar?

Há perguntas que mudam o curso do universo.  
Algumas, para lá da sua má formulação,  
ou por causa disso mesmo, deslocam os problemas,  
trazem novidade ao mericismo da questionação.  
Por vezes, paro, perdido de encanto  
perante a coincidência, perante o engano.  
Falou-se já de correspondências, quis-se símbolos  
para preencher esse lugar. Que enfado,  
procurar-se na palavra o degredo do mistério!

1/6/83

## SEIS SONETOS SOLTOS

## LUGAR MÁXIMO

Escrever louco é viver. É querer  
viver tanto quanto dura o desejo.  
A fome terrível do ávido prazer  
quando a vida se reduz a ensejo.

Viver na palavra o sortilégio  
de um sopro grande como a vida,  
lugar máximo do espírito egrégio  
que procura a voz da despedida.

Ali serei mais eu, serei começo,  
sinal do encanto e da alegria,  
percalço simulado do puro preço  
com que se universaliza a estadia.

Escrever a vida e a sóbria morte.  
Escrever a duração e o seu corte.

21/6/83

## A CRIAÇÃO

Como odeio a abstracção e o seu sentir!  
Não ser capaz de fugir ao frio da razão!  
Mesmo quando falo do fora só sei fingir  
que as palavras significam uma criação.

Mas criação de quê? Tudo permanece igual,  
não há salto, mudança, corte ou ruptura.  
O poema não atinge nem prefigura o real,  
sofre verbais convulsões, dura quanto dura.

Há-os que pensam da leitura desmerecer  
o caos que originou a vontade demiúrgica.  
Mentem uma compreensão que não quer saber  
a angústia com que se conquistou a música.

Pudessem ao menos as palavras sugerir  
quanta alegria e dor houve no seu parir!

21/6/83

## O MISTÉRIO DO MUNDO

O mistério do mundo: conhecê-lo  
traduz-se pelo espanto. Aberto  
olhar, o corpo ágil, só de vivê-lo  
sofre-se a ustão do sol desperto.

É uma marca fatal. A consciência  
dói, os sentidos agem transparentes,  
fala a voz invisível pela ausência  
que deixa nos corpos presentes.

Estar rodeado de tudo. De todos.  
Haver: coisas, objectos, matéria  
onde fervilham os icásticos modos  
da imaginada e cósmica artéria.

Percorrê-la passo a passo, mundo  
descoberto pelo sentir profundo.

26/6/83



## O HORROR DE CONHECER

Chega a hora da descoberta: a verdade,  
por mais relativa, mais volátil, queima  
como um sol demasiado perto da idade  
em que se vive o mistério como teima.

Horror: conhecer quanto nos dói, a vida  
desfeita pela luz que cai sobre a terra,  
a morte, longínquo porto, transmitida  
pela energia anímica que prevê a guerra.

Sabermo-nos caminhando para o fim.  
Contermos nas nossas células o mapa  
que prefigura a razão do não e do sim,  
servindo-nos a ilusão apenas de capa.

Guerra terrível, insuportável batalha,  
saber que tudo se esvai quando calha.

26/6/83

## A FALÊNCIA DO PRAZER E DO AMOR

Vem sentar-te comigo, amor, à beira deste rio.  
Traz teu corpo nu para a celebração do amor,  
fende meus sentidos como se fosses ágil cio  
descendo pelos céus até à raiz do esplendor.

Abre-te. Isenta de passado leva ao obstrito  
espírito a voz da alegria: fingir que arde  
e fenece, em convulsões de prazer, o aflito  
corpo quando já o dia quente se faz tarde.

Tudo acabará, dizem. Que importa! Agora conta  
apenas quanto desejo desagua no sábio prazer:  
é um minuto de tréguas, de trevas, hora tonta  
onde se pensa atingir o máximo do mágico ser.

Dura pouco. Oferece-nos a hora contentamento  
para nos dizer que tudo na vida é um momento.

26/6/83

## O TEMOR DA MORTE

Morrer: sussurram aos ouvidos as vozes  
da frustração e do descontentamento.  
Que fizeste? perguntam as bocas ferozes  
onde puseste o enigma do alheamento.

Nada fiz, é o sentimento, é a sensação.  
Percorri as sendas da vida sem saber  
fazer do desejo o corpo ágil da acção,  
sem atingir, por isso, o sinal do prazer.

Vou pois para a morte incompleto: metade  
do que fui dói, a outra metade desistiu  
de cumprir o seu fito. Abandonou a idade  
com medo de tudo aquilo que nunca viu.

Como poderá morrer bem quem mal viveu?  
Daí o medo: como fazer da morte acto meu?

26/6/83

## DECALQUES DO HORROR

## A CONFIGURAÇÃO DEVASTADORA

Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo consola,  
passa por mim uma sombra de ruídos, música sensível  
onde flutuo e navego, aragem sensual onde se atola  
meu sibilino ser seduzido pela voz vaga do impossível.

Sons sinistros caem como instrumentos imprevistos  
no âmago de um mim que se ignora, dizem-me a hora,  
o cataclismo onde a vida elabora os fogos mistos  
capazes de desfazerem as arquiteturas da aurora.

De que falo? O que digo? Em que penso? Só escrevo  
quanto concebo neste limiar da inteligência suave,  
indiferente ao fora onde não me iludo nem me atrevo,  
voo do corpo evitando a todo o custo a noção de ave.

Loucura? A pedra está, o sol brilha, a raiz desce.  
Pequenas coisas da vida doem como ausências, jaz  
meu olhar de homem sobre o real quando este cresce  
até atingir o vazio que a experiência não desfaz.

Que fazer? pergunto-me aflito. O céu está no alto,  
o azul cobre-me como mãe que compreende a morte,  
mão dulcíssima sobre o momento. Mais uma vez falto,  
descubro que não mereço quanto do destino é sorte.

Porquê? Porquê isto? Tem sentido? Que hora seduz?  
A tarde trará a noite, esta o dia, tais movimentos  
não são suficientes para perceber quanto se traduz?  
Necessito ainda de duvidar para sentir os momentos?

Que a vida vai, foge, cai sem comparação na distância  
que me separa da origem como do fim, flor do amor  
com que matizo as cores hórridas da áspera ânsia  
quando busco a essência e só encontro o estupor.

Apetece então descer, fugir, viver um outro homem,  
desaparecer no sem número das sensações primevas,  
lugar onde a música e as cores e os cheiros tomem  
a configuração devastadora do que chamamos trevas.

29/6/83

## INICIAÇÃO

Não dormes sob os ciprestes, pois não há sono no mundo.  
Nem ciprestes. Há esta hora de lazer em que suavemente  
o espírito absorve a desgraça terrestre, olhar profundo  
contendo, do universo como ilimite, o pulsar aspiciente.

A consciência, visão aberta do esplendor e da miséria,  
arde. Não te dá mais a ilusão de que podes conhecer,  
o mecanismo do coração devoluto, a catástrofe séria  
onde a modernidade pensa alcançar o enigma do saber.

Deixa-me chorar, deixa-me rir! Não poder, como os demais,  
acreditar em ficções que nos parecem exigentes, não ter  
a ingenuidade capaz de me libertar das correntes fatais  
onde escabujo, homem medíocre do século, aparência de ser.

A própria dicotomia me aborrece. As palavras datadas  
nada me dizem quando proferem este nada onde gravito,  
que significa ser? Que exprime o vazio? Usuais nonadas,  
truísmos onde prevalece a obumbração, o apelo do mito.

Mas como fabricar uma liberdade sem palavras? Que parte  
do homem esconde a possibilidade de gerar um universo  
diferente, que sensibilidade ousará a estrénuo arte,  
que inteligência descobrirá a unidade do disperso?

Que solução? Horror, deixar de ser homem! O futuro pede  
não uma nova linguagem, uma eficaz ciência, mas a alma  
de qualquer coisa que existe, não pelo que se mede,  
mas pelo que se perde no dia a dia da existência calma.

O absoluto está no reduto, no gesto mesquinho frente  
ao limite, no perímetro da acção que não se desenvolve;  
a felicidade dói como a filosofia quando desmente  
a razão que, ausente no corpo do homem, já não absolve.

E mesmo dormindo vives a odisseia, o sol sempre perto,  
este clamor onde a palavra joga com o destino corrupto,  
escreves o Livro onde testemunhas o sentir desperto  
de quem, não possuindo a palavra, exige um sinal abrupto.

29/6/83

### NA PALAVRA

No breve número de doze meses o ano passa.  
Passa tão rapidamente que o tempo é breve  
para se poder sentir a natureza que passa.  
Espelho indiferente que nunca faz greve,  
deixa-nos solitários diante da vida lassa.

Fim de junho, o calor derrama, a luz abriga,  
viver no meio de tudo isto, corpo consciente,  
como se algo faltasse nesta perpétua briga  
com a ideia que se faz do homem do presente,  
escala absoluta no que quer que se prediga.

Finalmente o verão, os dias quentes, claros.  
Maravilha, sentir-me tão jovem, tão ausente,  
criança destituída daqueles momentos raros  
tão próprios de quem, porque nos dói, sente  
a morte no mínimo gesto dos gestos ignaros.

Viver, grita aflita a voz do corpo cansado.  
Viver a novidade de uma desdita, o perigo  
de um brilho onde o sol periclita, lançado  
na poeira do cosmos, longe do fútil abrigo  
onde se pensa existir porque se é amado.

Não há poema que resista! Nem fala trivial.  
Caos, esta imagem herdada pela vil história,  
olhar de dentro ao fora nem sempre igual.  
Viagem dos sentidos, amor, chegada aleatória  
ao cúmulo existente no arcabouço do real.

Num número breve de êxtases passa a vida.  
Dizem que é sonho, dizem que é sono: é sal  
ambíguo como a humana espécie despedida.  
É movimento de contrários. É o lugar da cal.  
Passa no que fica e fica na palavra retida.

29/6/83

### TERRÍVEL EXPERIÊNCIA

Que inquietação profunda, que desejo de outras auroras,  
que nem são símbolos nem imagens do tempo perdido,  
antes manifestações vivas de possíveis e futuras horas  
onde o corpo saberá reconhecer quanto de si é vivido  
como a matéria mais propícia ao espírito onde moras.

Tu que clamas na alta noite cânticos do humano fervor,  
quando a terra dorme, o universo existe, o homem que és,  
desperto e em vão, descobre que na vida não há amor  
capaz de pôr o olhar no diapasão da harmonia, os pés  
aos encontrões no caminho que a nada leva, salvo à dor.

Quem te fala? Quem te governa? Que voz diz a solidão?  
Estás onde estás, rodas como se fosses, brilhas infeliz  
na fogueira do teu logro, a casa longe, o perto tão  
certo de te ter prisioneiro, cativo de tudo quanto se diz  
para afastar as sombras duvidosas da febril condição.

Algo na palavra subsiste sem significado, o espaço  
abre-se, o eco repercute-se no cheio da consciência,  
passos de ontem, silvos de hoje, cada sinal outro traço  
juntando-se ao caos da luz. Terrível experiência,  
sentir que não há fuga, mas apenas o aperto do laço.



Percebes o mimetismo, a repetição, o desconsolo lido?  
Quantas palavras não te sulcaram dizendo-te, amarras  
onde pensaste viver o vazio edénico de um êxtase tido  
como a presença do inefável, construção, puras garras  
sentidas como a necessidade própria do animal ferido.

Daí que a razão não saiba por onde vai o fogo eterno.  
Passa como um clarão a posse do verbo que desfalece,  
um sopro devasta a imagem do presente, sentes terno  
o chão que pisas, a única realidade quando aquece  
a ilusão do nascimento como acontecimento fraterno.

30/6/83

## INEXISTÊNCIA

Dia após dia a mesma vida é a outra.  
Aquela que nos foge, que nos chama, voz  
terrível da necessidade de algo mais.  
Ei-la, sempre em frente, fogueira outra  
onde o sol procura a solidão da foz,  
onde o homem deseja o enigma do cais.

Não é deus, nem sombra, nem a soma total  
das frustrações acumuladas no peito.  
É outra coisa. É o melhor de nós, lugar  
onde se faz homem o longínquo animal,  
zona limite determinando um novo jeito  
para a memória que enlouquece sem lar.

Insatisfação, terror, crime, tudo passa  
pelas malhas do desejo que se aquece  
quando pensa atingir a forma exterior.  
O íntimo desmerece quanto abraça.  
Só o real, porque humano, criado, tece  
a harmonia de um espaço, o alvo amor.

Como pois viver a inexistência? Dói  
saber que o alcance é uma distância

capaz de transformar e de corromper.  
Porque a imagem do possível destrói  
quanto se vive nesta lúgubre ânsia:  
a vida de todos os dias, sem prazer.

Claro que a carne dá a ambiguidade:  
uma dor de dentes, um orgasmo suado.  
Mas o paraíso não se dispõe assim.  
Assim, para se sobreviver à idade,  
sonha-se com um ser feito e nado  
no vazio da experiência, de um fim.

Somos mais que um. Das duas vidas  
percorremos a do nascimento real,  
somos naquela que se criou nossa.  
Aposta do absoluto, são as despedidas  
de um mundo que nos introduzem mal  
nesse outro onde a existência troça.

30/6/83

## O DESTINO

Segue o teu destino:  
escreve sempre quanto te alcança,  
faz do poema o sítio aberto ao infinito.  
Transforma a prática da escrita no zelo canino  
com que pretendes fazer da vida uma dança.  
Sabe que a palavra tem a resistência do granito.

Habitar aqui dentro,  
mesmo sob o fogo das palavras dispersas,  
confesso, é um refrigerio.  
É sentir-me subitamente outro, um centro  
mergulhado no clangor das águas tersas,  
achando-me capaz de cingir o mistério.

Tudo é ficção.  
Mas tudo reverbera nesse todo

quando se põe a vida no trágico limite.  
Não importa pois saber-se a ilusão.  
Importa, sim, fazer-se deste inóspito lodo  
a casa cuja reflexão nos transmite.

E mesmo se não há calma, se é o caos  
que nos recebe em seus braços de guerra,  
deixá-lo, estamos no mundo que nos pertence.  
Cabe-nos fazer dos momentos maus  
o esplendor que nos descubra a possível terra,  
a natureza ou realidade que nos incense.

Vazio é o destino de quem não sente.  
Doentes, para evitarmos o cataclismo maior,  
desfizemo-nos do passado como o supremo mal.  
Hoje, olhamos em redor, tudo vemos, menos o presente:  
estarmos vivos, mas ausentes, na dor  
de não nos conhecermos como o desvio animal.

Aqui te deixo, aqui te prendo, aqui te amo.  
Faço-me homem pouco a pouco,  
cada dia levando-me ao apogeu.  
Vale a pena? A morte que não tramo  
descobrir-me-á fraco, talvez mesmo louco,  
mas cada vez mais eu.

1/7/83

## SUBTERFÚGIOS EMANCIPADORES

Dizes: não sejas curioso do mundo amplo.  
Minutos perplexo fico, sem saber o que pensar.  
Depois, confesso que não te compreendo.  
Que queres dizer com isso, dá-me um exemplo!  
Que significa ser curioso senão desejar?  
E como desviar o mundo do nosso estar sendo?

Há saída? Em cada palavra vou ao fim,  
descubro a extensão do desastre que é viver,

o peso do destino breve que nos cabe.  
Sempre que escrevo ou falo de mim  
exponho a dimensão deste mundo como ser,  
como margem absurda da desdita que nos sabe.

Reconhecer é fatal.  
Não precisamos de sair à rua,  
o exterior vive-nos como ciência anímica.  
E mesmo distantes daquilo a que chamamos real,  
a experiência evoca-nos numa imagem nua  
onde o fora adquire foros de intimidade alquímica.

Só não sabemos quando não queremos.  
O que está diz-nos, fala-nos, mostra a presença  
através de subterfúgios emancipadores.  
De nada vale fecharmos os olhos: vemos  
a distância que nos une, que nos separa, crença  
onde iludimos os sentidos perscrutadores.

A matéria é-nos. A história  
faz-se de homens, cada época diz  
a sua versão do limite como exploração.  
Curiosa e abstrusa memória,  
a tua, se não compreendes o fim infeliz  
de quantos escolhem a vida como pura negação.

Disse já alguém: a liberdade é uma prisão.  
Condenados estamos, pois, a saber o que o planeta  
pensa das estações, dos seres que o habitam.  
É triste não querermos, cegos, dar a mão,  
ver, depois sentir, depois calcular, a meta  
que nos dê o lugar onde os homens reflectam.

1/7/83

## A PRIMEIRA EXPLOSÃO

Vives tentando ser.  
Longe do tumulto ou perto do silêncio frio

lanças apelos, chamas do corpo inteligível.  
Procuras nos objectos e nos outros viver  
a grande aventura, o clímax do cio  
onde pensas ouvir uma voz reconhecível.  
Nada te diz, ou então não sabes ler.

Espantado, aguçado como uma lança,  
expões teus olhos diante do mundo indiferente,  
abres os sentidos à espera de um sinal:  
é uma mão que tacteia os limites da dança,  
é um cheiro que nasce da clivagem impenitente,  
é um gosto que te traduz como um animal.  
Sentes tudo isso, percebes apenas que a vida cansa.

Por que vives tentando ser? Que significa  
dizer que se é ou não é, e que importância tem  
responder, quando se sabe ou descobre a resposta?  
Muda a existência? Ganha mais sentido, fica  
enriquecida ao ponto de se sentir desdém  
pela morte que nos é imposta?  
Em que mito a necessidade se desmistifica?

Vives tentando ser...  
Às vezes as palavras históricas  
tecem-nos armadilhas, fazem-nos sentir ou pensar  
ausências com as quais não podemos conviver.  
Que razões disfóricas  
não nos permitem inverter a frase e sussurrar:  
és tentando viver.

Que traço de civilização  
nos fez privilegiar certos verbos figulinos?  
Que castigo, e porquê, a língua nos reserva?  
E como nos libertar? Basta inverter a acção  
para nos sentirmos capazes de novos hinos?  
Ou tudo, mesmo o salto, mesmo a ruptura, conserva  
o traço antiquíssimo, inefável, da primeira explosão?

3/7/83

## COMUNICAÇÃO

Bem, hoje que estou só e posso ver  
quanto passa diante de meus olhos desfeitos  
(o horizonte baixo da terra que nos cerca e contém),  
pois bem, hoje apetece-me apenas viver,  
na imaginação, o pulsar matemático dos cósmicos leitões  
onde a vida outra que nos reflecte tem  
seu berço, lugar por excelência do mítico ser.

Interessa-me pois o movimento.  
A música que se evola de mim e vai tão longe  
pelo espaço do desconhecimento e da possibilidade,  
energia terrestre insuflada da razão do momento,  
espírito do nada e do tudo que assim foge  
ao diapasão temerário desta idade  
onde a demência plagia as leis do pensamento.

Em mim jaz e rodopia a luz terrível  
de um começo que ignoro, a voz despossei a língua,  
a língua emerge como um todo apontando para a morte.  
Quem sou? deixou há muito de ser pergunta exequível.  
Resta-nos a confusão, viver à míngua  
de tudo quanto se assemelha com a sorte:  
universo caótico da contingência intransmissível.

Este, sinto-o, é o século da comunicação.  
Não é por acaso que estou aqui, ínfimo sujeito  
frente ao absoluto alcance, sem fim nem começo.  
Alguém me chama, sob a forma trágica da inspiração;  
alguma coisa me atrai como totalidade num jeito  
desconhecido daqueles que sentiram o primevo arremesso.  
Há um cicío que pretende fazer do silêncio acção.

Porque é fundamental para a vida, escrevo os sinais.  
São gestos e sombras que muitas vezes  
não compreendo, explosões sensíveis de loucura,  
lacunas anímicas e vazios tais  
que duram num segundo largos dias, longos meses,

como se se tratasse de uma inexplicável procura.  
Quando escrevo vivo, sou, sinto-me sempre mais.

3/7/83

## ALCANCES PRÓFUGOS



## HORA VAZIA

Aufiro pacífico da hora vazia,  
demulcido pelo tempo que faz proponho-me  
como eubiótica não fazer nada, estar aqui,  
respirando a orgânica alegria de viver,  
sem perguntas nem respostas, olhar fixo no horizonte.  
Nada vejo. O céu está baixo e cinzento.  
Verão, dizem os calendários. Um calor brando,  
atávico, corre imbuído nesta brisa masculina.  
Estou na terra, digo-me, pleno de tanta calma.  
Imóvel, esforço-me para não ter consciência.  
Memória. Vejo os acidentes da natureza terrestre,  
algum verde tauxiado no amarelo da ustão.  
Escrevo mentalmente um poema. Este poema.  
Longas horas em diversas partes do mundo vivi  
este afluxo de palavras como a única revelação.  
Não sou sensível talvez às coisas, sou portador  
desta intrusa necessidade feita carne.  
Fazer de palavras que nascem o casulo, a casa.  
Aí permanecer, esquecido de quanto se sofre,  
se ama, se deseja sem poder alcançar.  
A mais eficaz das acções humanas, esta inacção.  
Ninguém suspeita dos caminhos que trilho,  
das conversas havidas com estranhos,  
das discussões sobre as aparências e essências,  
dualidades que acompanham a humanidade desde o berço.  
Lá fora, ó verso mítico, a vida passa,  
dizem que passa, em canções que amei, continua  
como a manifestação involuntária do espanto,  
acesa ao ponto de nos fazer esquecer que existe.  
Lá fora, dizia. Aqui dentro tudo é diferente.  
Tudo palpita, pulsa, crepita, arde.  
Este fogo não se esvai, não desaparece, não fenece,  
louco esviscerar da combustão ontológica.  
Sabe bem viver assim, longe, perto.  
Nada que fazer, viver basta.  
Sentir o movimento como a linha mágica  
que une o começo ao fim, senti-lo com todo o corpo,

com todo o vazio que deixaram no peito  
do homem moderno e contemporâneo.  
Não se trata de felicidade. Nem se trata.

5/7/83

## EXPLICAR O INEXPLICÁVEL

Ao lapidescente olhar de hoje  
procuro transmitir a chama do universo,  
os caminhos das estrelas no vazio dos céus incolores,  
as leis que fazem do tempo a melhor das inteligências.  
Procuro esculpir uma forma ignoscente,  
feita de todas as teorias e de todos os mitos,  
semelhante ao corpo da mulher, astro irreconhecível.  
Habitá-lo e pela primeira vez viver,  
sentir que se irrompeu do nada como uma flor  
dirigindo-se para o sol que lhe compete.

Deixou a morte de ser a imagem obsidiante.  
Há idades para tudo, até para sofrer o nada.  
Vivo agora a idade da diletante erotização,  
fazendo de cada minuto o arguto auge do orgasmo,  
explosão intelectual só comparável, em intensidade,  
com a saída extemporânea do corpo.  
E descobri, atônito, que esta energia que me inebria,  
não necessita mais da mulher como pólo oposto.  
Derramo amor, ou outra palavra  
significando o mesmo ou talvez outro conceito,  
como um sol lançando luz através do incógnito,  
sem saber que planetas fertilizo,  
que mundos, sujeitos aos raios da vida como da morte,  
torno estéreis e desertos.  
Nem quero saber, é tarde demais para casuísticas,  
textuais ou morais, simbólicas ou técnicas.  
Quero é sentir esta ustão,  
este calor, esta animalidade universal,  
esta existência central na perífrase do poema.

E compreendo, finalmente, o mal.  
Aquilo que sempre me pareceu ficção,  
ou a humana maneira de explicar o inexplicável,  
a ruptura, o salto, o desastre, a catástrofe,  
vive-me, fibra talvez monstruosa da minha condição,  
realidade inadiável, presença, nítido chamamento.  
Curioso, suporte a companhia, a dualidade,  
a acção desencadeada entre quem sou e não sou.  
Na clivagem assumida sinto a razão do espelho.

5/7/83

### A ALEGRIA DO SOL

Inconcesso amor,  
festejar com o corpo toda a alegria do sol,  
este clarão tão perto, luz ambígua  
contendo em si a criação como a destruição.

Ao insulso decorrer dos dias  
contraponho o uníloquo desejo: viver a margem,  
viver o alcance.  
Ignoro o que significa dizer assim o espanto,  
mas as palavras retêm segredos incomensuráveis,  
possibilidades redentoras, futuros insuspeitos.

O alcance: nem sequer sonho,  
não preciso de imaginar. Basta dizer, ciciar:  
alcance.  
Há uma relação endogâmica entre este sopro  
e o sol como presença. Fascínio, viver-te, sentir-te,  
expor-te diante de mim como uma flor congenial,  
queimadura branca tingindo o universo de calor.  
Depois, a margem. O outro lado como essência,  
o longe solipso do encontro entre a água e a terra,  
desconhecendo qual dos elementos sou.  
Essa paz azul, fria, coberta de ilécebras,  
repercutindo os ecos cósmicos da emoção humana.

Claro que não posso deixar de mencionar  
a distância. Não a que vem nos livros poéticos  
do passado ilídimo, nem aquela que se inventa  
no caos linguístico hodierno.

Distância como súbito solcris  
capaz de tudo, de refazer a história do sentimento,  
momento louco onde a viagem torna-se corpo,  
ou vice versa, para que o sentido se perca,  
para que a queda seja uma verdadeira revelação.

Não espero a mão doce da salvação.  
Não tenho ilusões quanto à vida de hoje.  
Sei que no fim, sibilina e torpe, virá a morte.  
Sei que desaparecerei. Fica aqui o meu desejo.  
Carne que eclodiu do nada deponho aqui a minha ausência.

7/7/83

### ÊXTASE

Degusto como um devasso este êxtase.  
Exposto ao sol, solto meus errabundos cânticos,  
vitupero inanidades deturpadoras da lógica,  
sinto dentro a revolta animal contra a civilização.  
Que fizeram de nós? grito em mudos gestos.  
Que ganhamos com a corrida ao simulacro do ouro?  
Que vidas nos corrompem de tanto a desejarmos?  
Alço a incógnita como um ferrete indecoroso.  
Esqueço a articulação com a gramática e digo:  
homem cio, sio terra, erra fio de água sol.  
Que prazer! A alegria de nada inventar, de querer  
infringir as leis da amargura e do desespero!  
Merda, mãe, merda, pai! Ninguém sabe de onde vim,  
quem sou! Depois, sempre rodeado de luz, de tempo:  
nitescência, arrebol, fulgência, ôntico estremecimento.  
Espraio o olhar como braço ovante, ouço a terra:  
não são palavras, são ruídos, rodela de infinito  
neste absoluto limite da contingência material.  
O vento e a ressaca da imaginação passam silvos

pelos ouvidos periféricos, que emoção! Que desgaste!  
Ei-lo, o sol. Solúvel imagem do nunca visto jaz,  
móvel, na corrida deste sofrível planeta, desce  
como um pênis acabado o espasmo da emissão: luz,  
quanto te amo, quanto te desejo, dentro do meu ser  
nulo é o prazer longe de teus mantos, quando o dia  
oferece apenas a caligem adstringente do efêmero.  
Houve sóis que me souberam, arrebois disseram-me  
o segredo da vida em mocidades atlânticas,  
recordo aquela rapariga, seu perfil moreno mar,  
em verões da nossa ociosidade, o destino longe.  
Ei-lo, o sal da ousadia, escrever a ignorância:  
permanecer aqui, sempre, preso a teus raios sensuais,  
folha de árvore aceitando o toque do esplendor,  
esquecido dos sentidos que se exigem, da coerência  
que se pede em antologias do declive literário.  
Ninguém tem culpa. Mais, neste poema a consciência  
perde-se, esfarela-se, ninguém se atreverá a ler  
um hipotético pedido de satisfações: é tarde!  
Estética e poética desfalecem perante o desastre:  
quem escreve adquiriu o direito de não ter regras.

7/7/83

### UMA EMOÇÃO MADURA

Solário imaginário esta demanda:  
sentir no rosto a luz, no corpo o calor,  
desprendido de tudo quanto escraviza o destino,  
homem reduzido aos elementos primevos.

Não há descrição que valha.  
Esta temperatura ultrapassa o meteorológico,  
esta comunicação não deseja destinatário,  
basta-se como fluxo e refluxo da eterna mensagem.  
Ressaca, agora que me sinto banhado de energia  
imagino as águas genésicas do mar húmido,  
ouço vozes em lengalengas vadias  
contarem as tragédias típicas do mistério,

risos argivos sobem no ar, gritos de dor  
espalham-se pelo redor, toda uma história  
da presença, do oráculo, da necessária mistificação.

Em cada passo que dou compreendo o círculo,  
as figuras geométricas, o tactear infantil da ciência,  
a inteligência no seu constante esforço em vencer  
a inércia que procura esconder do homem as leis.  
É orgulho o que sinto, uma emoção madura,  
pertencer ao incógnito de tudo, à certeza do nada.  
Corpo em movimento, naturalmente prefiguro  
a harmonia dos universos, os espasmos esporádicos,  
catástrofe que espreita cada minuto intemporal.

Todas as perguntas por responder,  
e no entanto, todas as perguntas afastadas,  
inúteis, esquecidas no caixote do lixo da hora,  
sem necessidade de solução. Estou tão perto,  
tão próximo de quanto me é, que o longe assoma,  
arrebol sanguíneo da pacacidade fugitiva,  
horizonte onde se escreve a ausência como testemunho.  
Não preciso de compreender. Basta-me sentir o limite,  
não como a precária prisão, mas como um consolo.  
Lutei para quê? Talvez para poder hoje viver  
este homem que sou, neste preciso e astral momento,  
movimento de sentidos sentindo a distância infinita.

8/7/83

### PERDER A CABEÇA

Tão bem me sinto que posso sentir a respiração  
do universo, seus sopros confundindo-se com o ar leve  
que entra e sai no meu corpo satisfeito.  
Posso mesmo inventar que estou no centro do mundo,  
enviando e recebendo as mais díspares mensagens,  
luz em perpétuo movimento, apagando e acendendo,  
pulsar terrível da solidão primeira.

Outros sentiram o mover da terra.  
Experiência única: fechem os olhos, o corpo estendido,  
lancem os sentidos para fora, sobretudo a totalidade  
do espírito: esperem em segundos de pleno exterior  
as falas das coisas, os ventos e as brisas,  
o ruído das plantas no parto do crescimento.  
Ouçam: quando atingirem, num esforço sobre-humano,  
a natureza do próprio silêncio, retenham a respiração:  
cai-vos, num súbito alçar da consciência, a esfera,  
sístole e diástole, o coração na boca e no sexo.  
Um relâmpago tomará a forma de resposta:  
os contrários encontrar-se-ão, a dualidade  
deixa por segundos de guerrear-se: alto e baixo,  
dentro e fora, nascimento e morte: harmonia total.

Muitos enigmas serão descobertos.  
O porquê da semelhança orgânica entre sexo e palavra.  
A razão obscura que liga o movimento ao nada.  
O laço dramático entre a consciência e o fogo.  
Tudo isto num ápice, tempo sem tempo, buraco sensual  
onde o mundo recolhe ao espelho devolvendo a sombra,  
não a imagem que tanto nos incomoda na vida.  
Como se houvesse um avesso em cada manifestação,  
figura, não contrário, mas fazendo parte da única essência.  
Daí a implosão paralela à explosão, o movimento  
das águas do mar lambendo os lábios secos da terra.  
Daí a profunda sexualidade navegando o cosmos.

Será que o sol me faz perder a cabeça?  
É uma paixão, súbito desejo de rever a vida  
com olhos capazes de conterem o olhar perdido,  
o olhar achado no acaso dos destinos proféticos.

8/7/83

## APELO E VOZ

Que sopro de loucura perpassa este momento  
para que sinta a música como um aviso transcendente  
transformando-se em apelo e voz pessoais?

Sou o dia, a luz estrepitando no bojo canhestro  
do sentimento que eclode, tábua rasa.  
Sinto-me? Todo o cerco deste fora fere e fura  
a minha disposição ignóbil para catalogar.  
Não se trata mais de ver. Nem de sentir.  
Sou a aparência, o riso veraz de quem, por sofrer,  
lança ao vazio do significado o outro lado  
do desespero. Áugure piscar do olho,  
a realidade este inolvidável suceder de tudo  
quanto nos procura, nos apaga, nos enaltece.

Hora para o inefável. Não como dificuldade,  
mas como desejo feito imagem da contradição  
que assola e assoma nas margens do entendimento.  
Sou este silêncio precípito, palpitar insensível  
da imanência no lugar onde o corpo se descobre.  
Minto? É possível. Ruflo de pensamentos no céu  
da insone ignorância, querer estar que significa?  
Medo do desconhecido? A morte ressupina abala  
as convicções mais drásticas, mas vale a pena?  
Por que não dar uma chance ao que se desconhece?  
Para quê atribuir estados anímicos ao frio?  
Viver exige do homem uma história do além?

Inerme escrevo este contrário de cerne,  
tudo bóia à superfície, sensações de ontem  
como percepções de agora, para quê interiorizá-las?  
Que necessidade temos de saber a experiência?  
Sinal sobrevivente do mítico dealbar da espécie?  
Pensámo-nos civilizados, eis-nos, diante o macaco,  
envergonhados pela semelhança que não permite ilusões.

Então, para crescermos, inventámos a morte.  
Ninguém mais o fez. Agora, subimos as escadas  
da evolução, sofremos quanto criamos, perecemos  
na verdadeira acepção da palavra. Os únicos,  
aqueles que para viver precisam do seu contrário.

9/7/83



## EM MOVIMENTO

Na tessitura da vertigem largo fogo,  
espero ileso as consequências do acto,  
a palavra enlouquecendo de febre infrene,  
o sentido desfazendo-se sem encontro.

Halo terrível, sussurro diluindo o apogeu,  
exotérico mecanismo da delinquência, a paz  
pulverizada em galáxias de medo, planetas  
rodando no frio azul do universo fruste.

Anódino olhar, fazer a revisão do desastre  
não leva a nada. Que leis governam? Há-os  
capazes de invenção, dizem com palavras  
as armas da contradição, têm sucesso alto.

Outros, demiúrgicos e manchegos, exploram  
a explosão, atingem eventuais simulacros,  
pintam de dor a parede branca da inocência,  
provam o gosto furibundo do crime contumaz.

Nunca serão reconhecidos. O saber esbarra,  
não encontra a solidez da regra, o hábito  
como manifestação do génio, pelo contrário,  
dirá que nada existe no círculo estético.

A obra que me interessa não tem presença.  
Não se apalpa, não se vê. Não servirá nunca  
para pretexto da inteligência do outro,  
quanto muito, destruirá a autenticidade.

Daquele que pretende ler o ilegível,  
descobrir debaixo dos escombros a razão,  
a luz de um hipotético ser central.  
Nebulosa, a obra permanece em movimento.

Ninguém a pára. Ninguém saberá encontrar  
o núcleo, todos rastejarão na cauda leitosa  
das pistas que surgem e desaparecem.  
Frustrante, permanecerá virgem e possessa.

9/7/83

## SEIS SONETOS SALSOS

## FULGOR TERRÍVEL

Paroxismo anagógico: fulgor terrível,  
sentir a estranha lipofrenia mover-se  
como animal acossado diante do exequível,  
gritando asteísmos ao desejo de ser-se.

Amenista disposição para a tragédia:  
olhar misoneísta desfeito no raro clarão  
onde explode a vulgívaga razão média  
de quem desconhece o sentido da ustão.

Concussão multíloqua escrevendo vida  
no papel exógeno do destino pressuroso:  
este sangue sucedâneo da vindicta lida  
no horizonte percluso do mundo doloso.

Presença invisível do testemunho prévio,  
espanto de quem encontra o fim dévio.

10/7/83

## MORTE ALGOR

Estilicídio a vida, proditório engano  
acumulando de memórias a exiguidade,  
corpo hígido da ilusão que ano a ano  
cresce como uma trépida necessidade.

Tempo: procura arreitada do eufemismo,  
consolo do aticismo para a morte algor  
que no fim espera, vertigem do truísmo,  
espasmo apedeuta diante da ínsita dor.

Enquanto o corpo acha no prazer a via  
que não leva nem traz, apenas reitera  
a premonitória equanimidade da agonia,  
prefiguração ambígua que a carne gera.

Mistério reluzindo na lâmina dum sabre,  
a morte interrompe a vida quando a abre!

10/7/83

## ACENO

Mar malícia, tuas águas aniversariantes  
fazem lembrar leptologias, lábios nus  
dizendo paixões, desejos, gestos anelantes,  
intenções fluctívagas alçando-se à luz.

Salso vislumbre do sol vivido vagina,  
o corpo tálamo de sensações capitosas,  
o espírito diante da evagação esurina,  
capaz de acender em fogo almas morosas.

Calor cupidinoso sulcando o vasto destino,  
humidade primeva, imensidão do começo,  
em ti descubro perplexo o vagido fino  
que me leva, vígil, à humanidade que teço.

Em ti reconheço a origem da desmedida.  
Em ti procuro este aceno da despedida.

13/7/83

## ASSEMIA

Mitridático sentir quando a hora eubiótica  
jaz plena no roldão de tudo. A casa mussita  
presciências, diz a história, tela epulótica  
onde a consciência do homem nativo medita.

Franqueável, o corpo presente outra viagem,  
ouve horríssonos arquejos, vinda inexorável  
do nada como construção, hora da vassalagem  
que se deve à imaginação nua do irremeável.

Levanta-se o homem detruso, arte da assemia,  
até encontrar o branco da parede assidente.  
Aí escreve, numa língua fluxível, a alquimia  
sem verbo, o vagido horrível da voz ausente.

Sentimento do grito que se afoga no espaço,  
eis o que resta: este poema, interciso traço.

13/7/83

## PODER

Vítima inexaurível do poder calamitoso  
tento, num gesto esplenético, sobrepujar  
o ódio venéfico que sinto, para, curioso,  
atingir o mistério de quem quer mandar.

Que necessidade ábdita habita o desejo  
daqueles que pretendem a posse emética  
dos outros, quando, embotados e sem pejo,  
ignoram as mais suasivas leis da ética?

Só a falta explica o incoercível crime.  
O vazio, a orexia, a assexuada distância  
transformam a ignomínia em sublime,  
dão ao depauperado sujeito importância.

Incapaz de amor, cabe ao poder bafiento  
exigir dos homens o seu letal alimento.

17/7/83



## CONTRADIÇÕES

Eis-te diante da sociedade ancilosada,  
esperando o veredicto, caos arrivista  
onde o pior do indivíduo reduz a nada  
quanta inteligência obvia o misoneísta.

Exigem-te conforme às leis paliativas,  
oferecem-te um destino mascavado, edaz,  
obrigam-te a ulular erísticas altivas  
quando o que procuras sacraliza a paz.

Não há saída. Dói perceber como a vida  
depende da estultice, do ódio sibilino  
daqueles que são a prepotência sabida,  
disfarçada, pelo poder, em heróico hino.

Maioria cega de contradições arcaicas,  
reduz-se a sociedade às onomatopaicas.

19/7/83

## RECOLHA DAS CINZAS

## CEGUEIRA METÓDICA

Alacridade víscida da natureza, teu regalo  
perpetua-se no sentimento com que construo  
minha ausência, a distância navega este halo  
onde me insurjo contra a maré do que destruo.

Fogem de mim espantos anacreônicos, que sensual  
desmaio prefigura o cântico do universo? Pletórico  
desvirtuo o exílio da linguagem, crime total  
para quem desmerece o vislumbre do riso histórico.

Não pensar não será a melhor maneira de viver.  
Mas deixar as rédeas libertas em contradições  
faz aparecer o mundo ctônico onde o prazer  
descobre, perplexo, a finalidade das libações.

Em toda a palavra há um vinho, uma bebedeira,  
basta ler com olhos de incêndio o líquido azedo  
que transmite ao mito a fulgurante lição ordeira,  
o esquema telúrico da metamorfose do medo.

Vaguear sem sentido significa sentir o percurso,  
as fímbrias inodoras do deslize onde o sexo duro  
encontra a vagem, o silêncio quente do curso  
que tomam os delírios mais perto do futuro.

Viver, viver, canta a ignorância do homem autarco,  
um saber desfaz-se de encontro ao mádido desejo,  
catapulta de sons subindo e descendo em arco,  
história impossível da queda venéfica onde me vejo.

Dá o quê, quem basta? Age como, quem desconhece?  
Afã terrível, sentir quanto se perde no epulótico poema,  
ver o declínio transformando-se em fogo, imagem refece  
desfigurando o entendimento num óptico problema.

Cegueira metódica, teu labirinto arde, abre a loucura  
quanta janela não dá para o ser. Resta a suave aragem,

a presença benéfica da natureza, a súbita cura  
para quem escreve o contrário: amor e mensagem.

19/7/83

## LONGÍNQUO

Um desgosto abstruso propala em mim  
quanto soffro. Tão velho e ainda incapaz  
de reconhecer a casa alvinitente. Mundo  
em toda a parte, esse espelho despiciente  
reflectindo o vazio da condição humana.  
Não caber nos limites das leis, eis o mal.

Regresso do dever social, o trabalho árido  
desfazendo quanto sou e suo. Desiludido,  
espero apenas a hora do delírio, o vinho  
onde a imaginação poderá navegar horas.  
Dignidade do homem? Dão-nos conselhos  
e exigem-nos todo o amor da escravidão.

Há muito disse não. Há muito atravessei  
as fronteiras, beijei o crime do miserável  
dirigido ao poder circundante, há muito  
descobri os mecanismos do progresso.  
Se não saio do casulo é por medo, ferir  
a eternidade dá-me inexoráveis vômitos.

Segrego este fruste desprezo, este ódio.  
Por quantos não sabem ser, ignorando, rapaces,  
a luz que faz dos objectos e das coisas  
um chamamento capaz de chama. Architectos  
da matéria, não do seu gozo ou da sua carne,  
querem fazer do olhar mais um mecanismo.

Dizem-se a abundância. Em festas demófilas  
explicam a origem e o fim, o rendimento  
do suor alheio. Ganham algum brilho, ouro  
saindo da boca quando o riso é demente.

Pensam-se universais e criadores, algozes  
dos imbecis que nasceram para a fogueira.

E eu no meio do fumo, do fogo que me lambe,  
me arranca quanta substância se muda  
em espírito. Cercado de homens liberticidas,  
no apogeu do exílio, resta-me a vergonha.  
Ou o mito. Querer-me longínquo, queda  
na terra do desperdício, luz no sol altívolo.

19/7/83

### EQUILÍBRIO

Haverá sempre este momento, paroxismo  
da memória quando a totalidade explode  
nos mil fragmentos em que se quebra  
a luz. Despedaçado o sentimento, resta  
subscrever os testemunhos esporádicos:  
cinzas da fogueira onde arde o destino.

Vivi, talvez pela primeira vez, a paixão  
das formas, o contorno do limite, as fugas  
como transgressões capazes de criarem  
um esplendor em mim. Senti, fibra a fibra,  
viagem interior, quanto sou, quanto passo,  
os olhos esbugalhados pelo silêncio vivo.

Admito que sofro não merecer a sabedoria.  
Há muito deveria fazer parte da natureza,  
continuo este corpo sem saber a língua.  
Arrasto meu olhar perdido pelos objectos,  
neles achei o fulgor da presença, neles  
busquei a salvação para o caótico vazio.

Louco! De ilusão em tropeção deslizei  
como uma boca que profere apóstrofes,  
chamei as forças do universo, colmatei  
com a inteligência os esquemas errados

do ser. Ganhei, perdi? Aqui, longe de tudo,  
soube, ao menos, compreender o meu brilho.

Nunca ninguém mo roubará. Valho enigmas  
para os outros, talvez algum desprezo,  
mas só eu percorri as cláusulas do medo.  
Só eu respirei o ar deplorável do nada,  
falei com paredes míticas da civilização,  
senti pulsar quanto sol vibra em mim.

Falta-me encontrar o equilíbrio social.  
Descobrir com que leis me afastarei ágil  
do crime. Viver traduz-se pela escravidão  
de horas, estas idas e vindas dos locais  
onde se perde a dignidade nunca humana.  
Preciso pois de mudar a minha natureza.

20/7/83

## FICÇÕES

Explode no silêncio da casa fértil esta música,  
lentidão dos sentidos gozando quanto passa,  
quanto surge na consciência ferida. Em frente,  
a parede pede-me explicações, palavras viáveis.

Apetece-me dizer tudo quanto sei. Fender o ar  
com canções terríveis, na voz profana do medo  
com que enfrento o destino, suas regras, leis  
deploráveis que não compreendo nem assumo.

Mas uma sensação anódina espalha-me todo  
pelo olhar, vale a pena, repito-me, vale a pena  
transformar a poesia num lamento, numa consulta  
cujo oráculo há muito feneceu diante do homem?

Antes o vinho. O esquecimento. Antes a morte  
temporária, desaparecer, afundar-me, fundir-me  
ao diapasão do redor, este corpo envelhecendo,  
este espírito aborrecido com tanta dualidade.

Que saberia dizer? Que superfície do ser,  
que profundidade alcançaria? E para quem?  
Interessam-me os outros? O que pensam de mim?  
Descubro que só eu significo o mítico outro.

Então, é pura verdade, uma paz benéfica abre  
o sentido deste momento, começo paulatinamente  
a sentir estranhos fluidos, como se o corpo  
pretendesse dizer as suas razões, seus instintos

Calo-me. Quero dizer, deixo de escrever, de fingir.  
Gozo este silêncio como uma profanação, rímula  
no caos onde a experiência me tem vivido: respiro  
a ausência independente dos símbolos, anulo-me.

Sabe tão bem estar, viver assim, assim! Tão bom,  
eu e o mundo, o mundo em mim, eu no mundo, verso  
esplenético, fulgência da metamorfose esparsa  
com que me liberto do horror da minha presença.

Nas palavras mais difíceis acho-me. Soletrar  
anfígamo, périplo, dédalo, que alegria! Ser capaz  
de sentir como essência os fenómenos, elaboração  
trágica da necessidade que me alaga de mitos.

Por mais que o goze, não basta ser animal.  
Levantar o olhar exige a leitura do universo,  
a compreensão íntima da respiração cósmica,  
a invenção de um perpétuo sinal além do homem.

A solidão diz: não estamos sós. Silêncios agudos  
deslizam pelos céus inodoros, percorrem o tempo,  
desfazem-se no espaço da limitação científica.  
Um poema chama a sombra, constrói o espelho.

No sol sentimos a loucura. O porquê de tudo dói,  
enraivece a ignorância contumaz, enlouquecem  
os olhares que desejam furar o clarão amarelo,  
queimadura de que meu corpo é ávida testemunha.

Horas passam, declina o astro, recolhe a terra.  
Como uma criança inventada, digo: sol, sol, sol...  
Um riso mitridático aflora a margem da vertigem,  
ouço de dentro a voz anfigúrica do desejo solto.

Sou tudo, penso. Esta planta, esta pedra, este gato.  
Nada sou, reflecto. Sei apenas que muito devo à ficção,  
à história como acumulação ordenada de génios,  
do mal como do bem, porque tudo nos é ensinado.

Eis-me pois na revolta. Então o eu não existe?  
Sou apenas uma imagem dos mil revérberos ancestrais,  
um apogeu de memórias, um cofre dos segredos  
violados pela geração onde infelizmente me incluo?

Impossível! berro. Busco o seráfico espelho, digo:  
quem sou? Onde estou? Por que sou? Tanta pergunta  
onde ninguém vive a resposta! A ciência refere-se  
apenas ao que se sabe, tal truísmo deixa-me lívido.

Leio os antigos. São antigos, não há nada a fazer.  
Compulso os modernos. Todos contam, impotentes,  
a mesma história de maneiras diferentes: ficções,  
algumas do declínio, outras do crepúsculo,

raras as da origem. De nada me servem quando servem  
para esquecer o aporismo ontológico com fantasias  
onde a imaginação descobre a possibilidade mítica.  
Então, sensual e trémulo, vou ao papel, e escrevo.

Apelos, figurações monstruosas, quedas telúricas,  
esquemas do absoluto, aterragens no seio pletórico  
daquela que será sempre a mãe, sendo eu o vagido  
que percorre os meandros líquidos da terra letífica.

Eis-me, no acto da escrita selvagem, liberta da canga,  
vindiço. Em vez de me descobrir, de me afirmar,  
nitidamente me perco, me afasto de mim para ganhar  
o alcance do impessoal eu, aventura imperdoável.



Espaço e tempo perdem qualquer significado. Ontem é hoje, como amanhã será passado, as coordenadas evaporam-se, volatilizam-se os instrumentos de medida. Mas cresce nesta incógnita de mim uma suspeita.

De onde vim? A família não explica nem me sossega. Apaga-se a memória existencial e surge a outra: vozes genesíacas cicizam catástrofes astrais, insinuem um futuro vivido, uma dimensão diferente da natureza.

Alço olhos, e aflijo-me. Meu berço rodopia silente no vazio epulótico do universo, sinto a chama do sol, verifico nas palavras que uso quanta perdição vinga, mesmo se a ambiguidade se instala no corpo.

Prisioneiro, descubro-me. Abandonado aqui, nesta terra onde espécies semelhantes labutam o dia a dia entre ignomínias e actos de heroísmo, falando a língua que não domino, que aprendo com esforço e perseverança.

A tentação, tantas vezes grande, tantas vezes infantil, de imitar passos da história aparentemente humana: Pai, por que me abandonaste? Pai, eles não sabem o que fazem. Mas essas apóstrofes não correspondem à verdade.

Há outra coisa, houve algo, algo aconteceu, eu eclodi. Não a junção de um macho com uma fêmea, seria tão fácil, tão difícil explicar assim o meu começo. Estremecimento houve na minha origem, uma faúlha terrível, um crime.

Ou um castigo. Tanto sofrimento, na mínima coisa, na ínfima passagem, como vivê-lo sem equacioná-lo? Exilado, chamo os meus, daí estes poemas desobedientes, esta obra como patético gesto de quem não é ouvido.

Não é por acaso que os habitantes desta ínvia terra não me compreendem nem me amam. Simplesmente, e como é terrível dizê-lo, e quanta alegria me dá, desconhecem-me. Seus espelhos não me reflectem.

Quanto escrevo esvai-se numa região de mim, impossível.  
Quanto digo não acha nem faz sentido na razão nativa.  
São outros sinais, para outra gente, para a família  
que perdi, sabe-se lá como, quando caí em mim, aqui.

Escreverei sempre. Não porque seja receptáculo  
de qualquer esperança, não porque não sinta o desânimo.  
Às vezes penso que estou programado, que obedeço  
a outras esferas do saber, do saber de outros mundos.

Outros como eu viveram, habitaram este sítio.  
Habitam ainda. Algo nos impede de nos reconhecermos.  
Sei que lançam fogos na noite escura, que esperam  
a visita capaz de os levar ao reino da origem.

Chamar-lhe-ão morte. Não importa. As referências,  
as palavras, não são a realidade. Instrumentos  
de trabalho, servem apenas para sugerir quanto há  
de imponderável na ficção com que nos instituímos vida.

20/7/83

Livros escritos em Mem Martins, Sintra, Portugal.